



Coração
Bandido

MULHERES COM **M** MAIÚSCULA

ELIZABETH

MAIBA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CoraçãoBandido



Mulher com M Maiúsculo | Livro 1

Elizabeth

Maiba

Copyrith@2013 Elizabeth Maiba

Todos direitos reservados. É proibido o armazenamento ou reprodução total ou parcial desta obra, qualquer que seja a forma utilizada — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Todas personagens deste livro são fictícias. Qualquer semelhança com alguma pessoa, viva ou morta, é pura coincidência.

Dedicação

A você.

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a todos meus seguidores de wattpad, por estarem do meu lado e persuadirem-me a continuar com este livro e a escrever (super) rápido.

Confesso que este foi o livro mais rápido escrito por mim, isto porque vocês sempre pediam por mais e eu, claro, vosso pedido é uma ordem.

E por fim, dar um super obrigado a D2 pela inspiração. ;)

Conteúdo

PRÓLOGO: O JURAMENTO

1: A PROMESSA

2: PANDORA

3: HUMILDE CASA

4: BLOCO VIP

5: HORA H

6: FRUTO PROIBIDO

7: O CRIMINOSO

8: SUPER-HOMEM

9: BANDEIRA BRANCA

10: A CHAVE

11: DONZELA EM APUROS

12: CAVALEIRO DE ARMADURA BRILHANTE

13: NA TOCA DO LOBO

14: CHAPEUZINHO VERMELHO

15: ESCALA DE LIMPEZA

16: O CAÇADOR

17: CONEXÃO

18: PROBLEMAS NO PARAÍSO

19: VERDADEIRAS CORES

20: PLANO DE FUGA

21: FANTASMAS DO PASSADO

22: OLÁ GREGO...

23: ZARINA 2.0

24: QUÍMICA

25: MEU HOMEM

26: ETERNAMENTE

27: O ACORDO

28: CANTO DA SEREIA

EPÍLOGO

TERMOS E GLOSSÁRIO

Prólogo: O Juramento

"... Eduardo Mapossa, pelo poder atribuído a mim, por este Tribunal, eu te condenou a 5 anos de prisão por ..."

Foi assim que o mundo da Zarina despencou.

Seu irmão, seu irmãozinho, que mal tinha completado 18 anos acabava de ser preso, e pior, mandando ao pior lugar para cumprir a pena. Uma das prisões mais bem guardadas e violenta conhecida como, a Pandora.

Falhei. Zarina fechou os olhos sentido uma dor aguda e profunda cravando no seu peito e vozes dos seus falecidos pais começaram a ecoar com desgosto, a fazendo cair dura na cadeira desconfortável do Tribunal.

Como as coisas chegaram a esse ponto? Como ela pode deixar Edu se meter numa roubada desse tamanho, ao ponto do crime ser considerado Internacional?

Como, como, como!!!

Gritava consigo mesma, presa em sua própria agonia. Afundada na cadeira com desespero do tamanho do mundo, ela rezou para que tudo não passasse de um pesadelo, ou brincadeira de mal gosto e que logo tudo...

- Zarina? - Lola chamou-a. Abriu os olhos lacrimejados e deu de cara com as suas melhores amigas: Lola e Anabelle. Pediu ajuda silenciosamente, e com um suspiro pesado, o trio se embalou num abraço.

Se não fosse por Lola e Anabelle, suas amigas desde dos tempos de faculdade, Zarina tinha certeza que já teria sucumbido ao desespero total e absoluto até agora. Sem o apoio incondicional delas ela não estaria de pé agora vendo seu irmão ser roubado a juventude.

- O que eu faço agora? - Perguntou desesperada.

Lola a encarou seriamente, o que era incomum nela. Quem a conhece, diria que é praticamente impossível a extrovertida,

brincalhona, Lola ficar séria, mas cá estava ela. Mortalmente séria.

- Você tem que enxugar essas lágrimas Zarina, seu irmão precisa de ti. Edu precisa te ver forte.

Zarina se deu conta das lágrimas que emolduravam seu rosto, com esforço e ajuda de Anabelle enxugou as lágrimas e voltou sua atenção em Edu. *Tenho que ser forte.* As palavras de Lola rodavam em sua mente.

Já mais composta, procuro por seu irmão, e não era preciso Google nem nada para achá-lo. Gritando por meu nome, atormentado e com muito medo, lá estava meu irmão mais novo. Ele lutava com vivacidade contra os policiais, tentando escapar, mas em vão. Eles eram fortes e muitos para um mero adolescente só.

Atormentada Zarina tentou chegar a ele, mas Lola e Anabelle a seguraram com força, a impedindo. Desta vez nem que ela quisesse conseguiria conter as lágrimas de escorrerem. Soluços incontroláveis tomaram conta dela.

Quando finalmente Edu acalmou-se e os policiais o submeteram, levando-o pra fora do Tribunal, Zarina gritou ao alto e bom som: - *Edu, eu te protegerei.*

Juramento. Promessa feita.

1: A Promessa

- Não acredito que realmente vais fazer isso Zarina. - *Então podes acreditar Lola*, essa era a milésia vez que Lola evidenciava o *absurdo* da minha decisão. Lancei-a um olhar exasperado.

Estava ficando cansada disso. De todos me dizerem o que eu tinha que fazer, que eu estava cometendo a maior borrada da minha vida, que existia outra forma de lidar com a situação, etc...

Mas ninguém entendia a dor de saber que meu irmão estava preso num lugar horrível, passando sabe-se lá o quê, sem ninguém para servir de amparo. Era meu dever, eu não tinha escolha. Eu prometi.

Um calafrio varreu minha espinha só de pensar no Edu, lá, sozinho.

Respire Zarina. Respire. Eu estou vindo Edu.

Dobrei minha camisola e arrumei na mala rosa aberta. Não havia mais volta, mesmo que tivesse, eu não recuaria. O emprego já era meu, com muito esforço consegui-o. Agora era só, terminar de arrumar as malas e partir.

- Zarina! - Lola segurou-me pelos ombros, travando-me.

- Lola! - Anabelle censurou Lola pela sua atitude. - Zarina sabe o que está fazendo. Se ela diz que precisa fazer isso, então ela precisa. - *Oh*, obrigada Anabelle por vir ao meu socorro.

Lola revirou os olhos num movimento exasperado, - falou a certinha.

- Lola!

- O quê! É verdade. Anabelle, logo você, me surpreende muito que estejas de acordo com essa loucura toda, afinal não és a sensata do grupo! - Lola levantou as mãos ao céu, sua herança italiana estava sobressaindo.

- Calma ai, esquentadinha. - Anabelle provocou. - Eu só estou dizendo que se Zarina acha que deve fazer isso, que faça. Se isso a trazer paz, eu estou no time: vai em frente.

- Eu desisto. *Ndanenta!* - Lola sentou-se na cama dramaticamente. - Duas contra uma é dose. - Resmungou.

- Lola, nós já conversamos sobre isso.

- *Conversar*, Zarina? Declaraste que irias a este lugar denominado por Pandora— curtam só o nome— e não queres ouvir opinião de ninguém.

- Lola. - Anabelle tentou intervir, mas Lola não deixou. Coitada da Anabelle, sempre servia de juiz entre nós.

- Sei que nada que eu disser vai mudar sua decisão— apesar de claramente não concordar com ela— mas saiba que, se algo der errado, ou a coisa fugir do seu controle. Não tenha vergonha, corra, fuga, voe, mas volte pra casa. Você não estará abandonado Edu, eu não conheço nenhuma outra pessoa que deixaria sua vida assim, do nada, pra ajudar seu irmão. Você está sendo muito corajosa Zarina, eu só quero que a Mulher Maravilha saiba quando retroceder e reavivar as forças.

Não deu para evitar, sorri. Só Lola para me fazer sorrir numa hora dessas. Abracei-a sem aviso, e Anabelle se juntou ao grupo. Como sentiria falta disso, delas, mas meu sacrifício era necessário. Pelo menos nos primeiros anos de prisão de Edu.

Depois... o futuro a Deus era reservado.

Soltei um longo suspiro e fechei os olhos, sentido o caloroso abraço das minhas amigas, memorizando cada detalhe, guardado cada memória, estimando cada segundo de liberdade.

Pela primeira vez doeu, meus olhos piscaram, lágrimas a beira do colapso.

Doeu por eu ter que deixar meu maravilhoso emprego, que amava.

Doeu por eu ter que deixar meu pequeno, singelo apartamento, mas confortável.

Doeu por eu ter que deixar meu lindo país, Moçambique, que apesar de tudo amava.

Doeu por eu ter que deixar meus amigos, que eram poucos, mas verdadeiros.

Doeu por eu ter que deixar Lola, Anabelle, minhas amigas, irmãs e companheiras das horas boas e más. As pessoas que eu tinha

absoluta certeza que sempre estaria do meu lado, não importa o quê.

- Ai, para, se a gente continuar assim, eu choro. - Lola separou-nos, com lágrimas nos olhos.

- Limpa essas lágrimas de crocodilo, sua fingida. Sei que tá doida pra se livrar de mim. - Brinquei, tentando amenizar o ambiente. E resultou.

Começámos a gargalhar sem razão aparente, algumas lágrimas até escorreram, mas não demos importância.

- Podes crer que estou. - Essa era a Lola que eu conhecia, sempre com um sorriso radiante, que combinava com sua beleza esmagadora.

- Sua *muanâmbua!*

- Quem dá nome, chará é.

Fogo, como eu iria viver sem isso, sem Lola para me fazer sorrir, sem Anabelle para amenizar minhas loucuras? Não éramos um grupo perfeito, mas éramos unidas.

Lola era a beldade do grupo, com seu cabelo selvagem de cachos natural até aos ombros, corpo de viola, sonho de qualquer homem. Podia parecer superficial, mas era uma brilhante empresária.

Anabelle, ah, a tímida Anabelle. Essa menina era inteligente de dar inveja Einstein. Eu e ela estávamos na mesma área. Mas ela em *Web Development* e eu *Software Programming*, mas era tudo informática. Anabelle era uma mente brilhante, não é a toa que acertou um mega job em Rússia. Quem me dera viajar a um país tao lindo e repleto de história e cultura, no meio da europa.

Você fez a sua escolha.

Eu sei...

Do nada, alegria transformou-se em tristeza, e minhas lágrimas brotaram.

- Zarina, - Lola abraçou-me, espantando a tristeza. - Não se preocupe, tudo vai dar certo, confia em mim. Quem sabe se não conheces um sexy Michael Scofield por lá, e acabas fazendo um *Prison Break*, que nem a Sara.

Isso foi demais, não deu para não rir. Só Lola mesmo. Soltei-me do seu abraço e sorri incredulamente. Anabelle só abanou a cabeça.

- O quê? É possível.

- Eu acho pouco provável Lola, aquilo é ficção, não realidade, além de que, o cara é gay na realidade.

- E daí?

- Nem vou discutir contigo.

Lola bufou, - e você, "Miss Rússia" - desviou sua atenção a pobre Anabelle, que ascendeu os olhos pelo novo apelido, - quem sabes não conheces um Príncipe por lá, e te tornas a próxima Diana.

Não aguentei, comecei a gargalhar descontroladamente. - Isso só pode ser piada, não?

Percebi como Anabelle esquentou de vergonha nervosa. A garota era linda, mas tinha sérios problemas em relação a sua beleza. - Não que Anabelle não seja linda. Mas duvido que uma negra seja aceita nas monarquias europeias.

- Olha o preconceito.

- Não é preconceito. É verdade. Casais inter-raciais não são vistos com bons olhos no mundo, então imagine uma princesa negra.

- Certamente iria badalar a monarquia. - Lola deu uma risada infantil. Incorrigível. Do nada ficou séria, sua carinha bonita enrugou. Que foi?

- Tens razão. Grande exemplo é minha mãe...

Calamos por um segundo. Lola tinha um historial completo com esse tipo de caso, seu pai era um italiano de uma família bem-conceituada que se apaixonou pela sua mãe, que pelo simples facto de ser negra fez sua família deserda-lo por desobedecê-los.

Em que ponto chegamos.

- Que caras são essas. Champanhe pra todo mundo aqui. Não quero ver ninguém com cara de enterro. Hoje é dia de festa. Vamos ao Coconut dançar, beber e se divertir. Nossa última noite juntas, têm que ser memorável! - Como sempre Lola amenizou o clima.

Com drinques nas mão, Lola perguntou, - a que brindaremos?

- As novas aventuras. - Respondeu Anabelle surpreendendo todo mundo pela escolha das suas palavras, pois "Anabelle" e "aventura" não se enquadravam na mesma frase.

2: Pandora

Como eu vim parar aqui?

Essa era a pergunta milionária que fazia-me todos os dias ao acordar neste purgatório. Quando a realidade me assolava. Sempre envolto dentro de 4 paredes, quer dizer tecnicamente 3, as grades não contavam como parede.

Sempre me sufocando.

Calma Dante, você consegue.

Quem eu estava tentado enganar, eu já não aguentava mais. Só tinha-se passado dois míseros anos da minha pena de dez anos. Como eu iria aguentar mais oitos anos, só Deus, melhor dizendo, só o diabo sabia.

Porque eu estava na sua casa, a Pandora — alcunha que deram esse lugar esquecido, onde Judas perdeu as botas e acredite em mim, não foi em vão que esta prisão recebeu o nome de Pandora, isto era o inferno na terra, literalmente.

Presidiário Internacional da Interpol, este era o nome oficial deste lugar. Feito especialmente para os pesos pesados do crime, que assombravam o mundo, dominando o mercado negro. Tipos como eu.

- Compadre acorda. *El rey y el príncipe* a caminho. Parece que temos visitas hoje.

Rico, outro infeliz. Esse mexicano não me deixava em paz.

- Dante. Vamos lá - soltei um suspiro exasperado. Já que o infeliz não ia-me deixar em paz, melhor coisa era acordar. Sentei-me na minha mísera cama.

- Porra, Rico, estou pouco me cagando pra quem está vindo, só quero um, *um* mísero minuto de silêncio, paz. É pedir muito?

Ele deu de ombros, contracenado uma cara gozada. Típico. Ele se divertia em me irritar.

- Sério agora, Dante. Minhas fontes dizem que teremos aumento de pessoal aqui. Tens noção de como isso complica nosso plano. - Rico ficou sério. Então a porra era séria.

Ricos e suas fontes. O cara estava sempre dentro de tudo. Ter Rico como parceiro aqui dentro era necessário, um bom negócio, mas as vezes... dava vontade de espatifar sua carinha bonita.

Passei a mão pela cara, - quem é? Outro prisioneiro? Não houve nenhuma luta recentemente. Se bem que as coisas estão estranhas. Aquele novo garoto apareceu do nada, assim num *puf*, e agora isso. Qual é do Gregório?

- Não sei. Mas aquele *borracho* não tem pinta de bandido. Aposto que nem sabe segurar uma arma. Ele não representa perigo.

Olhei para Rico, com uma sobrancelha levantada. Esse mexicano era sempre desconfiado de tudo e todos. Podia pousar de amigável e extrovertido para todo mundo, mas não passava de uma fachada, poucos conheciam o verdadeiro demônio que residia por dentro.

Não era a toa que ele estava aqui, no pandemônio. O centro do inferno, o núcleo da brutalidade, onde os mais aterrorizantes demônios se encontravam, talvez se os infelizes soubessem o que o Bloco VIP realmente era, pensariam duas vezes antes de se matarem para conseguir um lugar aqui.

- O *borracho* deve ser filho de um chefão de alto escalão. E acho que temos que de estar de olho nele. Porque ninguém entra aqui, sem passar pelas provas. E você sabe disso.

Rico ficou pensativo, depois acenou analisando. - Tens razão Dante, mas depois compadre, agora temos que nos apresentar, antes que Foca venha pessoalmente nos buscar. - E com isto Rico saiu da minha cela.

Tsc. Sem me importar em colocar camisa, sai assim mesmo de calças, que era igual a de todo mundo aqui, azul jeans escura. Não dava para dar mole e dormir folgado, poderias acordar com pênis empalado fundo no seu traseiro, e se tornar a próxima puta. Apesar de o Bloco VIP ser mais relaxado, não deixava minha guarda baixar, nunca.

- Finalmente as princesas decidiram se juntar a nós. Como foi a noite Dante?

Essa era a Foca, sempre com seu jeito abusado de dizer as coisas. Mas todos nós já estávamos habituados. Ela era

resmungona, mas uma das melhores guardas aqui, e isso era dizer muito, talvez seja pelo facto de ser mulher, e uma bonita por sinal.

Sua pele escura era um alto chamariz e se tirássemos o horrendo uniforme, possuía umas curvas bem generosas, mas ninguém se metia a besta com ela. O último cara que tentou alguma gracinha com ela, acabou sem seu brinquedinho, literalmente.

Simplesmente acenei a Foca, como reconhecimento do seu cumprimento, ela bufou. - Como sempre Dante, calado. Bem meninas, em fila. Vamos. Depressa, depressinha.

Coitado do marido dessa mulher, ela gostava de comandar. Talvez na cama ela era mais submissa. *Dante...* clareie meus pensamentos. Apesar de estar com saudades do corpo feminino não iria ficar em maus lençóis com Foca, não valeria a pena. Minha paz valia muito mais que prazer de 5 minutos, bem... talvez algumas horas. *Dante!*

Também, também.

- E eu, não mereço um bom dia *chica*? - Perguntou Rico todo animado, namoriscado Foca, esse mexicano não aprendia.

Foca parou por um segundo, virou lentamente e lançou-lhe um olhar que dizia para calar ou... Rico esboçou um sorriso PRETENSIOSO, sedutor, e entrou na fila, piscando para ela. Foca abanou a cabeça e voltou a organizar o local, pelos vistos alguém importante estava chegando.

A dinâmica de Foca e Rico me deixava intrigado. Ela não dava liberdades a mais ninguém a não ser Rico, acho que no fundo ela gostava dos avanços dele. Só pode. Teve até algumas vezes que a peguei sorrindo, depois de uns comentários picantes do mexicano.

Também não era para menos, Rico era um caro agradável a vista feminina, via como as mulheres daqui do presidiário soltavam suspiros quando ele passava, elas adoravam o tempero picante que ele possuía.

Seja lá o que "tempero picante" significava.

- Porque todo teatro Foca? - Como sempre, Rico foi o único a falar entre os rapazes.

- Carne nova no pedaço rapazes, vocês vão gostar. Mas lembrem das regras, nada de brincadeiras fora de hora. Ela pode

não ser tao tolerante quanto eu. - Bufeí, sem querer. Tolerante? Foca? Talvez só se for para Rico. Mas o que ela disse deixou-me curioso. Outra guarda feminina entraria no sistema, não sei se isso era bom ou mau.

A maioria de mulheres aqui, para ser delicado, não eram nada agradáveis a vista. Não dava vontade de sequer bater uma pensando nelas. Então seja lá quem for que estivesse vindo, não ia mudar muita coisa.

- Ela vai trabalhar nesse bloco, então respeito com ela, rapazes. Trateiam como se ela fossem vossa irmã. Nada de gracinhas, vocês sabem as consequências...

E ela não precisava salientar quais. *Mais tempo na casa do cão.*

- Agora silêncio, o Director já chegou.

Todos calaram instantaneamente, ficando rijos como pedras, só o garoto novo parecia um pouco fora do lugar, ele tinha sido transferido a poucos dias para aqui, do nada. Coisa que nunca aconteceu.

Foca o trouxe e avisou para todo mudo ficar longe dele, que ele era uns dos protegidos de Musafa, e todos acataram. Meus pensamentos sobre o garoto voaram, quando Gregório, e desgraçado do James, ou melhor dizendo, Simba, entraram. Como sempre James com aquele sorriso sádico na cara.

A primeira coisa que chamou minha atenção foi rosa, *rosa*? A quanto tempo não via essa cor. Sapatos rosas super femininos ascenderam aquele chão morto. E meus olhos foram subindo, calças jeans abraçavam um lindo par de pernas, um casaco preto emolduravam uma cintura fina digna de devoção, seios médios, nada mal.

E mais para cima um belo rosto inocente me cumprimentou, lábios rosas exuberantes, nariz arrebitado, óculos de vista que escondiam doces globos escuros, cabelo curto preto liso até as bochechas, tudo isso ornamentado por uma impecável pele chocolate.

Estou na merda, todo esse pecado, aqui? Isso não ia dar certo. Ofeguei tomando tudo dela. E meu membro não deixou passar esta beleza, ele saltou a vida, não era para menos depois de tanto

tempo sem algo digno de levantar uma erecção, ela era como água no deserto Sahara.

Quando ela sorriu, tudo foi para o ESCAMBAU, *tratá-la como irmã?*
Não sei não. Ela era gostosa pra' caramba.

3: Humilde Casa

- Então, o que estás a achar da nossa humilde casa até agora Zarina, impressionante não?

Impressionante não seria a palavra mais apropriada que eu utilizaria para descrever este lugar. Mas como o Director Gregório estava super orgulhoso do seu castelo cheio de *xiphoko*, decide seguir a onda.

- Sim, bastante. - Meneei, esforçando um sorriso apreciativo.

Achar que Alguém poderia achar aquele manicómio bonito, era no mínimo inquietante. Mas em todo caso, eu não tinha nada contra o Director Gregório, ele ajudou meu irmão, *mwaita bassa*.

Lembro-me como tremi de medo enquanto James e Director Gregório mostravam-me as instalações dessa "humilde casa", cada figura. Vou-te contar. Eram assobios e comentários nada apropriados que não acabavam mais. Um até foi ousado o suficiente para dizer: "venha aqui gata, não te arrependerás, e te mostrarei como se fode uma mulher de verdade."

Nossa, aquilo foi de causar náuseas. Mas James fez o prisioneiro calar rapidamente. Graças aos céus. Voltado ao presente observei o meu redor. Esta prisão era aterrorizante, grades e paredes cinzentas em todos lados.

Cantos escuros e gritos de arrepiar a espinha. Onde Edu foi se meter? Só esperava que esse tal Bloco VIP fosse melhor que o resto.

- Eduardo está no Bloco VIP, sim? - Perguntei só para confirmar.

- Sim. - Respondeu o grude de James.

Desde que cheguei esse cara não largava do meu pé. Hum, ele estava sonhando, se achava que eu iria a cama com ele.

- No Bloco VIP, onde nossos campeões estão. Podes ficar descansada que é o lugar mais seguro, da prisão— pra um prisioneiro. - Explicou Director Gregório, esboçando aquele sorriso dele de fachada amigável, mas passava exactamente a mensagem que ele queria. "Não se meta comigo."

- São 4, agora 5 prisioneiros com seu irmão. Nada a temeres. Além de que Foca estará lá pra te fazer companhia. - Terminou James.

Foca. A guarda feminina. Conhecia nos dias que vim fazer entrevista e visitar o lugar para me acostumar. Passamos pouco tempo juntas, mas ela me passou uma boa *vibe*, melhor que a do Director Gregório, e do grude de James.

- Em fim, é um lugar seguro para trabalhares.

Ah, sim. "Seguro".

Director Gregório sorriu, mostrando uma fileira de dentes brancos. Para um homem de 48 anos, ele estava com tudo em cima, sua pele negra ainda não possuía rugas. Tinha a cabeça raspada e aquele ar de lobo na pele de carneiro, que na verdade assustava.

Mas também num ambiente desses, ele tinha que ser duro. Sua pele da cor de café combinava com seu impecável fato negro, e camisa social branca, com gravata preta. Notei que era o único que não usava uniforme, além de mim. Mas era meu primeiro dia, então...

- É claro que tínhamos que guardar o melhor pra o fim. Bem-vindo ao Bloco VIP. - Director Gregório fez um gesto de cortesia exagerado com as mãos, apresentando o Bloco VIP.

Meus olhos abriram exageradamente, contemplando as grades imensas que se abriam. Era o som do corredor da morte. Adeus liberdade. Director Gregório foi em frente e James, o grude botou a mão na parte inferior das minhas costas, acompanhando-me.

Um calafrio nada prazeroso percorreu por meu corpo. Aparentemente não tinha razão para não gostar do loiro, mas como dizem por aí, simplesmente não clicamos, só sei que algo nele me inquietava.

Ele era o típico loiro, alto, de olhos azuis. Como certeza fazia o maior sucesso com as garotas, pois possuía um corpo atlético, e um corte militar *super in*. Bonito de um jeito peculiar, se gostasse de homens com ar de mafia.

Talvez foi seu sorriso sádico que activou minha antipatia, sem falar das suas tentativas fora de hora de me levar a cama.

Mas em fim... concentrei em não cair no estreito corredor, com luzes fluorescentes iluminando, aquele corredor dava impressão de ser o corredor da morte, não de dar passagem a um bloco supostamente chamado *VIP*.

Uma segunda grade abriu-se, mas esta era uma mera porta e deu lugar a uma sala de estar, bem... diria que era até charmosa, se não estivesse num lugar destes. Tinha as paredes alaranjadas, mesa de jantar, um sofá velho, claro, não podia faltar um saco-de-pancada, e um televisor no alto pendurado. Poderia não ser luxuosa mas dava para o gasto.

Meu sorriso floriu assim que meus olhos se conectaram aos do Edu, mas não repousaram nele por muito tempo—

Minha nossa! Estava num presidiário, ou numa passagem de modelo. Meus olhos arregalaram. 4 Homens destintos de sabores exóticos destacavam-se em beleza, formando uma fila.

Mas o que chamou minha atenção foi o gostosão que estava sem camisa. Babei, saliva formou-se na minha boca e engoli em seco, prendendo a respiração.

Descamisado, com porte de modelo, meus olhos fizeram um raio-X nele descaradamente, sem pudor. Era impossível virar a vista para *tudo aquilo*. Primeiro ele estava descalço, e só isso me tirava do sério.

Estava-me considerando a tarada dos pés.

Meus olhos subiram para a simples jeans gasta que abraçavam sua cintura perigosamente embaixo, o que me levou ao V da sua cintura, dividido por uma trilha de cabelinhos que desciam a um ponto onde eu simplesmente me negava a visualizar.

Ele tinha cicatrizes espalhadas ao longo do seu corpo, mas isso não diminuía a beleza do seu peitoral, se bem que aumentava, pois dizia que ele era real e não uma imaginação minha. As cicatrizes o davam um ar perigoso, sombrio, e misterioso. E essas eram as características principais que eu adorava num homem.

Seu peito nu estava criando sensações nada convenientes, então decide parar de babar e olhar para seu rosto, uma zona segura. Grande erro. Sua cara foi esculpida não feita. Só seu sorrisinho de sa-fadoooo me fez ofegar, e aquelas covinhas que sobressaíam

dando um ar angelical a sua cara sacana encheram minha cabeça se imagens explicitas.

Estou na merda. Sua pele de chocolate brilhou como isca, para que meus olhos voltassem ao seu peitoral, que com muito, mais *muito* esforço mantive no seu rosto. Não conseguindo lidar com as sensações que estavam invadindo meu corpo, baixei o olhar e sorri tentando tapar o furo, mordendo o lábio meio sem-jeito.

Com certeza a *muanâmbua* da Lola iria morrer de ir, quando eu lhe ligasse mais tarde, e dissesse que apanhei algo melhor que Michael Scofield, uma mistura de *bad boy*, com aquele vizinho sexy do lado. Ai que delícia.

Michael Scofield... fodas! A menção daquele nome trouxe-me de volta ao presente, e lembrei onde eu estava e com que tipos de pessoas estava lindando: condenados, criminosos do mais alto escalão.

Isso fez meu sorriso virar uma linha fina, e aquela nuvem de desejo clandestino dissipou do meu sistema num piscar, ainda bem. Nunca mais quero sentir algo igual. Clareei meus pensamentos e concentrei-me na verdadeira razão de eu estar aqui: Edu.

4: Bloco VIP

De água para vinho seu rosto mudou. Seu lindo rosto virou careta. Como se o encanto entre nós tivesse sido levantado. Rico assobiou, e como resposta Gregório lançou um olhar advertente, e James fuzilou.

Notei que James posicionou-se atrás da nova guarda e depositou sua mão na sua cintura, demarcando território.

Oh, o Simba estava sentindo-se ameaçado. James estava comendo a nova guarda. Eu deveria saber que uma gostosa dessas seria igual a todas outras fêmeas. Correndo ao macho alfa, neste caso ao príncipe da selva — Simba.

- Cavaleiros, está é a Zarina. Zarina este é o Bloco VIP, ondes vais trabalhar e estes são os reclusos que a ocupam. – Gregório nos introduziu, - Dolores. Você já conhece.

Foca e a nova guarda trocaram olhares, sorrindo uma para outra. Então o circo estava amardo. Isso iria virar um salão. Só Gregório chamava Foca, de Dolores — nome qual ela odiava — mas ele era o Chefão, então *Dolores* só podia engolir e calar.

- Agradeceria que os senhores se apresentassem a mais nova integrante do grupo. Digam seu nome e porque está aqui.

- Podemos começar com você, Eduardo.

O jovem rapaz engoliu saliva, visivelmente nervoso. Mas quando a nova guarda esboçou um sorriso tranquilizador o garoto acalmou como se a puta do James lhe transmitisse segurança.

Uma pintada de ciúme varreu meu corpo. O que aquele bebe tinha que eu não tinha? Claro que o garoto era bem formado e tinha porte, mas não passava de uma criança. Duvido que saberia o que fazer com aquele avião todo.

James deveria estar falhado na cama, para sua boneca estar sorrindo a todo mundo assim.

- Chamou-me Eduardo, - Ó-oh. Temos um *Walt Disney* aqui. Ele congelou, com sinais de pânico. A boneca de James acenou ao garoto como se estivesse o incentivando a continuar. O garoto

sorriu a ela, respirou fundo e continuou. - E estou aqui por assalto a bancos.

A dinâmica deles me intrigou, algo não batia aqui. Aqueles dois se conheciam. O burro ainda se apresentou como se estivesse na escolinha, e para piorar demonstrou fraqueza.

E não fui o único a perceber. Os olhos falcão de Izake brilharam maliciosamente com interesse. Teria que dar umas dicas a esse garoto, se não ele iria acabar como uma cadela.

Além de que, que raio de banco ele roubou para parar aqui!

Não tive tempo de ponderar minhas dúvidas, o Japá sinistro continuou com o desfile. - Tay. Mafia.

E era assim que você se apresentava. Os olhos da boneca de James arregalaram incrédulos. *É boneca, o mundo não é cor-de-rosa não.*

- Izake. Tráfico de órgãos.

O exterminador falou. Exterminador, como era conhecido o congolês. Deu até vontade de rir da boneca de James. Ela quase desmaiava. Como Gregório esperava essa fragilidade guardar demónios. Isto acabaria com ela no primeiro dia. Pandora não era para fracos.

A boneca aproximou-se do seu mestre, procurando conforto e claro, James bancando a porra de um príncipe encantando a assegurou numa falsa protecção. Cavaleiro de armadura brilhante, uma ova. Aquele aí era mais frio que o polo norte, e todos sabiam, e o engraçando era que ele não fazia questão de esconder o quão sádico ele era.

Mas só pelo facto de ele estar pondo aquele todo teatrinho, indicava que esta era especial. E me deu uma vontade louca de roubar sua propriedade, só para ver sua crista cair.

Dante...

Okay. Iria-me comportar. James tinha muito poder aqui, mas se ele... *Dante!*

Já disse que vou-me comportar. Só to avisando. Ai de James...

- Rico. Tráfico de Drogas.

E sendo Rico, Rico. Não podia deixar de piscar para garota, que abaixou a cabeça, claramente sem jeito. James não tardou a

lançar-lhe um olhar mortífero, “se olhar matasse...”

Essa mulher confundia, seu jeito e comportamento me diziam que ela era do tipo inocente, daquelas que você tinha que cortejar, e não dava nos primeiros três meses, só para a considerares material de casamento.

Mas o facto de ela estar trabalho *aqui*, e ainda por cima fodendo James deixava-me confuso.

- Dante? - Gregório chamou-me atenção, com uma sobrancelha inquisitória ao mesmo tempo que Rico esmurrou-me na barriga. Nada forte, mas pegou-me desprevenido. Essa que me faltava. Eu nunca perdia o foco, muito menos por uma mulher.

- Dante. Tráfico de armas.

Ela ofegou, claramente transtornada. *Quebrei o encanto princesa?*

- Bem agora que todo mundo já conhece todo mundo, podem voltar a vossa rotina.

Gregório dispensou todo mundo e se retirou sem olhar para trás. James seguiu com sua boneca, mas não antes de ela lançar um olhar preocupante ao garoto novo. Ele sorriu tranquilizando-a. Sem dúvidas, esses dois se conheciam, só tinha que descobrir de onde e qual era seu relacionamento.

Obcecado, hein? Nem um pouco. Estar a par dos assuntos era parte essencial de minha sobrevivência, a única vez que desliguei vim parar aqui. E não cometeria esse erro duas vezes. Além de que aquela mulher influenciaria no meu plano. Como o velho ditado diz, “esteja perto do seu amigo, e mais ainda do seu inimigo.”

E só por ela estar do outro lado, tornava-se automaticamente minha inimiga, sem falar no factor: James. Duplo perigo.

- Caramba! Vocês viram aquela *mamacita*.

Foca revirou seus olhos, num jeito exasperado. *Hum, eu cheiro ciúmes.*

- O quê! Ela tem uns *chichis* bem generosos.

Ah, tinha que concordar. A garota foi abençoada com um par generoso de seios, se bem que tudo nela era superlativo. Contudo o garoto não gostou nada, nada, do comentário de Rico, qual era a dica entre esses dois? Parecia ofendido como o comentário. Mas

não reagiu, além de fuzilar Rico com o olhar. Saiu da sala e trancou-se na sua cela. Era sempre assim. Sozinho e trancando.

Izake o seguiu com o olhar bem apreciativo. Esse garoto corria perigo. O Japá começou sua sessão de Yoga matinal, juro que ele só sabia fazer isso. Contudo não era ninguém para julgar, cada um com suas manias.

Não estava com vontade de assistir nada, e nem de caçar moscas naquele sofá velha então dirigi-me a minha cela, Rico me seguiu. *Porquê não estou surpreso.*

- As coisas mudaram Dante. - Disse Rico sério, sem seu habitual humor falso.

- Eu sei.

- E agora?

- O plano continua.

- E ela? - Ele não precisou sublinhar que *ela*.

- Cuidaremos disso, quando a hora chegar. Primeiro precisamos descobrir tudo sobre ela. Notaste a dinâmica de James e ela?

- Notei. E achei bastante *curioso*. Um ponto que podemos utilizar com certeza. - Esse era o verdadeiro Rico, frio e calculista. - Vou angariar info. - Disse rico piscando e aquele sorriso torto malandro ornamentou seus lábios de novo.

Simplemente acenei e ele saiu do minha cela, para ir angariar a tal *info*, como ele dizia. Onde ele conseguia essa tanta informação, nem eu sabia. Tem coisas que não dividíamos com ninguém. E essa era uma delas.

Exalei fundo e deitei-me na cama, olhando para o cinzento tecto. Essa era minha vida, composta por tons de cinza. Obscuro, sombrio, pesado. Mas não por muito tempo...

5: Hora H

Tá tudo bem, não liga pra os olhares Zarina, você é mais forte que isso.

Quem eu estava tentando enganar?

- E aí, como está indo o primeiro dia? – Edu perguntou agachando-se ao meu lado. Estava trabalhado na fechadura da cela dele, desenhando o novo sistema de segurança.

Sorri fracamente, - *pior que isso...* ah tá tudo bem. - Emendei minha frase a tempo de não o culpar de nada. Silêncio reinou entre nós. - *Ninji?* - Utilizei nossa língua para suavizar o clima.

- Eu pedi pra não fazeres isso.

- E eu prometi que iria protegê-lo. Então vamos parar por aqui. Minha decisão já foi tomada, além de que eu sou sua *nana*, portanto não me questiona.

- Teimosa...

- Obrigada, - graciei, sacudindo o clima pesado desse lugar.

- Não era um elogio.

- Eu sei. - Pelo menos serviu para ele sorrir. E eu gostava de o ver assim, sorrindo.

Bonito, na sua mais perfeita perfeição. Em uma hora dessas, Edu deveria estar arrasando corações das meninas universitárias. Com sua beleza e corpo, tenho certeza que meu irmão fazia e faria muito mais sucesso. Mas não...

Clareei meus pensamentos sobre a nuvem obscura, deixando o sol brilhar novamente, buscando aspectos positivos. "*Não se chora em cima de leite derramado.*"

Como primeiro dia as coisas até que estavam indo pacificamente. Os prisioneiros não falavam muito, cada um no seu canto, além do bonito latino que não parava de namoriscar-me, mas como eu não o dava bolas ele acabou por desistir.

- Então Zarina, tudo bem por ali? - Perguntou Dolores — quer dizer Foca, ela preferia ser chamada de Foca, não sei porquê. Com um nome bonito desses, ela preferia seu apelido, mistério.

- Bem, na medida do possível. - Sorri, tentando iniciar uma conversa amigável. Afinal ela era a única mulher aqui, além de ser a única pessoa com quem eu poderia criar uma amizade. Os cadastrados assustavam-me. *Até o bonitão de peito escaldante?*

Sacudi minha cabeça tentando clarear meus pensamentos. Desde daquele dia infeliz que tive o azar (sorte) de ver aquele-aquele monumento — eu confesso — não consegui tirar a imagem da minha cabeça.

Ele atormentava meus sonhos, *só sonhos?* Melhor não entrar em detalhes. Preferia-me aldrabar que aceitar o que meus pecaminosos sonhos representavam.

- E você Edu?

- Bem, - Edu respondeu simplesmente.

Acho, não, tenho certeza que ele ainda se sentia intimidado com esse lugar. E eu não o culpava. Não sei como eles conseguiam agir tao naturalmente.

Um sino tocou sinalizando algo. Todo mundo levantou, outros saíram das suas celas formando uma fila, até Edu também levantou.

- *Onde você vai?* – Murmurei segurando seu braço.

- *Hora do almoço Zarina.* – Ele murmurou de volta.

- Ah... - larguei seu braço.

- Eu volto depois, você também vai almoçar, sim?

- Eu—

Foca cortou-me, - Zarina está na hora do almoço, vou acompanhar os rapazes pra o refeitório. Podemos ir juntas, assim eu te mostro o nosso refeitório, trouxeste comida de casa ou vais comer connosco?

- Vou comer com vocês. Mas preciso de ultimar uma coisa rapidinha antes de ir. Depois vou almoçar.

- Ficarás sozinha! - Edu interveio.

- Ninguém estará aqui, então não têm problema. - Acalmei-o, depois assegurei-me com Foca, - sim?

Ela levantou uma sobrancelha duvidosa, pensou por um segundo, depois dispersou a dúvida. - Sim. Todos estarão no pátio depois do almoço, então não vejo perigo. Mas qualquer coisa é só chamar

pelo rádio, que alguém vira ao seu socorro. Mas duvido que algo aconteça, afinal estamos no Bloco VIP, o Bloco...

- *Mais seguro da Pandora.* - Ultimei por ela, esse discurso estava se tornando entediante.

Foca Gargalhou. - Vejo que já estas a pegar o jeito com a coisa, até já a chamas "nossa humilde casa", como nosso querido Director aclama isto aqui. - Dessa vez eu gargalhei, essa mulher era interessante.

- Vê Edu. Não se preocupe, eu ficarei bem.

Mas Edu não parecia convencido, contudo ele não podia fazer nada. Em fim deu de ombros, - se você diz.

- Não demore muito não, hoje é dia de carne, e então, oh. Você já sabe. Esses homens raspam a panela. - Ela gargalhou levemente, e eu a acompanhei.

- Com certeza. Eu adoro tudo que é carne. Autentica carnívora. É só um pequeno código, assim que eu acabar, to correndo pra lá.

- Também, até já. - Acenei, despedindo.

- Pode ir Edu.

- *Zarina...*

- *Edu...*

Neste tipo de debate eu sempre vencia, não era a calha que eu a *teimosa* da família. Ele respirou exasperadamente.

- Também, mas qualquer pio—

- Eu sei, o radio. - Disse com uma voz monótona, ondulando o famoso rádio.

Em fim ele deixou-me e dirigindo-se a fila. Vi quando Foca começou a encadear todo mundo com algemas e ligar um com o outro, aquela imagem me deu calafrios. *Em que você foi se meter Edu?*

Esbocei um sorriso triste a Edu, por mais que eu quisesse estar sempre alegre para ele. Têm horas... simplesmente era demais. Ele devolveu com outro, mas logo depois começou a andar.

Observei a fila andar, um repleto comboio de modelos da MEN'S HEALTH. Caramba, estava virando pervertida. Fechei os olhos e abri de novo, levei um susto. *Ele.* Ele estava olhando-me fixamente.

Como se não tivesse passado o resto da manhã ignorando-me, fingindo que eu não existo. *E porque isso me irritava?* Preferia nem saber a resposta. Respirei fundo. Seu olhar estava produzindo um efeito nada benevolente.

Preferia quando ele me ignorava, pelo menos estava segura. Cansando de me encarar, simplesmente virou a cara, como se eu não passasse de mais uma parede cinzenta desse lugar, sem importância, monótona, e igual a todas as outras.

Fogo! Que ele pensa que é?

Não tive tempo de expressar minha raiva, a coluna desapareceu com o som de metais abrindo-se. Melhor assim. Menos complicação na minha vida. Concentrei-me no trabalho dedicadamente, passar a manhã com Edu e Foca conversando não foi muito produtivo não, apesar de agradável.

Se eu conectar o cabo de reconhecimento de impressão digital na placa ao lado do—

- Oi.

Foooooodas! Meu coração bombou de medo, quando a voz raspada soou no meu ouvido, levantando os cabelos da minha nuca. Virei rapidamente e deparei com Izake, eu acho. O que traficava órgãos de pessoas.

Aí se vai o lugar mais seguro de Pandora.

Sorte minha, justamente *o pior de todos*. Alguém lá em cima não deve ir muito com minha cara.

Subconscientemente dei um passo para trás, e ele sorriu maliciosamente. Movimento errado. Meus olhos freneticamente vasculharam por Alguém ou algo para me salvar, mas nada estava ao meu auxílio.

Engoli saliva audivelmente. *Céus*. E essa agora. O rádio! Uma luz no fundo do poço. Lentamente para não chamar atenção como Foca me ensinou, minha mão fez o caminho ao rádio, mas como uma águia caçadora, suas orbitas negras como o abismo seguiram minha mão. Seu sorriso ampliou.

Tó na merda. Ele fechou o espaço entre nós. Subjugando-me com o volume estrondoso do seu corpo. Sua posição cheirava a

predador, e eu era a coitada, burra, que-negou-sair-com-todo-mundo, presa. Meu coração queria sair pela boca, estava a beira de um ataque de pânico

- Eu não faria—

- Algum problema aqui?

Aleluia. Finalmente respirei. Dante, meu herói chegou bem na hora H. Reconheceria sua voz barítônica a léguas de distância, não precisava ver-lhe para saber que era ele, apesar de ter-lhe ouvido falar umas duas vezes só.

Não sei porquê, mas eu sabia que ele não me machucaria. Era uma certeza incerta, sem explicação, talvez pelo facto de eu o achar super bonito, bonito demais para matar uma mosca, contudo cá estava ele. Segundo ele mesmo: traficante de armas.

De príncipe encantando, ele não tinha nada, além de beleza. Mas isso não vinha ao caso. O importante é que ele estava aqui. Para me salvar.

- Não Dante, só conhecendo *a mais nova integrante da família*. - O sínico teve coragem de sorrir para mim angelicamente, sem deixar de me encarar.

Nem se deu ao luxo de ficar tenso por ter sido apanhado numa situação comprometedor, nem nada, estava calmo como um oceano cheio de tubarões. Sereno por cima, mortífero por baixo.

- Sei. - Disse Dante sarcasticamente, - Já que estamos na onda de "conhecer a mais nova integrante da família" acredito que é minha vez.

Izake finalmente encarou Dante, - Toda sua. - Virou-se a mim e disse piscando, - até mais.

Prendi a respiração. Ele estava-me ameaçando, ou eu entendi mal? Em todo caso não tive tempo de ponderar a dúvida. Dante e o traficante de órgãos trocaram olhares quentes, cada um medido o outro.

Izake flexionou os músculos do pescoço, num gesto intimidador, como se estivesse preparando-se para uma luta, mas Dante estava irreduzível, duro, demarcando ainda mais suas feições viris. Seu rosto não vacilou nem por um segundo. Focado, sério, e sem medo. Perigosamente bonito.

O súnico deu de ombros e foi-se embora, saindo do Bloco VIP.
Como ele entrou aqui?

Finalmente relaxei. Segurei meu peito e sentei-me na cadeira que Foca disponibilizou ao meu trabalho. Essa foi por pouco, senti Dante se aproximando e levantei prontamente, não estava a fim de virar refém de ninguém de novo.

Ele encarou-me duramente, - eu-eu, - clareei a garganta, nervosa. *Para de se comportar como uma adolescente apaixonada!*

- Eu quero te agra... - ele nem me deixou ultimar. Fechou o espaço entre nós, vencendo-me com sua altura, musculatura e atitude alfa. Minha garganta secou, sem motivo aparente, ele intimidava-me e fascinava com sua atitude dominadora.

- Vou-te avisar uma coisa só boneca: *fica esperta.*

E com seu aviso frio ele partiu, trancando-se em sua cela. Meu coração não parou de palpitar mesmo quando ele desapareceu da minha vista. *Eu só queria-lhe agradecer, que grosso!*

Toda raiva e estresse acumulado canalizaram-se em odiar esse homem, fechei a cara e continuei trabalhando furiosamente. Não sei porquê tive esperança que ele fosse ao menos educado, sua falta de "bom-dia" hoje de manha deveria ter me alertando.

Prova suficiente da sua má-educação e agora isso, ele era frio, frio como esse lugar. E merecia estar aqui. Nunca mais seria gentil a ele.

6: Fruto Proibido

Era só o que me faltava. Limpar balneários! Desses imbecis, que se achavam os reis da cocada preta.

Calma Dante, você não pode se entregar assim não. O jogo vai virar. Uma das características que eu adoro do xadrez, é por ele ser imprevisível. Nunca se sabe quando o xeque-mate vira.

Mergulhei o mope no balde de água resmungando, fazendo meu trabalho “bem feito, cristalino.” Como o desgraçado de James especificou. Mas que droga. Porque logo eu?

Com tantos infelizes dispensáveis, que não valem um tostão nesse purgatório, Simba, claro, tinha que escolher-me.

Estava querendo sofrer bulling. Ah sim. Mas fazer o quê, ele era o chefe dessa espelunca. James, sempre tentando-me humilhar. Exalei profundamente resignado. Mas o bom era que este era o banheiro feminino, não um do presidiário, ou a pocilga masculina dos guardas.

Meu tempo estava acabando, meu ano de exílio estava no fim da linha, e eu teria que enfrentar aquelas lutas sangrentas mais uma vez para continuar com a “mordomia”. Só de pensar nelas... um calafrio invadiu minha espinha — “Ooooooh pirata... pirata que vida feliz, ele tem... pirata é a vida que eu quero pra mim... Ooooooh pirata...”

Mas que droga vem a ser essa agora!

Todas as guardas e representantes femininas sabiam que essa era hora de limpeza, e ninguém em seu juízo perfeito se arriscaria em estar aqui numa hora dessas,

- Ahhhh! - *Boom*. Chão. Tombo. Peso. Mulher pelada em cima de mim. Molhada! — É claro, só a boneca louca de James.

- O que—o que você está fazendo aqui! - Porquê tanta indignação, você que me atropelou com esse seu corpo... pelado... molhado... perfeito...

- Hei! Pare de me olhar assim!

Fui obrigado a olhar para cima, seus olhos faiscavam de raiva e vergonha. Ela tentou levantar, mas minhas mãos involuntariamente a prenderam, seu corpo moldou a meu numa perfeição que só o corpo feminino encaixava no masculino.

Exalei fundo. Sentindo-a nos meus ossos. Sensação a muito esquecida tomou conta de mim, (sem querer) reforcei meu abraço nela, nem me perguntes como minhas pecaminosas mãos foram parar lá, porque eu não saberei explicar.

Deve ter sido na hora do assombroso tombo. Malditos instintos. Não tao malditos assim.

- Hei!

Ela tentou de novo levantar-se, mas dessa vez, com plena consciência a preendi ao meu corpo. Estava brincado com fogo, mas não podia parar de atizar a fogueira. Se ela levantasse agora, iria pensar que estou armado, e não do jeito tradicional, sei que me entendes.

- Pare de mexer assim, se não, não vais gostar do resultado disso. - Empurrei meu corpo ao seu encontro, para ela sentir o efeito que estava causando em mim.

Vi quando ela engoliu em seco, claramente nervosa, seu corpo ficou rijo, tenso. *Calma princesa, papai só vai brincar um bocadinho.*

- Você-você pode-me largar? - Ela pediu com o olhar cabisbaixo. Baixando a crista já. Adoro quando elas submetessem.

- Olha pra mim. - Minha voz saiu mais roca, profunda que eu pretendia.

Seu olhar saltou alerta. Seus olhos. Lindos. Uma docilidade infinita. Como uma garota com um olhar tao angelical poderia estar num lugar desses? Isso ainda era um mistério.

Rico ainda não tinha conseguido nada dela, além de que ela conhecia Eduardo, o garoto do nosso Bloco, e era protegida de Gregório. Isso me levava a Simba. James. Essa mulher era dele. Um fruto proibido.

E eu adoro comer maçãs, quanto mais pecaminosa, melhor.

Com um sorriso safado baixei minhas palmas ao começou do seu curvilíneo traseiro, e que traseiro. Caraças, poderia apanhar um

orgasmo só de olhar a tanta perfeição.

- Eu vou—

Não dei tempo dela ultimar, impulsivo e sem razão lasquei um beijo dela, forçado confesso, mas naquele momento estava pouco me cagando para as consequências. Uma rainha dessas cai na minha rede e eu fecho os olhos. Para merda com tudo.

Ela refilou no meu abraço, tentando se afastar, mas como consequência posei minhas mãos bem lá, na sua curva pecaminosa. Ela ofegou, respirando superficialmente, completamente assustada.

Na primeira oportunidade que ela abriu seus doces lábios eu cai de boca, busquei por tudo que senti falta, anos sem calor feminino faziam isso com um homem, deixava-o louco, irracional. Minha besta interior estava acordando.

Ela mordeu meu lábio inferior com força não cedendo ao meu assalto e ai me dei conta do que estava fazendo. Meeeerda! Prontamente a larguei, acordando do meu estado de luxúria. Que porra de problema arranjei!?

Essa era uma funcionária da Pandora, e da Elite. Protegida de Gregório, e para piorar mulher do James. Merda, 4 vezes!

Zás. Uma bofetada bem orquestrada e merecida ecoou nos azulejos brancos fazendo-me piscar. Minha bochecha aqueceu. Essa mulher sabia como dar uma bofetada. Tinha que reconhecer. Amistosamente, com os nervos a flor da pele ela rapidamente levantou-se de cima de mim. Me dando uma total amostra do fruto proibido.

Meu olhar vagou pela beleza afrodisíaca na minha frente, seu corpo era uma perfeita viola, feita simplesmente para tocar as mais belas melodias. Toda noite. E aquelas gotas, que escorriam pela sua perfeição. Que inveja delas.

Uma delas caiu do seu cabelo molhado e escorreu seu corpo, passando pelo seu ombro aristocrático, para seus seios redondos bem formandos, e a maldita continuou descendo pela sua cintura fina e mais para baixo... Não deu para segurar, meu olhar se dirigiu para onde chamou mais atenção, o triângulo entre suas pernas.

Oh la la, ela era toda raspadinha, uma beleza a ser reconhecida. Meu corpo vibrava só de pensar nas coisas que eu poderia fazer

com ela. Meu membro antes meio-erecto, estava completamente excitado agora. Uma mulher dessa não foi feita para trabalhar aqui. Isso triaria problemas, e problemas *grandes*.

Ao notar meu olhar sem pudor ela logo tapou seu sexo, deixando os deliciosos mamilos a mostras. *Mmm, mmm*. Bota deliciosos nisto. Salivei só de pensar em passar a língua naquelas areolas redondas.

Impressão minha ou seus mamilos estavam tesos?

Impressão. Ela estava aterrorizada.

Riria se não estivesse tao duro, ela logo em seguida tapou seus seios toda envergonhada. Quem manda ser gostosa. Deu as costas indignada, pronta para correr, privilegiando-me com a vista de trás. Me matem agora, eu não mereço isso.

Fechei os olhos e respirei fundo. *Dante Santiago, se concentre, você é melhor que isso*. Num pulo levantei, as coisas tinham saído do controle e se eu não revertesse a situação agora, os danos seriam enormes, muita mais dolorosos que uma tesão. E olha que eu estava duro de dar dó.

- Calma Zarina. Eu —

Ela virou encarrando-me com raiva, tentou soltar seu braço do meu agarro forte, mas não permite. - ME LARGA! - Oh, ela estava viciosa.

- Calma! - Ordenei. Sua respiração estava agitada, acelerada. Que que eu fiz?

- Eu posso explicar. - Disse olhando nos seus olhos agitados, disciplinando-me para não olhar seu corpo pecaminosamente delicioso. Isso seria minha ruina. Aliás, Eu já estava na ruina. Seu rosto era demais, para um mero mortal como Dante Santiago, as gotas de água só lhe davam um ar surreal. E esses lábios rosas...

- Você vai explicar pra o Director.

Meu rosto fechou, e acho que o que ela viu lá a fez ponderar sua decisão. - Então podes dizer adeus a protecção que eu iria oferecer a Eduardo.

Seus olhos ascenderam de medo, - Edu...? *ele está protegido*. - Murmurou a si mesma freneticamente, como um mantra. Acertei na mosca. De algum jeito aquele garoto era importante para ela.

- Você acha? - Levantei uma sobrancelha desafiante. Ela abriu a boca como se fosse dizer algo, mas em seguida calou. Derrota abraçou seu rosto.

Esbocei um sorriso sacana, - então vamos negociar.

7: O Criminoso

- Me conta direito essa história aí sua *muanâmbua*. - Lola gritou animadamente, não sei porque fui abrir a boca. Grr. E essa coisa de nos chamarmos cadela, as vezes...

- Eu já contei tudo Lola. - Resmunguei impaciente.

- Ah, não. Você não contou *tudo*. - Como ela sabia?

- Também, eu... euestavauaquandocaiemcima-dele. - Disse rapidamente, com vergonha.

- O QUÊ! - Anabelle interveio, sua cara do Skype estava pasma, de boca aberta.

- Eu não vou repetir. - Eu sabia que elas ouviram, e bem ouvido. Estavam só querendo gozar com minha cara.

- Sua safada. Quer dizer que você caiu em cima dele, *nua*. Como veio ao mundo. - O entusiasmo de Lola estava exagerado. Estreitei os olhos.

- Hei! Não foi por querer não. Eu estava inocentemente, - Lola bufou, como se estivesse dizendo "sei, inocentemente." - Juro. Eu não planejei isso. Estava tomando banho, quando me dei conta que esqueci a toalha e fui pegá-la, ali foi quando—

- Você caiu de boca nele. - Lola completou e Anabelle gargalhou.

- Engraçadinha você hein. Nasceu assim ou fez curso?

- Ah, ah, ah. Olha quem tá lançando piadas. O ar frio está-te fazendo bem, hein. Ou será que é um certo prisioneiro chamado, Dante Santiago.

- Lola!

- O quê? É verdade. Você mudou. Mesmo a distância sinto que mudaste. Sei lá, estás mais forte. Dona de si. Não é uma mudança má não. Não é verdade Anabelle?

- Verdade. - Anabelle respondeu.

- Hei, não sou a única. Olhem só a Anabelle, a garota está praticamente brilhando. Pode desembuchar Ana, o que tens feito?

- Eu! - Anabelle entrou em pânico.

- Definitivamente um segredo. - Lola estreitou os olhos desconfiada. - Vamos, nos conte o que a "doce inocente donzela" tem aprontado por aí?

- Lola— *Anabelle*. - Uma voz grave com um sotaque carregado cortou nossa conversa, do lado da Anabelle. Seus olhos ascenderam.

- Hu, Anabelle, sua safada, quem é o bofe escândalo! - Lola soltou assim que ouviu a voz.

- Meu patrão! - Anabelle silvou e desligou a conexão Skype abruptamente. Ó-oh, a menina estava em problemas.

Se o modo como ela ficou em atenção por causa do seu *chefe* era indicação de algo... oh, ela estava caidinha por ele. E não a censura, com uma voz profunda daquela eu também estaria.

Gargalhei, - viste isto?

- Parece que Anabelle está fazendo hora extra. - Ambas gargalhamos.

- Agora voltando ao assunto, Zarina. Depois vamos por Anabelle na parede. Agora é sua vez, quer dizer que ele te beijou nua?

Exalei, não tinha como. Lola não ia deixar o assunto morrer. - Foi um beijo forçado. - Defendi-me

- Roubado. - Lola era impossível. - São os melhores.

- Pois posso-te garantir que esse não foi uns dos melhores.

- Seja realista, você não gostou?

- Lola...

- Estás dando voltas.

- Grr! Ai, você é impossível.

- Eu sei. - Seus lábios curvaram num sorrisinho irritante.

- Não é um elogio.

- Não importa.

Abanei minha cabeça incrédula, essa era Lola, sempre *up*. - Não sei se gostei. - Sempre acabava confessando tudo a Lola. Era seu dom fazer-me falar, melhor dizendo, cuspir todos meus segredos. - Foi tudo muito... muito, ai, sei lá. Só sei que não foi uma maravilha.

- Não se preocupe, segundas chances são pra isso.

- Você enlouqueceu. Não existirá segunda chance. Confesso que fiquei deslumbrada com Dante, até fascinada. E não é pra menos,

Lola, o homem é um espectáculo. E eu sou uma mulher com necessidades, mas ele é um criminoso. Um vicioso criminoso que está preso por tráfico de armas! Não o tipo de homem que apresentas aos pais.

- Zarina?

- Não vem que não tem Lola, eu sei que você é toda hippie e tal, tal. "Paz e harmonia". Mas tudo na vida têm limite. Eu vim pra cá com um propósito e não pra viver um romance tórrido.

- Então confessa que vosso romance seria tórrido.

- Eu desisto!

Lola gargalhou com vontade. - *OK*, não vou mais atazanar sua vida. Então como está sua "missão".

- Muito bem e obrigado. Eu não sei se Dante estava blefando sobre Edu correr perigo, mas andei conversando com Foca— a guarda do meu bloco.

- Sei, a sua mais nova *melhor amiga*. - Ciúmes?

- Lola, tu sabes que você e Anabelle são minhas b.f.f. não existem duas como vocês.

- É melhor mesmo.

Dessa vez fui eu quem gargalhou. - Como eu estava dizendo, Foca disse-me que têm algumas coisas que só os prisioneiros sabem. Que mesmo os protegidos sofrem emboscadas. Então pelo sim, pelo não, decide não queixar Dante ao Director Gregório.

- Você não tem medo que ele se aproveite da situação e comece a te chantagear, exigindo-te *outas coisas*.

- Fogo, Lola. Eu acho que não chegaremos a esse nível. Sei lá, existe algo nele que faz confiar nele— com um pé atrás, é claro. Mas... acho que foi por isso que eu deixei as coisas chegarem tao longe no balneário. Além de que conversarmos. Ele me explicou que á tempo não via uma mulher nua, e... você já sabe o resto.

Apesar de que naquele momento ter doído ouvir que ele só me agarrou por eu ser a última gota de água no deserto. Mas em fim... pelo menos ele não estava interessado em mim. Tudo bem (mentirosa), menos complicação na minha vida.

- Se você diz. - Lola soltou um suspiro.

- Eu sinto falta de você. - Desabafei.

- Eu também. - Ela respondeu com uma voz chorosa. - Quando você vem-me visitar?

- Não sei. Assim que tirar férias eu pego o primeiro avião para ali. Mas deixando de tristeza... este primeiro fim-de-semana, eu vou passar com Edu, eles têm algo aqui que se chama "escala de limpeza". Onde eu escolho um ou dois prisioneiros dependendo do serviço pra me ajudarem nas limpezas, e como previsto, eu escolhi Edu.

- Isso é super Zarina. Mas eu sinto tanto sua falta, vossa falta. Até da chata da Anabelle. Vocês abandonaram-me. - Lola choramingou. Suspirei pesadamente. - Opa, olha as horas, tenho que sair. Última nova: ah! Tenho um encontro quente *com* Paulo. - Lola piscou de alegria.

- *Finamente*, - levantei as mãos para cima. Gargalhámos. Á tempos que Lola era louco por Paulo.

- Então deixe-me preparar, fique bem.

- Fique bem você também. Me liga quando voltares, quero saber como foi o *encontro quente*.

- Pode deixar que eu contarei todos detalhes sórdidos, já que a "Senhorita prudência" só gosta de ouvir.

- Ah, ah, ah. Até Lola.

- Hasta la vista. - Lola fez *log-off*.

Suspirei contra minha almofada, no meu singelo apartamento de 1 cômodo: quarto de banho, cozinha-sala, e quarto. Nisto que se resumia minha vida agora. Um simples studio.

E era tao sombrio, com paredes sombrias e mortas, que serviam de lembrete de onde estava. Afundei na cama tentando apanhar sono. Quão gelada ela estava, se pelo menos tivesse as mãos quentes de Dante me volta de mim...

De que raios veio isso!

8: Super-homem

Névoa cobria o balneário cheio de marmanjos, tantos que dava vontade de vomitar de tanto ver homens. Azulejos uma vez brancos estavam agora irreconhecíveis. Claramente sujos, a luz escandecente ofuscante deixava isso bem claro.

“Medida se prevenção.”

Mediadas de prevenção, uma ova. Diariamente prisioneiros sofriam emboscadas. Eles sempre davam um jeito de castigar um infeliz e por mais que o infeliz gritasse, pendido ajuda. Ninguém, absolutamente ninguém, socorria. Todo mundo virava a cara, fazia vista grossa, olhava para outro lado. Ninguém ajudava.

A regra número 1 daqui: não confiar em ninguém.

Numero 2: nunca baixar a guarda.

Numero 3: bancar o Alfa macho.

Numero 4: encher a cara de porrada de todos que atreverem-se a olhar para seu pênis ou traseiro.

Se não seguisse estas simples regras, amigo... Irias acabar numa “emboscada”.

Principalmente aqui, no balneário. Onde a água fria — gelada — desses chuveiros anciões nos envolviam em névoa, propiciando o ambiente obscuro.

Falando nisso —, - que merda você tá olhando aí, ó filho da puta! - Gritei para o prisioneiro que estava com seus olhos grudados no meu material. Fodas! Só me faltava essa.

Seus olhos ascenderam de medo. - Calma Dante. Eu só estava *conferindo, o que dizem por ai...* - *CONFERINDO!?*

- O quê!?! - Rosnei.

- Eu posso alivar isso ai sabia. - Desci o olhar ao meu membro, e ele estava meio erecto. Fodas! Isso que dava viver pensando na boneca. Fiz o possível para cobrir-me, desconfortável sob o olhar excruciante do camarada ao lado.

- Dá pra parar de olhar. Eu n—

- Calma grandalhão. Eu só ofereci ajuda. Pelos vistos você precisa. - Entendi. Estava lindado com umas das *frutinhas* daqui da prisão.

- Não joga no seu time. - Meu tom não titubeou. Finalizei a conversa. Discutir com esses caras era irrelevante.

- Não julgue, antes de provar. - Parei o que estava fazendo e olhei-o incrédulo.

- Eu já disse que não, tá querendo levar porrada—

- *OK, OK*, não precisa si exaltar. - O frutinha levantou as mãos para cima num gesto de paz.

- Tsc. - Xinguei, fechando a torneira do chuveiro e sai do box, embrulhando-me na toalha branca encardida. Odiava quando esse tipo de coisa acontecia. Outros poderiam ter sucumbindo a procurar prazeres de outras formas, mas eu, simplesmente me recusava.

Para mim o negócio tinha que ser mulher ou não jogava. Um corpo quente, com contornos sinuosos — *quem nem da Zarina?* Porra! Pare de pensar nela, a garota não é para seu bico.

Com a toalha presa na cintura fiz meu caminho para fora daquele manicômio, - se mudar de ideia. É só me procurar. - Esse cara estava cavando sua sepultura. Quase parei para retaliar ao comentário absurdo da frutinha, que soou por todo balneário. Mas decide deixar passar.

Gargalhadas múltiplas soaram do balneário, perante as palavras ousadas do frutinha. *Calma Dante*. Todos sabiam que eu era espada aqui, então... o frutinha poderia gritar quanto quisesse. Retornei ao meu caminho.

- Não! – Gritos ofegantes soaram de um canto escuro.

Um infeliz caiu numa emboscada. Azar seu compadre. Grunhidos de dor soaram e parei por um segundo ponderando a situação. Todo mundo sabia que era melhor você olhar para outro lado e continuar seu caminho.

Mas droga, algo estava-me dizendo-me para dar meia volta e socorrer o pobre infeliz. Ah dana-se!

Bancando o super-homem aventurei-me na parte escura do balneário onde era palco de muito estupros, todo caminho chamando-me de estúpido. E era estúpido mesmo.

Mas não podia ficar de braços cruzados e ver mais um “inocente” ser estuprado impiedosamente, enquanto existiam frutinhas disponíveis para satisfazer essas vontades.

Tirei o grandalhão de cima da vítima, socando o cara com tudo. Á tempo que não lutava, e adrenalina começou a pulsar em meu sangue feito droga. O cara ficou desorientado e surpreso de me ver. Bem-vindo Cinderela.

Ele tentou retaliar com um golpe fraco, que fez cócegas em mim. Sorri. *Estou só começando.* Conheça Dante Santiago, o sádico.

Como um saco de pancada derrubei o machão no chão, e não parei até sua pele branca tornar-se vermelha. Sangue escorrendo do seu nariz.

- Dante? - Outro prisioneiro ofegou reconhecendo-me e pôs-se a correr, deixando seu parceiro de crime para trás. Mais uma testemunha da minha força.

- Hein, você está bem? - Perguntei com respiração pesada pelo recente exercício, dei a mão a ele e ele agarrou-a, ajudei-lhe a sair da escuridão.

Caraças, não! Eduardo, o brinquedo da Zarina! Em pele e osso. Mas como ele, protegido de Gregório parou nesta situação? Importa? Aqueles gorilas sentiram cheiro de carne fresca e atacaram.

Ofegante e meio ensanguentado, temi pelo pior. - Você está bem?

- eu-eu, eu estou. - Disse ele com dificuldade.

- Eles...? - Um minuto de silêncio rolou, até que o garoto teve noção do o *quê* eu falava.

- Não! Graças a Deus não. E a você também Dante. Muito obrigado *bro*.

- Não têm de quê. - *Sua queridinha Zarina pagará.*

- Consegues andar?

- Eu acho que sim.

O garoto olhou-me com veneração. Opa, vamos com calma aí garoto. Mas seu alivou evaporou quando olhou para o chão e deparou-se com seu agressor.

- Calma garoto. Ele já não pode-te fazer mal. Aliás, ninguém mais fará-ti mal sob minha protecção. A palavra será espalhada. Estás sob meu cuidado. Agora vamos.

O garoto sorriu agradecidamente, como se eu fosse um fodido super-herói. Se ele soubesse. Quanta inocência. Mas algo em mim estalou, senti-me bem. Á tempos que ninguém olhava-me com tanto louvor.

Quando chegamos no Bloco todo mundo paralisou. Olhando-mos silenciosamente, pedindo explicação.

Rico como sempre estava de cochicho com Foca, Zarina trabalhava na porta de grade do garoto e Izake via TV. Zarina foi primeira a reagir, correu para o garoto.

- Edu! O que aconteceu? Como isto aconteceu?... - Ela continuou questionando o garoto, inspeccionado cada pedacinho dele, como se fosse uma mãe coruja. Olhei para o garoto, realmente olhei-o e pus-me no lugar dela.

É, a visão não era nada, nada, agradável. Sua cara estava inchada, cortes visíveis sobressiam nos seus braços, visto que ele usava *wife-beater*. Voltei meu olhar a ela e meu coração pesou, a mulher estava a beira de lágrimas.

- Edu, por favor. Me conta. - A boneca estava mesmo alarmada. O garoto olhou-me buscando respostas e Zarina seguiu o olhar.

- Um grupo de prisioneiros achou que deveriam dar boas-vidas ao mais novo integrante da família Pandora. - Respondi sarcástico, não pude evitar.

- O quê! - Ela gritou.

- Zarina, calma, já passou. Tá tudo bem agora. Dante apareceu na hora H, e pós pra correr aqueles brutamontes. Se não fosse por ele...

Zarina abraçou-o com força. Ela gostava realmente desse garoto. E não do jeito romântico, observei o jeito que ela tratava-o. Realmente uma mãe coruja, mas ela não tinha idade de ter um filho como ele. Então quem era o garoto para ela?

- Eu vou informar o Director Gregório disso e James também.

Ah claro, como pude-me esquecer. Ela e James. - Não acho isso aconselhável.

Ela lançou um olhar, inquirindo-me. - Se você preza pela vida do garoto aqui, acho melhor calar sua boquinha boneca. Porque se isso chegar aos ouvidos do Gregório, claro que eles serão castigados, mas em compensação, o garoto será conhecido como o *rato*. O trairá que rouba info e fornece ao Director, e acredite em mim, você não vai querer isso pra ele. O que aconteceu hoje, será refresco.

Ela queria refilar. Vi sua determinação, seu olhar convicto, contudo seu protegido finalmente mostrou que é homem, e merece uma chance. - Zarina, eu acho melhor ouvirmos Dante. Ele conhece como a coisa funciona por aqui, e ele me garantiu que isso não se repetiria mais. Agora estou sob sua protecção.

Zarina claramente não concordava, mas pareceu ponderar a situação e ouvir o garoto. - *OK*, mas se algo de essa magnitude acontecer de novo, eu—

- Não vai. - Parei-a orgulhoso.

Ela lançou um olhar duro, e eu a devolvi com outro advertente. O que ela viu no meu olhar, a fez suavizar sua atitude e sussurrou um "obrigado". Simplesmente acenei. Que agradecimento mais esforçado.

Levou o garoto para sua cela, chamando por Foca. Elas discutiam sobre levá-lo a enfermaria, mas o garoto batia o pé no chão, alegando que era desnecessário e estava tudo bem, nada quebrado. E isso me fez sorrir.

Passei por um Rico inquisitório, com uma sobrancelha levantada. Claramente perguntando-me "o que deu em mim?". Ele me conhecia e sabia que eu não era nenhum herói. Mas caguei pra ele.

Depois passei por Izake que lançou-me um olhar enigmático, com um sorriso gozado na cara. Confesso que até eu sentia calafrios com esse congolês. Franzi a cara e em resposta ele devolveu-me um sorriso pretensioso.

Fodas! Ela sabia! Sabia da emboscada! Filho da puta!

9: Bandeira Branca

Engula o orgulha e vá.

Minha nossa, como isto era difícil. Estávamos a falar do Senhor sabe-tudo-Dante aqui, então... mesmo assim obriguei-me a continuar seguir caminho no estreito corredor que levava a última cela, que era a do Dante.

Sua cela estava meio que isolada do resto. Não sei por que motivo ele tinha escolhido. Simples, por ele ser esquisito e solitário. *Pare Zarina, ele salvou seu irmão.*

Cheguei na sua cela e esforcei um sorriso. Aqui vai nada. Estudei sua cela: uma cama solteira encostada na parede, com o respectivo dono deitado. Fotografias de mulheres peladas — nada novo — e carros. Uma sanita, que por incrível que pareça, estava limpa e revistas com livros didáticos espalhados no chão, que me fizeram levantar uma sobancelha. Quem era Dante Santiago de verdade?

- Oi, - disse tentativamente. Encostando nas grades da sua cela.

Dante levantou da sua cama abruptamente assustando-me. Ele olhou-me como se eu fosse um fantasma, não acreditando que estava aí. Engoli um seco.

Minha nossa, eu mereço. Ele tinha tirado a camisa, e estava completamente ao dispor. Com aquele peitoral que assombrava meus sonhos a mostra.

Seu tanquinho bem definido dava vontade de deitar chocolate e sair lambendo. *Zarina!* Não sou culpada. Tive vontade de levantar as mãos para céu, num gesto de rendição, envergonhada dos meus pensamentos.

- Tire uma foto. Vai ficar mais tempo. - Minha nossa, que vergonha. Pega na cena do crime.

- Eu-eu... - queria tapar meu furo, mas não consegui. Minha garganta estava seca.

Ele esboçou aquele sorrisinho safado dele, onde as duas covinhas fofinhas apareciam na bochecha e esquentei de vergonha, não conseguindo-o encarar.

- E ai boneca. Vai ficar parada ai ou entrar? Decida.

- Boneca?

- Sim.

- Notei que você sempre me chama assim, porquê?

- Isso importa? - Eu queria refilar, mas ele fez-me calar quando levantou da cama e veio a mim. Minha respiração parou. Ficou pesada em meu peito. Calor, muito calor.

Ele se aproximou de mim. Perto demais. Tanto que podia sentir sua respiração em minha testa. - Não vai entrar? - Ele sussurrou sedutoramente com gosto desafiador.

- Vou. - Respondi hipnotizada com seu chamado, num suspiro tremido.

Ele sorriu convencido. Dante estava brincando comigo. Com todo poder que pude reunir afastei-me dele e entrei na toca do lobo dando as costas.

- Eu vim para—

- Sim? - Sua voz soou bem no meu ouvido.

Virei apressadamente com o coração na boca. Isso não estava indo como previsto, não mesmo. Minha pele estava arrepiada e minhas emoções confusas.

Na tentativa de manter distância entre nós, posei minha mão no seu peito. - *Dante?* - Grande erro. Sua pele estava quente. Muito quente. Eu não esperava. Esperava encontrar um iceberg que nem o dono, mas não.

Subconscientemente deslizei a mão por seu peitoral, sentido a firmeza dos seus músculos até aquele tanquinho monumental e as ondulações das suas cicatrizes. Segui minha mão com um olhar hipnotizado. Quando me dei conta do que fazia tirei a mão abruptamente daquele peitoral firme e quente e olhei-o mortífera de vergonha. Isso não podia estar acontecendo.

Ele levantou uma perfeita sobrancelha. Oh céus. Me matem agora.

- *Zarina, Zarina, Zarina...* - cantarolou ele meu nome fechando a distância entre nós. Ó-oh. Eu acho que fui longe demais, os olhos de Dante ardiam de desejo. Puro e carnal.

Salivei de antecipação. Retrocedendo para trás, até que minhas costas bateram numa parede cinzenta e sem espaço para escapar Dante aprisionou-me com seus braços fortes, com minha cabeça no meio. Oh meu.

Pobre do meu coração que não parava de bater. Enjaulada por aquele corpo forte fiquei tensa, não sabia o que esperar. Estava tudo muito imprevisível. O que ele iria fazer?

- O que estás fazendo Dante? - Minha respiração estava superficial.

- O que achas? - Ele respondeu no mesmo tom baixo. Sua voz profunda e rouca.

Estou perdida. - Me beijar? - A resposta foi um impulso, tarde demais para retirar. Tapei minha boca com a mão, não acreditando no que disse. Quanta ousadia. Ele era culpado, sua aproximação mexia com meu cérebro.

- Você gostaria disso, não é? - Ele sussurrou no meu ouvido, sua voz provocando calafrios deliciosos. Á tempos que eu não sentia tanta emoção.

Abanei a cabeça lentamente negando. Um movimento reflexivo. Estava hipnotizada demais com seus olhos super castanho-claros. Ele humedeceu seus lábios vermelhos carnudo e Subconscientemente o imitei, preparando. Para quê?

Não me pergunte. Meus joelhos estavam a um passo de vivarem gelatina.

- *Dante?* - Ofeguei.

- Sim. - Senti sua respiração nos meus lábios e fechei os olhos. Finalmente iria sentir o sabor decadente dos meus sonhos?

- Zarina, onde você está? - *Edu?*

- Droga! - Dante esmurrou a parede do meu lado e murmurou um insulto qualquer. Já vi que o clima foi quebrado.

- Edu, só um minuto. - Gritei ainda presa pelo corpo de Dante.

- *OK,* - ouvi passos a retrair.

Olhei para Dante, silenciosamente pedindo para ele se afastar e ele surpreendentemente acatou meu pedido.

Deu-me as costas e congelei. Suas costas estavam magnificamente ornamentada por uma tatuagem tribal. Um pássaro

de asas abertas cobria a maior parte da sua deliciosa musculatura. Uma musculatura que eu estava á centímetros de tocar.

Esse cara estava tentado me matar! Apesar das cicatrizes espalhadas pelo seu peitoral, não diminuiu sua beleza. Tatuagens, cicatrizes, e um corpo sexy desses, de dar inveja aos modelos da *Men's Health*. Doce céu. Me ajudem.

- Acho melhor ires, seu brinquedinho está chamando.

Brinquedinho? O que ele estava insinuando? - Como?

- Não me faça repetir boneca. - Ah, sim. Voltámos ao Dante impessoal. Eu deveria saber. Todo encanto foi quebrado. Porquê ele estava zangado comigo?

- Ele não é meu *brinquedinho*. É meu irmão. - Disse sem pensar, mas já era tarde para remediar. Vi surpresa cobrir seu rosto. - A propósito eu vim aqui pra agradecer pelo que fizeste por Edu, — ele me contou — e tentar recomeçar, mas já vi que não queres a bandeira branca.

Em que você estava pensando Zarina? Esqueceu quem é Dante, e ondes estavas? Consciência ganhou vida e arrependimento começou a tomar conta de cada célula do meu organismo. Merda!

Apressei-me a sair da sua cela. Missão cumprida. Já agradei.

- Claro. Vai, corra pra seu príncipe da selva. Com certeza James vai adorar saber que sua boneca quase abria as pernas pra um prisioneiro.

O. Quê. Ele. Disse?

Parei por um segundo incrédula. Não acreditando que ele teve coragem de jogar tao baixo. Bem-feito. Para ver se aprende de uma vez por todas. Ponderei reentrar na cela e dar uma bofetada bem-merecida nele, mas decide contra.

- Pra sua informação, eu não tenho nada com James. Não que isso lhe diga respeito. E fique sabendo que *isto*, - referi a nosso *momento* com desprezo, - nunca vai acontecer. Pode gravar esse momento porque é tudo que conseguiras de mim, prisioneiro 2306. - Chameio pelo número de identificação de prisioneiro — graças ao meu trabalho tinha acesso a muita info — para fazer-lhe lembrar onde ele estava.

Com cabeça levantada fiz meu caminho de volta, jurando nunca mais me entregar assim. Tola.

10: A Chave

Entrei na cela de Rico e tudo estava na mesma — revistas masculinas, posters. Sem muito diferença da minha — excepto pelo congolês, que sentava relaxado fumando como se fosse dono do lugar.

- Que merda vem a ser isto? O que *ele* está fazendo aqui! - Izake virou sua atenção a mim, com aquele sorriso tranquilizador de lobo na pele de cordeiro que ele tanto gostava de ostentar. Falso para caraças.

- Relaxa Dante, Izake tá dentro. – *Como assim tá dentro?* Isso só pode ser castigo.

- Como?

- Izake aqui provou ser necessário ao nosso plano. - Fala sério! Lancei-lhe um olhar que dizia "*Izake, Rico? Não tinha coisa melhor, o Japá era mil vezes melhor que isso.*" E Rico como sempre deu de ombros. Eu mereço. Vi que não havia campo para discutir o assunto, visto que a decisão tinha sido tomada sem minha conceição.

Grande parceiro esse seu Dante,

- Agora que as apresentações foram feitas. Vamos a negócios. Izake aqui tentou ter a nossa nova *colega* no bolso, mas *sem querer* Dante estragaste o plano, quando salvaste aquele *pendejo*. - Então era isso. Izake queria controlar Zarina, por algum motivo isso não me agradou. Um sentimento de possessão tomou conta de mim, como se só eu tivesse direito de atormentá-la.

- Não, não me diga. - Decide bancar o estúpido. Esboçando um sorriso triunfante pretensioso.

- Dante. - Rico alertou-me.

Rico conhecia-me bem. Tenho culpa se eu não ia com a cara desse infeliz.

- Não, deixe Dante se expressar a vontade. Se vamos trabalhar em equipa, melhor que tiremos todos detalhes ominosos pra fora.

Para juntos depois alcançarmos o nosso objectivo comum. - Quem esse cara pensava que era, um maldito psicólogo!

- O que contaste a ele? - Minha pergunta foi dirigida ao Rico.

- Eu já disse que ele está dentro Dante. Relaxa *borracho*, não há perigo. - Sempre achei Rico esperto, mas naquele momento tive vontade gritar: *burro*, na cara dele. Confiar em Izake, um ser pior que Judas o Traidor. Nem louco.

- Você está louco?

- *Sí muy loco*. Agora podemos voltar aos negócios. É sábado e não quero passar meu dia com um bando de *borrachos*, enquanto Foca me escalou como seu *ajudante* na escala de limpeza. - *Não*. Foca cedeu? Pelos visto sim, o brilho satisfatório do mexicano era prova suficiente.

- E seu marido? - Não pude deixar de perguntar.

- Viajou. - Deixa quieto. Quanto menor saber, melhor.

- Como eu estava dizendo, - *Rico negocios modus operandi* accionou, - a questão é como conseguir Zarina? - Seu nome brotou uma questão na minha cabeça. Porquê Izake queria Zarina?

- Antes de mais nada, Izake porque querias ter Zarina no bolso? Qual era seu plano? - Rico ficou satisfeito pela minha pergunta inteligente.

- Porque não? - Frio e calmo. Esse cara era um iceberg mesmo. Exalou fumo todo relaxado, sacudiu a ponta do cigarro como se possuísse todo tempo do mundo e respondeu no mesmo tom desinteressando. - Ela é umas das pessoas mais poderosas desse lugar. Controla a chave da nossa liberdade, apesar de muitos não terem se dando conta disso, *ainda*. E aqui, ter alguém tao importante quanto ela, vem sempre a calhar. A embocada no garoto era só uma chamada de atenção.

Esse cara me punha doente. Se aquilo era uma "chamada de atenção" imagina o verdadeiro negócio. Um calafrio varreu minha espinha.

- Certo. - Esforcei um sorriso sacana para igualar ao doentio dele.

- Mas isto ainda não explica o porquê se juntar a nós.

- Rico aproximou-me e eu gostei do plano. - Ele disse como se sua resposta desvendasse um enigma milenar. Levantei uma

sobrancelha acusadora ao Rico.

- Fiz uma investigação e descobri quem ordenou a emboscada no garoto. E você sabe que não dispenso um bom negócio. - Rico sorriu maliciosamente.

Maravilha. O irmão de Zarina estava sendo palco de *plots* e ele ou a coitada da sua irmã nem faziam ideia. Não me surpreende nada, nada, que eles decidiram não dizer nada a ninguém sobre seu grão parentesco. Isto era verdadeiramente uma casa de demónios.

Durante a semana estava-me sentido mal de não contar ao Rico a nova info que adquiri, mas vi que fiz um óptimo trabalho em não o dizer nada sobre Zarina e seu irmão. Eu podia ser um demónio, mas ainda assim, tinha restado um pouco de humanidade em mim.

Naquele momento decide proteger o garoto, custe o que custar.

Meu plano? Claro, ainda estava de pé. Contudo não iria dançar sobre sangue de inocentes para chegar no topo. Havia sempre alternativa "B". E já estava ter uma ideia de como poupar Zarina e seu irmão, pelo menos de dor física, psicologicamente não garantia nada.

- Nosso plano é perfeito Dante. Contudo terá de sofrer mudanças. Com estas novas alterações de medidas de segurança precisámos da Zarina. Sem ela tudo isso não vale um tostão furado. Izake tem razão, ela é a chave. A questão agora é como conseguir o garoto? Todos sabem que ela adora aquele *pendejo*, é seu ponto fraco.— Não podemos simplesmente ornamentar outra emboscada porque sua reputação está em jogo. Então cavaleiros, ideias.

- Sem problemas. Meu erro, então corrigirei.

- Como? - Rico quis saber.

- Eu salvei a vida do seu irmão, sim? Então deixem comigo.

- Sem querer estragar sua festa, - *já estragou*, - ela te odeia. Então me perguntou como vais revirar o jogo? - Claro Izake tinha que intervir.

- Eu tenho meus meios. - Esbocei um sorriso sacana e Rico acompanhou-me. Ele sabia do que o que eu estava falando.

11: Donzela em Apuros

- *You keep me under your spell... La la la...*

Água quente escorria pelo meu corpo refrescando as energias. *Mmm*, suspirei de contentamento. Desta vez fui esperta, coloquei minha toalha, roupa, e óculos por perto, assim aquele, aquele (gostosão) troglodita mal-educado! Não ira-me surpreender.

- *I don't eat... I don't sleep... I do nothing but think of you.*

Engraçada como essa musica me fazia lembrar de Dante, aquele troglodita, mas lindo para caracas. Se ele fosse um pouco, *padwoco basse*, bom, para mim já estaria de bom tamanho. Um pouco de nobreza. Nobel? Dante? Fala sério Zarina. O cara era um traficante de armas, um bandido, que sei lá, pode ter assassinado pessoas e você estava sonhando acordada com ele.

De dar pena. *Eu sei*. Reconheci derrotada. Clareei meus pensamentos e resumi ao banho.

Dizem que o cérebro não distinguia um sorriso falso do verdadeiro, então...

- *You keep me under your spell... You keep me under your spell... La la la...*

- *Bonita voz.*

Silencio. Pulsação. Suor. Pânico.

Meu coração parou por um segundo para depois brincar de Speed Gonzalez. Isto não estava acontecendo, não aqui, não assim, não agora. Me recusava a acreditar.

Abruptamente procurei pela maldita voz que interrompeu minha paz. Lá estava ele, um homem que aparentava ter 30 e poucos anos, pele branca, sardas no rosto e cabelo de fogo. Talvez irlandês, pela roupa ele era um prisioneiro, pois trazia a camisa azul mangas compridas, calcas jeans, e sapatos preto. O autêntico uniforme da Pandora.

O estranho esboçou um sorriso que fez os cabelos da minha nuca levantar, era pior que do James, e olha que James era

campeão em sorrisos sádicos, mas deste estranho... preferia mil vezes que James estivesse aqui.

- Continue cantando.

Ele esquadrihou meu corpo com um olhar interessante, eu estava nua e vulnerável e seu olhar provocou biles. Sua intenção clara, luxúria governava aquele homem e meu corpo era palco de sua satisfação.

Pense, e pense rápido. Meu olhar viajou ao monte das minhas roupas e vi meu radio. Salvação. O prisioneiro seguiu meu olhar e mostrou dentes arrepiantes. Macabro. Um arrepio varreu meu corpo. Nem morta.

- Eu não faria isso se fosse você. - *Congo a maco*

Sem ponderar minhas acções sai correndo do chuveiro em busca do maldito radio, mas o prisioneiro era rápido e forte, derrubou-me no chão em dois tempos, prendendo-me com seu corpo pesado. Fudeu.

Minha mente deu um branco por um segundo, tentando registrar a situação. Porque, onde, e como, isto estava acontecendo? Medo abraçou cada célula do meu corpo. Não! Eu não podia-me entregar assim, sem lutar. Lute Zarina!

Com muito esforço consegui liberar umas das minhas mãos e dar-lhe uma bofetada com toda força que consegui exercer. Mas o desgraçado me devolveu com um soco quase me dando um K.O. neguei-me apagar. Ele teria meu corpo, já estava no meio das minhas pernas e podia sentir que ele estava excitado com isso.

Não pense nisso, pense em vencer! Comecei a gritar enquanto lutava pela minha honra, alguém com certeza ouviria, alguém tinha que ouvir! *Por favor.*

- Fica quieta! - Outra bofetada. - Verás que isso será até prazeroso, se parares de lutar.

- Psicopata! – Gritei, fora de mim.

- Grite. Esperneie. Quanto quiser. Eu gosto mais assim. - Era louco mesmo.

Me salvem, por favor. Lágrimas cobriam meus olhos, escorrendo livre em meu rosto misturando-se com gotas de água do banho. Não havia solução aparente, *por favor não faça isso comigo.* Estava

a berros de tanto chorar e gritar, na beira do desespero. Sem saída. Ele ia-me violar. Meu cérebro alertou e fechei os olhos não querendo ver, preferia morte que isso.

- Sai de cima dela! - *Dante?*

- Me ajuda por favor!

O psicopata foi arrancado de cima de mim com força bruta, com olhos nublados de lágrimas vi meu salvador esmurrar seguidamente meu agressor.

- Dante? - Solucei, reconhecendo meu salvador. Nossos olhos se encontraram. Era ele mesmo. Vergonha do tamanho do mundo tomou conta de mim. Em que situação fui me meter?

Dante prontamente largou o *nbogue* e veio ao meu auxílio. O prisioneiro não perdeu tempo. Saiu correndo como o diabo foge da cruz, não liguei. *Estou salva... estou salva...* Dante salvou-me.

Naquele momento esqueci tudo. Ódio, ressentimento, tudo... só um facto importava: ele salvou minha vida.

Para isso não havia preço. Desesperadamente abracei-o procurando conforto. Dante acolheu-me no seu ombro e nunca me senti tao segura quão aquele momento. Chorei até não poder mais, só ai que ele falou.

- Você está bem? - Minha resposta foi um olhar sofrido.

- Claro que não! Que pergunta a minha. Ele te machucou? Ele... ele fez algo? - ele esquadrihou meu corpo procurando por sinais de... eu nem conseguia pensarem, e segurou meu rosto analisando os danos. *Infeliz*, - cuspiu ele amaldiçoando o cabrao.

Comecei a chora de novo. - Por favor boneca, não chore mais. - Foi a primeira vez que seu apelido "boneca" não continha sarcasmo. E isso me integrou. Dante estava diferente, não arrogante como sempre. Sua voz estava suave, como se eu fosse feita de vidro. Isso deu-me coragem de prosseguir a conversa.

- Porquê boneca?

Ele sorriu. Caramba. Mesmo desequilibrada, seu sorriso hipnotizou. Pela primeira vez vi o sorriso genuíno de Dante Santiago e era lindo, perfeito.

- Porque lembras-me uma. - Respondeu ele suavemente, brincando com meu cabelo molhado.

- Como assim?

- És delicada como uma. Sempre com um sorriso na cara, mesmo triste. Sua pele é de porcelana, e és linda como uma. - Dante realmente via-me assim?

- Verdade? - Olhei para ele, esperançosa. Dante sorriu outra vez sem malícia ou sacanagem. Suas duas covinhas destacaram-se mais ainda.

- Verdade.

- Obrigada. - Baixei o olhar envergonhada.

- Hei, - Dante curvou seu dedo no meu queixo levantando minha cabeça. - Não foste culpada do que aconteceu. Infelizmente isso é mais comum aqui que imaginas. Falando nisso, eu preciso ver se aquele infeliz ainda está por perto. - Dante já estava levantando do gelado chão.

- Não! - O prendi. Pânico varreu meu corpo. Comecei a tremer. - Por favor, não me deixe sozinha. - Roguei.

- Zarina eu só vou—

- *Por favor, Dante.*

O tamanho do meu desespero o parou.

- Eu não vou ao lado nenhum até que estejas pronta, mas preciso te cobrir, secar, antes que adoeças.

Foi aí que notei que ainda estava molhada e *nua*, como vim ao mundo. Não tao molhada assim porque enxuguei-me na roupa de Dante. Esquentei de vergonha. Dante pegou na minha toalha e enrolou como pode.

Ele estava se comportando *nobrememente*. Ai está seu pedido. Preservando tanto quão pode minha dignidade. Além de que ele já tinha-me visto nua, então... não fiz muito caso. Ele mereceu minha confiança, depois de hoje tive certeza que ele nunca me faria mal. Poderia ser arrogante, troglodita e insuportável, mas não mau.

- Temos que informar Director Gregório disso—

- Não! - Dante cortou-me com um tom urgente, levantei uma sobrancelha questionadora.

- Eu vou resolver isso.

- Como?

- Confie em mim, Zarina. Se irmos ao Gregório com certeza acharão aquele infeliz e o castigarão, contudo ele é só um pequeno peixe no meio de tubarões. Tenho certeza que alguém ordenou isso, não foi aleatório. - Meu corpo enrijeceu de medo.

- Como assim Dante?

- Alguém quer te machucar, eu estou aqui por tempo suficiente pra distinguir padrões de emboscada e confie em mim, essa não será a última vez que tentarão. Primeiro seu irmão, agora você. Não vê que isso tá tudo sincronizado.

- Alguém quer me machucar? Mas porquê?

- Isso que descobrirei. Olha Gregório vai ganhar a batalha, mas eu vou vencer a guerra, Zarina. Me dê tempo pra desvendar tudo isso, não se preocupe que nesse meio tempo te protegerei, nada te acontecerá. Deixa eu resolver isso por meus meios.

Ponderei sua proposta e decide confiar nele, ele salvou Edu, agora eu. Daria uma chance dele resolver este assunto sem fazer chegar em cima. Se Dante estava falando que era melhor assim, então...

- Promete que você os fará pagar.

Dante hesitou por um microssegundo, algo passou por seus olhos, mas logo determinação cobriu seu rosto. - Eu prometo. - E sua palavra era tudo que precisava naquele momento, o resto, lidaríamos com o resto na devida altura.

12: Cavaleiro de Armadura Brilhante

Melhor que isso, impossível. Tudo estava indo de acordo com o planejado. Pelo menos Zarina parou de me odiar. Até trocávamos cumprimentos. Como combinando protegia ela e seu irmão.

O garoto até que não era mau. Seguia tudo que eu dizia arduamente. Era como si fosse minha própria versão de Mini-Me. Estava criando um monstro, pelo menos ele estava aprendendo como ser homem de verdade.

Isso só me aumentou pontos com sua irmã. Sai da minha cela para ir matabichar, sei que aquilo chamava-se de matabicho. A comida aqui era um sacrilégio. Era sexta e por sorte ninguém tinha-me escolhido como seu ajudante.

A maioria dos rapazes não estaria aqui no sábado devido a escala de limpeza. É claro que Edu e sua irmã estariam juntos. Quase todos fim-de-semana eles passavam juntos.

Zarina continua surpreendendo-me cada vez mais. A boneca era inteligente de verdade, vi como ela trabalhava arduamente e Gregório ficava satisfeito com seus serviços. O que mais me dava satisfação era ver como ela rechaçava James, Simba deveria estar se borbulhando de ódio.

Me deu um alívio imenso de confirmar que ela não tinha mesmo nada a ver com ele. Isso facilitava minha vida.

Lá estava ela, toda ela concentrada, com aquela ruga engraçada na testa que a fazia ficar mais bonita. De que raios veio isso? Importa? Não. Mas não podia negar que a boneca era uma visão.

Mesmo com o uniforme horrendo, ela excitava-me. Ter noção das curvas perigosas que aquele uniforme escondia era um estimulador incrível. E estava até satisfeito por aquele uniforme cinzento esconder a generosidade do seu corpo. Urubus eram o que não faltava aqui. *Com ciúmes? Nada disso. Só não gosto de dividir o que é meu.*

E ela era minha? Sim, pelo menos temporariamente. Desde primeiro dia que a vi, subconscientemente tomei a decisão que

teria aquela mulher. E agora conscientemente architectava para tê-la na minha cama.

Quantas noites em claro passaram, visualizando seu corpo perfeito. Não consegui parar de pensar nela molhada em cima de mim. Meu corpo pedia, chorava por ela. De algum jeito a boneca tornou-se minha obsessão.

Como não? Com aqueles óculos de vistas pendurando sensualmente no seu nariz, ela era a perfeita fantasia da inocente bibliotecária, com fogo na calcinha e eu esperava que ela tivesse muito fogo.

- Oi, - cumprimentei o objecto dos meus sonhos com um sorriso safado, que eu sabia que a constrangia.

- Oi, - ela devolveu baixinho, cabisbaixa, mas com um sorrisos nos lábios. Eduardo que estava a assistir nossa interacção lançou um olhar inquisidor e sorriu feito cúmplice de um crime. Então o garoto não tinha nada contra meu relacionamento com a irmã.

Bom. Também ele venerava o chão que eu pisava.

- Não vais comer? - Perguntei ao garoto.

- *Nah*. Zarina contrabandeou uns biscoitos e um bocadinho de sumo. Fica Dante, podemos dividir o matabicho. - Levantei uma sobancelha perante seu pedido.

Já convidando-me para fazer parte da ceia familiar. Interessante. Avanços, Dante. E quem era eu para negar um matabicho diferente daquela gosma que serviam no refeitório? Precisamente.

- Dante? Eduardo? - Foca chamou para entrarmos na fila, mas o garoto negou por nós os dois.

- Como quiserem. - E o bando começou a marchar. Izake e Rico olharam-me com curiosidade, com certeza mais tarde quererão saber de tudo que rolou. Afinal já tinha-se passado duas semanas deste que os disse para deixar a coisa por meu critério, e eles estavam a espera de resultados.

Bem, logo teriam.

Entramos na cela do garoto assim que o bando partiu. Caraças meu! Não é que o garoto estava comendo feito um hóspede de cinco estrelas enquanto eu fazia esforço para engolir aquilo que eles chamavam de "comida".

- Zarina, tenho que contratar seus serviços. - Disse comendo os biscoitos deliciosos que derretiam na minha boca, a quanto tempo não sentia algo tao divino.

Ela e seu irmão começaram a gargalhar, como se tivesse contando a piada do ano.

- Parece que ganhaste mais um fã da sua cozinha Zarina.

- Não! Quer dizer que você que fez isso?

- Porquê a cara? Pra sua informação eu sou uma boa cozinheira, *okay*.

- *OK*. - Respondi ainda surpreso. A boneca não parava de me surpreender.

- Então Dante nos fale um pouco de você. - Opa, terrenos proibidos e privados.

- Bem, o que dizer.

- Tens namorada? - Zarina perguntou espontaneamente, acho que ela própria ficou surpreendida pela sua pergunta, pela sua cara. Silêncio. O garoto clareou a garganta.

- Eu vou ver algo na TV. Fiquem ai conversando.

- Edu! - Zarina chiou, tentando o prevenir de partir, mas o garoto assobiou fingindo não ouvir. *Bom garoto*. Acabava de ganhar pontos no caderno: "Dante Santiago Favores".

- Porque queres saber se tenho namorada?

- Eu-eu. - Hum nervosa. Bom. Aproximei mais. Aproveitado da escuridão para espreitar o cú da galinha. Com prazer.

- *Dante*, - ela ofegou claramente desconfortável pela minha aproximação.

- Zarina? - Baixei a voz, dando meu maior *show*. Á tempo que não seduzia uma mulher, mas acho que ainda lembrava-me do básico. Mulheres adoravam aquela voz grave *de quarto*, lhes faziam pensar em assuntos relacionados em cama.

Ela passou a mão pela nuca e sorriu nervosa. - Olha—

- Não, olha você Zarina, eu sinto uma forte atracção em nós— ah ah, não tente negar— explore comigo esse sentimento. - Curto e grosso. Estava perdendo a subtileza.

- Eu não posso. - Ela murmurou mais para si que para mim.

- Porquê não? - Ela levantou uma sobrancelha incrédula, como se eu fosse louco de não ver os obstáculos. - Entendi. Não só digno o suficiente.

- Não! - Zarina prontamente negou. Bom. - Não é isso. É que isso não é possível. Olha pra nossa situação.

- Não estou vendo obstáculos, só desculpas.

- Você não pode estar falando sério.

- Porque não? - Aproximei mais ainda, até que tivesse comido seu espaço pessoal. Sua respiração parou. Ela parou de escrever no seu bloco de notas e não moveu-se um milímetro sequer. Esperando.

Levantei a mão e acaricie aquele ponto sensível por baixo da sua orelha esquerda com a ponta do dedo, enquanto meus lábios pairavam sobre seu pescoço.

Uma corrente de satisfação varreu meu corpo quando senti seu corpo tremer por baixo da minha respiração quente. A causa não estava perdida. Seu corpo respondeu ao meu chamado curvando a cabeça me dando maior acesso ao seu pescoço, acho que ela não tinha consciência que me queria tanto assim. Senti-me um vampiro pronto a suga-la. Com certeza seu sangue seria uma delícia.

Contudo minha satisfação não durou muito tempo, ela soltou a respiração no meio peito e isso me desequilibrou. Ar quente esquentou meu sangue. Seu cheiro invadiu-me virando o jogo. Ela cheirava absolutamente bem. Sua fragrância continha uma pintada de chocolate. Chocolate, *ah...* a quanto tempo. *Que vontade de comê-la toda.*

- Eu *sinto* que você *sente*. - Com voz áspera esquentei seu ouvido, intoxicando-a com minha presença.

- Dante, eu-eu tó tentando trabalhar e você está-me atrapalhando. - Tentando mascarar a reacção. Tarde demais. Sua voz quebrada entregou-a.

- E eu não te impedi. - Brinquei com ela. Contudo afaste-me dando espaço. Precisávamos respirar. Estava tao atordoado quanto ela. O jogo estava virando rápido demais. Além de seu cheiro estava-me intoxicando.

Não tinha ideia do que se passando, mas meu coração batendo furiosamente era sinal claro que eu precisar dar um passo pra trás.

Além de que calor predominava meu corpo e para piorar o olhar decadente hipnotizante que aqueles grandes olhos castanhos ornamentando por seus óculos de vista nada convencional e sua boca convidativa estavam deixando-me louco.

Meu controle estava por um fio, não podia simplesmente atacá-la sem mais ou menos. Estava infestando de câmara de segurança, isto — menos nas celas. Bingo.

- Me encontre na minha cela. - Mudança de tática.

- Dante...

- Shh. - Posei o dedo em seus lábios e ela abriu a boca como se fosse lambe-lo, essa mulher estava-me matando. Rosnei baixinho para ela. - Não negue isso Zarina. Na minha cela. Vou ficar a sua espera. - E sai sem a dar tempo de negar.

13: Na Toca do Lobo

O quê eu estou fazendo!?

Volta pra dentro! E se Edu acordar! Zarina sua idiota!

Dei um passo de volta a cela do Edu, mas parei. Não! Chega de ser covarde. *Eu quero isso, não, eu preciso fazer isso. Nem que seja pra saber o que Dante ousadamente prometeu com seu olhar. Estás cometendo a pior borrada da sua vida. E daí? Aprendemos com os nossos erros.*

Decida, fiz caminho a cela de Dante, descalça e morrendo de medo. Eram altas horas da noite e estava no meio de uma prisão cheia de drogados, bandidos, psicopatas e violadores... esqueça isto!

Respirei fundo acalmando meu coração, que batia erráticamente. Passai as mãos na cara e exalei, hora do show. Não havia como voltar atrás agora. Quer dizer, *havia*, mas não ia.

Maguana machibesse, logo cedinho estaria com Edu aproveitado o dia, tinha-o escalado como meu ajudante. Por isso deixaram eu dormir com ele hoje, visto que era sexta-feira e amanhã era sábado.

O corredor estava escuro e silencioso. E se alguém surpreendesse-me? Eu gritaria e com certeza viriam ao meu socorro, pelo menos Edu e Dante viriam.

Ufa. Cheguei! Abri a porta de Dante cuidadosamente, cruzando os dedos para ninguém apanhar-me. Graças ao meu posto de trabalho tinha acesso a códigos para qualquer cela, porta, desse lugar. Entrei e antes que fechasse ouvi sua voz grave.

- Zarina?

Um tremor passou por mim. Naquele momento eu soube que minha aventura daria frutos. Passei o dia inteiro ignorando-o, procurando esquecê-lo mas não deu. Foi mas forte que eu.

Passei a noite rebolando na minúscula cama de Edu, sono nega-se a vir. Minha mente só girava em torno do homem que esperava-

me ansiosamente do outro lado da cela. Pronto para fazer meu mundo explodir.

Estava super nervosa, dei um passo hesitante a ele. Apesar da escuridão dava para contornar sua figura. Além de que a escuridão estava tornando tudo muito mais perigoso, excitante. Com adrenalina pulsando em minhas veias.

- Zarina, o que fazes aqui?

Tarde demais, ele já não me queria mais. Não! Eu não passei por isso tudo de graça. Age Zarina.

- Zarina? - Perguntou ele de novo tentativamente, como se não quisesse-me assustar. Tiro ao alto. Eu já estava assustada.

Abri a boca mas não consegui formular uma palavra. Meus pensamentos estavam um caos, e vi que estava deixando Dante preocupado. Também como não, se alguém aparecesse a mim, no meio da noite, descalça, com roupas nada convencional — shorts e camiseta, Zarina!

Sem falar que esqueci meus óculos no meio da correria. E estava difícil ver no meio da escuridão. - Zar—

- Não fale mais nada, Dante. - O cortei colando meus lábios nos seus. Ele ficou paralisado. Caramba! Fiz borrada. Dante tinha cansado de mim.

- Eu deveria saber.

Larguei-o instantaneamente, morta de vergonha. Dei um passo para trás, mas ele pegou-me como se só agora tivesse realizado que eu estava ali.

Seu braço serpenteou minha cintura e sua boca encaixou na minha. Desta vez fui eu quem congelou, mas ao contrário de mim, Dante não largou-me, estimulou meus lábios de um jeito delicioso até que eu correspondesse.

Foi maravilhoso sentir seus lábios em mim, finalmente teria uma lembrança para recompor aquela do balneário que não contava como nosso primeiro beijo. O homem sabia movimentar aqueles lábios, chupava, mordiscava, provocava, incapacitando-me de pensar.

- Vieste realmente. - Dante sussurrou contente. Sorri de volta contente pela minha decisão.

- Claro que vim. - Afirmei, não mais confusa. Essa era minha voz? Uau, não sabia que poderia parecer aquelas mulheres sedutoras.

Com a ponta dos dedos comecei a traçar figuras aleatórias pelo seu torso, que só agora dei conta que estava ao meu dispor. Isso estava ficando cada vez melhor.

Notei que algo o incomodava. O quê? Será que estava fazendo algo de errado. Decidi continuar o acariciando. Mostrando que nada podia estragar nosso momento. E pouco ao pouco ele foi relaxando.

Calor seguia cada traço que eu desenhava nele, sua pele arrepiava gostosamente quando eu passava o dedo, tremendo singelamente. Estava gostando do poder que ele concebia a mim. Curvando-se ao meu desejo, entregando-se a mim.

- Eu não perderia isso por nada. - Disse olhando fixamente nos seus olhos.

Seus olhos super castanhos que chegavam a ser até sobrenatural ascendiam no meio da escuridão. Mas do que nunca tive certeza que seria inútil negar a atração por este homem, iria aproveitar o momento. Depois veria como lidar com isso.

Humedei os lábios o convidando a provar-me ele suspirou de prazer.

- Estive esperando por você.

Nossas respirações tornaram-se pesadas, meu corpo ansioso pelo olhar desavergonhando com que ele varreu-me. Sorri de uma forma provocativa. Gostava de ter controle assim.

Pelo seu olhar dava para ver que ele estava perdido em mim. Bom. Isso aumentava minha confiança.

- Por mais que eu esteja adorando a surpresa. Eu quero—

Ah não! Já sabia que ele iria falar alguma coisa que iria estragar o encanto. *Avance de nível Zarina.* - Shh... não diga nada. Aproveite o momento.

Mergulhei a língua em sua boca pecaminosa para melhor saboreá-lo e fazê-lo calar a boca. Batalhamos incessantemente até que nossos movimentos igualarem-se a selvageria. Parecia que fazíamos sexo com a língua. E foi super erótico e possessivo.

14: Chapeuzinho Vermelho

Meu sangue corria quente e acumulava-se no meu eixo. Tudo graças a essa pequena bruxinha que não parava de surpreender-me. Parece que minha boneca não era tao frágil assim. *Sua?*

Neste momento era ela minha. Com M capital. Não era homem de dividir nada. Principalmente mulher. Depois do bolo que ela me deu, ia deixar isso bem claro. A faria gritar meu nome tao alto que minha marca estaria impressa nela.

Nunca senti-me tao desmoronado que nem hoje, quando pensei que ela realmente não viria. Meu orgulho e ego desceram vários degraus. Se ela queria-me ensinar uma lição, venceu. Mas agora era vez do lobo mau capturar a chapeuzinho vermelho.

Chapeuzinho vermelho? Novo apelido? — Suas unhas dos pés, pintadas a vermelho sangue inspiraram esse nome. Nunca a tinha visto descalça. Caraças, nunca a tinha visto assim. De cabelo solto, não amarrado com exigia as regras da casa, sem aquele uniforme cinzento horrível! Trazia uma camiseta grande branca, uns *super shorts* que deixavam suas maravilhosas pernas a vista, para meu deleite. Simplesmente deslumbrante.

Iria-lhe ensinar que não se brincava de esconde, esconde com Dante Santiago. O caçador voltou a activa. Ela parou de mim beijar com um sorriso largo tímido e fez algo que nunca esperei.

Desceu a cabeça até meu peito e começou a lambê-lo de um jeito louco, alastrando calor com sua língua devassa em meu peitoral. Apesar de estar adorando suas minuciosas caricias estava-me sentido um tanto vulnerável.

Sabia que tinha um número considerável de cicatrizes, cujo nunca importei-me com, mas agora, eu queria que ela achasse-me desejável. De algum jeito essa frágil boneca deu um jeito de perfurar a casca grossa do meu coração e fazer no mínimo importar-me por ela. Sua opinião era crítica para mim.

Outra lambida no meu mamilo seguindo de uma mordiscada tirou todas dúvidas sobre meu corpo. Por o que ela estava fazendo, era

irrevogável sua atração, conseqüentemente, meu corpo. Essa não pode ser a mesma Zarina.

- Sempre imaginei fazendo isso. - Estava ousada ela hein.

Passou as mãos quentes em mim, conhecendo meu corpo. Depois sua língua desenhou cada contorno do meu tanquinho. Parei a respiração. Ela estava próxima de mais de fazer-me perder a cabeça.

Queria que ela baixasse só mais pouco e botasse essa boca linda em meu membro. Acho que explodiria só de sentir seu calor lá. Faz muito, *muito* tempo. Senti que só estava neste estado de ebulição por ser ela. Zarina era responsável pela minha irrupção, nenhuma mulher mais poderia deixar-me assim.

- *E?* - Grunhi, minha voz áspera.

- Melhor que chocolate.

Não deu para não rir. Sua comparação era incrível. Estava gostando dessa nova Zarina ousada e sem restrições.

Já que ela estava sendo atrevida... levantei-a ao meu encontro antes que ela baixasse minhas calças. Não estava preparado para isso ainda. Tinha que abalar seu mundinho perfeito antes disso.

Peguei na bainha da sua camiseta e um movimento rápido, tirei, jogando no chão. Delicados pequenos seios ornamentados por umasutiã preta com acabamentos de renda cumprimentaram-me fazendo minha respiração congelar. Ela era linda demais.

Já a tinha visto nua, mas isto foi... superlativo. Se antes tinha vontade de comê-la toda, agora tinha vontade de... algo primitivo estalou em mim. Seja lá o que ela tinha feito comigo, estava resultando. Não consegui pensar em mais nada que na beldade em minha frente.

- Dante? - Hesitação?

- Shh Zarina, não fale mais nada. Apenas sinta. - Imittei suas palavras.

Levei as mãos ao seu peito e fechei os olhos quando senti-os. Tao perfeitos, tao suaves. Encaixavam perfeitamente em minhas mãos, como se tivessem sido moldados para mim.

- Fodas! Eu adoro seu corpo. - Ela semicerrou os olhos, arqueou as costas e sua cabeça caiu para trás intoxicada de prazer. Que

visão.

- Adora é?

- Você duvida?

Ela não respondeu, limitou-se a gemer baixinho enquanto eu massageava seus seios aproveitando o momento, mas logo deixei-os para guiar suas delicadas mãos ao meu peito.

Ela foi passeando em mim, até que chegou a cintura dos meus jeans. Passou a ponta do dedo fantasmagoricamente, leve como uma pluma provocando-me, fazendo-me silvar uma respiração.

Abri os olhos — nem sabia que os tinha fechado! — Quando sentia olhando-me. Seu olhar accionou algo em mim, e com um grunhido de prazer cobri seus seios com minha boca por cima do sutiã, belisquei-os e ela gemeu baixinho.

Seu gemido estrangulando fez-me tremer. Entrelaçando-me no momento. Estava tao perdido quão ela. Senti sua mão contornar o volume das minhas calças. Caraças! Sua quentura varreu meu corpo. Meu membro pulsou querendo senti-la pele a pele.

- Estás a me deixar louco. - Finalmente encontrei a voz.

- Estou é? - Isso estava-me cheirando vagamente familiar.

- Você duvida? - Ambos sorrimos largamente perante minha resposta.

Se ela soubesse o quanto eu queria estar martelando entre suas pernas agora, acho que fugiria. Mortificada com meus pensamentos, e nas várias posições que a teria.

Desci uma mão para seu curvilíneo traseiro e dei uma figgada nele, - céus! - Sua cabeça caiu para trás. Humedecendo os lábios. Se aquilo não era um convite, então eu já não sei de mais nada.

Com a mão espalmada no seu traseiro beijei-a arduamente com paixão e vontade, e ela correspondeu a minha ferocidade. Nosso beijo estava avançado a um ponto irrevogável. Zarina tremia em meus braços e suas mãos em mim estavam-me matando. Senti-a manuseando minha longitude por cima dos jeans.

Estava tao duro que chegava a doer, minhas calças estavam fazendo uma pressão incrível. Cheios demais para conter meu desejo. Por impulso carreguei-a e ela prontamente enlaçou seus pés em minha cintura.

Dava para senti quão quente ela estava, não perdendo tempo deitamo-nos suavemente na cama para não magoá-la, isso sem cortar o beijo. Suportei meu peso com os braços em cada lado da sua cabeça.

Tirei sua sutiã com mestria, sem que ela se apercebesse, perdida demais em meu beijo. Quem diria. O tio Dante ainda tinha alguns truques na manga. Com um rosnado fechei a boca sobre seu seio e chupei.

- Dante! - Isso se entregue a mim.

Saboreando o que tanto queria lambi e chupei seu mamilo arrebitado, mordendo suavemente.

- Dante! - Ela ronronou perdida de prazer.

Manipulei seu seio com a língua, a deixando na deriva. Depois do meu festim saltei para o outro. Repetindo o processo enquanto ela se contorcia por baixo de mim.

Nossas respirações pesadas enchiam o espaço, só podia ouvir, sentir, cheirar ela. Sua presença era intoxicável, acabando com todo resto. Deixei seus seios e passei a língua pelo vale no meio deles.

Sua coluna arqueou pedido por mais. Tao responsiva. Fui beijando até a cintura dos seus shorts. Levantei-a e agarrei seu delicioso redondo traseiro, ajoelhei-me na cama e posicionei seus pés no meu ombro, a deixando aberta para mim.

Passei a língua no limite da cintura dos seus shorts, trancando o caminho, ela ofegou se debatendo de prazer. Devolvendo o favor boneca. Queria torturá-la por horas, dias... caraças, para sempre!

Mas a vontade de a possuir era forte demais. Eu queria, não, precisava ver essa mulher gritando meu nome aos quatro ventos enquanto chegava ao clímax. Com essa ideia pôs-me a retirar seu shorts, mas ela me parou. Droga!

- Dante, - sua voz ofegante, carregada de prazer encheu o espaço. Eu fiz isso. Fiz esta mulher perder o juízo. Orgulho varreu-me. - Espere. Nós não podemos fazer isso.

Fodas! Essa que me faltava.

- Zarina... o que você está dizendo. Já não queres mais? - Perguntei calmamente, controlando-me para não explodir minha raiva nela.

- Não, eu quero! Mas não assim, aqui.

Oh... verdade bruta assentou em mim. Tirei seus pés de cima de mim e ela prontamente sentou-se, olhando-me sem jeito. Isto era equivalente a um balde de água fria.

- Como você quer então Zarina? - Perguntei frustrado da vida.

- Dante... - ela aproximou-se, segurou meu rosto com as duas mãos fazendo-me encara-la, - não me leve a mal. Você não tem ideia de quanto eu quero isso, mas não assim, não aqui. Acho que deveríamos dar um tempo pra nos ambientarmos um com outro, mal nos conhecemos. Essa simplesmente não seria eu, se deixasse as coisas avançarem a um nível...

- Qual é o problema de espontaneidade? Além de que casais juntasse por pouco mais que nós temos.

- Tens razão, mas eu posso tomar uma atitude assim. Tenho que pensar em Edu, porque isso afectaria ele. Falando nisso, ele está a passos daqui. Não posso desrespeitar meu irmão assim. Eu só peço que sejas um *bocadinho* paciente comigo. Eu quero explorar o que há entre nós, mas em passos. Lola iria morrer de rir de mim agora.

- Lola, sua melhor amiga? - Ela olhou-me como se eu fosse um herói.

- Você se lembra disso? - Então era isso: atenção.

- Claro. Me lembro de tudo que ti diz respeito boneca, - alegria abraçou seu rosto.

Decide voltar ao jogo. Com Zarina a palavra-chave era atenção e paciência. O problema era que eu estava com pouco tempo para executar minha missão. Outro problema era esse sentimento estranho no meu peito. Algo não estava bem, sentia-me mais ligado a ela, e isto não poderia acontecer de jeito nenhum.

Calma, você ainda é o caçador desta história, com um sorriso tranquilizador no rosto segurei seu rosto delicadamente, tomando controlo da situação. Encontraria um jeito de a curvar a minha vontade. Não dou uma semana para ela estar no papo, ou não me chamo Dante Santiago.

- Então como queres fazer isso?

- Bem, inicialmente manteremos segredo da nossa relação.

Isso chateou-me um pouco, apesar de eu saber que não tinha como ela se envolver comigo abertamente aqui. Era até proibido.

Seria seu *segredinho sujo*, mas o facto de ela considerar *nós* uma *relação* dissolveu minha raiva instantânea.

- Eu preciso desse emprego Dante.

- Por causa de seu irmão. - Ultimei por ela.

- Sim. Edu é muito importante para mim, minha única família próxima viva, você entende porquê eu tenho que o proteger?

- Entendo boneca.

- Jura? - Perguntou esperançosa.

- Você duvida? - Respondi com um sorriso safado, lembrando dos nossos momentos quentes, a meros minutos atrás. Alívio abraçou seu rosto.

- Obrigado Dante. - Zarina beijou-me suavemente, ele estava brincado com fogo. A electricidade da paixão voltou em alta voltagem.

- Por mais que eu queira que passes a noite comigo, Zarina. Não posso, não conseguirei controlar-me. Então podes voltar para cela do Eduardo. Antes que eu perca a cabeça.

Ela sorriu dando-me um selinho. Malvada! Com uma risada saiu da cama e procurou por sua roupa.

- Cadê minha sutiã Dante?

Sabia onde estava, mas não iria a entregar de jeito nenhum.

- Está escuro boneca, amanhã eu te entrego. Agora vai, antes que eu mude de ideia.

- *Okay*, - com isso ela desapareceu na noite como se nunca tivesse existido. Uma miragem no deserto.

Desabei na cama, cansado e frustrado. *Grr*. Isto estava saindo de controlo. Não só ela estava mexendo com meus desejos, deixando-me duro de doer, mas também meus sentimentos, não era estúpido para não saber que estava começando a importar-me com Zarina. E isso não era nada, nada, bom. Teria que dar um jeito sério nisso antes que fosse tarde demais.

15: Escala de Limpeza

Finalmente Dante estava aqui. Depois de duas semanas desde que iniciámos nosso *relacionamento*, finalmente estava aqui.

Respirei fundo tentando-me acalmar. Não podia atender a porta assim, toda nervosa e atrapalhada, senão Foca iria desconfiar que algo não estava bem. Dando uma última olhada ao meu singelo studio fui até a porta e abria com uma expressão neutra, mas suave.

Mas isto não antes de alisar rugas invisíveis no meu vestido tomara-que-cai branco, queria que Dante me visse assim: feminina, só para ele. Aposto que ele estava casando de me ver de calças e roupas masculinas, como ele chamava, "horrendo uniforme" além de que todo homem gostava de ver uma mulher dentro de um vestido.

Apesar de meu vestido não ser tao sexy, ele era bonito, abraçava minha cintura destacando meus seios, e Lola garantiu-me que caiu super bem em mim. Quando fizemos a vídeo chat no Skype. Tomara que sim. Tudo tinha que estar na mais absoluta perfeição.

Assim que abri a porta nossos olhos se conectaram, dizer que fiquei sem ar foi pouco, ele sempre fazia isso comigo, desde primeiro dia que o vi, mas o facto de hoje, estar-lhe vendo pela primeira vez fora das paredes da prisão, com o bonito sol criando um halo especial em redor da sua misteriosa cativante figura quase fizeram meus pés desabarem no chão, se não fosse pela porta que segurava com minha vida.

Sua pele castanha brilhava com o sol, ai, como ele estava lindo. Mal podia esperar para estarmos sós e mostra-lhe tudo que preparei para o nosso fim-de-semana. Quando Lola sugeriu que eu o pedisse como meu ajudante engasguei, mas depois pensando melhor, vi que era a melhor solução para nós.

Como nenhum de nós falava, Foca pigarreou chamando nossa atenção, - Bem Zarina, aqui está seu ajudante.

Esbocei um meio sorriso, - obrigado Foca, pode deixar comigo agora.

Ela acenou, - Dante. Estique as mãos. - Foca ordenou e Dante prontamente deu-lhe as mãos encadeadas, quando o som das algemas ecoou fechei os olhos respirando fundo de alívio, agora sim a festa podia começar.

- Dante se comporte, e Zarina qualquer coisa e só chamar pelo rádio, tem guardas fazendo ronda então... - ela deixou a ameaça pendurada no ar, olhando Dante fixamente.

Ela sabia no fundo que Dante nunca iria-me machucar, aposto que até desconfiava que rolava algo entre nós.

Mas ninguém poderia provar nada. Visto que tomávamos muito cuidado. Quase revirei os olhos perante a advertência de Foca. Dante não era burro nem nada. Pelo contrário, ele salvou-me mais vezes que eu podia contar.

- Zarina, - disse Foca acenado um cortês adeus, porquê ela estava demorando tanto!

Esbocei um sorriso obrigatório e assegurei que ficaria bem, enquanto tudo que eu queria e agarrar Dante. - Não se preocupe Foca, tudo vai correr bem, tenho certeza que Dante será um cavaleiro.

- Eu espero, - ela disse olhando fixamente para Dante, e com mais um acenou cortês virou-se e foi embora.

Tive que conter-me para não puxar Dante para dentro da minha casa, pois havia outros guardas ao redor, e meu comportamento não seria bem visto por eles.

Assim que ele cruzou a porta, o ataquei ali mesmo. A vontade era muita para esperar. Isto depois de nos fechar dentro. Degustei aqueles lábios macios e firmes que levavam-me a loucura e deixavam-me noites e noites sem dormir só pensado neles.

Céus, ele tinha um gosto sobrenatural. Por mais vezes que eu o tivesse beijado mil vezes não conseguia-me acostumar com ele, era TDB, não havia palavras para descrever o sabor de ambrosia dele, e o tacto suave, mas firme dos seus lábios... era de levar ao delírio.

Ele passou a língua no meu lábio inferior eroticamente causando um gemido de prazer em mim, enlacei meus braços em torno do

seu pescoço buscando por mais intimidade e senti seu corpo quente e firme pressionar contra meus seios. Isso provocou um arrepio.

Dante não ficou atrás. Enlaçou minha cintura moldando nossos corpos e um gemido silencioso escapou dele. Ele queria isso tanto quanto eu. Podia sentir. Seu coração batia a velocidade de luz e seu corpo respondia ao meu naturalmente.

Fechei os olhos e deixei-me levar pelo som dos nossos lábios batalhando um contra outro, abri a boca e aprofundei o beijo. Deslizei minha língua molhada e escorregadia e senti minha calcinha reagir ao estímulo.

Decidei parar antes que as coisas não passassem da porta, desvencilhei do seu abraço, sorri para ele e disse, - oi.

Ele sorriu, caramba, como eu gostava desse sorriso, ele raramente sorria, além do seu sorriso sacana, ou safado — que era sua marca registrada. Mas vê-lo sorrir hoje aqui comigo, a sós... pôs-me louca.

Ele me deu um selinho e sussurrou no meu ouvido bem baixinho, fazendo meus cabelos da nuca arrepiarem, - oi para você também.

Ele queria-me matar!

Recuperado o fôlego afastei-me dele, não dava para ficar próximo desse deus grego, ele fazia coisas comigo que tinham que ser ilegais, condenáveis, fora de comum. E isto sem ao mesmo me tocar! Só com a força do seu integrante olhar sombrio.

Caramba!

- Está com fome? - Perguntei inocentemente.

Ele gargalhou, enchendo a casa com sua rica risada, por me tomas tao mal, será que ele não sabia o que sua risada fazia comigo. - Muita... - respondeu roucamente esboçando aquele sorrisinho safado. Fogo! Eu estava na merda. Acho que ele não falava do mesmo tipo de *comida* que eu.

Engoli um seco, sorrindo nervosamente. Seu olhar penetrante capaz de sacudir minha alma varreu por meu corpo, despindo-me lentamente, fazendo as coisas lá em baixo latejarem. Eu disse: ele me levava a loucura só com o olhar.

- Gostei do vestido. - Disse apreciando meu corpo. Descarado! Vestido, uma ova.

Mordi o lábio nervosa, - obrigada.

- Estás linda. - Sussurrou quase inaudível, e isso fez-me erguer o olhar encarando-o.

Dante devolveu o olhar com a mesma intensidade, algo ascendia no castanho imenso do seu olhar, algo perigoso, prometededor... minhas bochechas esquentaram imaginando o que seu olhar ousado prometia.

- Vem, vamos comer. - Virei não tendo força de continuar lhe encarrado, mas senti seus olhos no meu traseiro, queria rebolar mostrar para ele como eu poderia ser felina, mas não consegui. Estava com muita vergonha, comprovado: eu não passava mesmo de uma boneca frágil, como ele dizia.

16: O Caçador

Depois de duas malditas semanas tinham conseguido convencer Zarina a escalar-me como seu ajudante, lá se foi minha promessa de uma semana. O importante é que finalmente consegui.

Cá estava eu, dentro da fortaleza Zarina, feliz demais por estar fora daquela cela, mesmo que estivesse ainda preso nessa ilha esquecida por Deus, o ar era diferente aqui fora. Menos condessando.

Sempre gostei de dar voltas fora da grande Pandora, só não ficava contente por ter que servir uns dos infelizes guardas daqui, mas hoje com essa mulher linda, sentia-me realizado, coisa que a muito não sentia.

Nossas escapadas eram sempre curtas e fugazes, aproveitando quando ninguém estava, para trocarmos alguns beijinhos e amassos, dizer que estava a ponto de explodir de tanto desejo era eufemismo.

Toda vez que a beijava, agarrava seu traseiro, sentia seus seios em meu peito, minha vontade só crescia a níveis insuportáveis. Mas hoje, finalmente saberia o que é estar dentro dela, senti-la pulsando por mim, enquanto eu afundava profundamente nela.

Só de pensar...

Pelo menos Rico e Izake deixariam de andar na minha cola, eles sabiam que ganharia Zarina hoje sem falta. Aqueles dois não me deixavam em paz em relação a isto, principalmente Izake, que até sugeriu tomar partido da situação, como se eu fosse deixar. Nem por cima do meu cadáver!

A casa era simples mas organizada. Não podia esperar nada mais dela. Era um minúsculo apartamento que mais parecia um estúdio. Igual a de todo mundo aqui, menos do Gregório e James, é claro.

Nada mais, nada menos, pra o rei e o príncipe da floresta.

De acordo com nossas pequenas conversas só agora via o quanto ela teve que sacrificar para proteger seu irmão. Isso deveria ser uma miséria comparado com o que ela tinha fora. Mas ela garantiu que estava tudo bem...

- Sinta-se em casa. - Zarina disse apontando a mesa. Uau, quanta comida, salivei de gula só de olhar para tantas guloseimas. Ela cozinhou para mim...?

Sorri agradecidamente, acho que meu sorriso lhe abriu o dia porque ela suspirou com contentamento. Acompanhei-a a pequena cozinha com um olho ainda preso na mesa recheada.

Oba!

Não me fiz de importante, servi e degustei de tudo quanto possível. A comida estava muito boa, do nada Zarina começou a gargalhar. Parei com o garfo no ar e olhei-a como se tivesse enlouquecido.

- Qual é a piada?

- Você.

- Como assim, *eu*?

- Pareces uma criança comendo.

Opa... espera aí. Discretamente procurei por pedaços de comidas ao longo da boca, mas não encontrei nenhum, isto quer dizer que eu estava comendo razoavelmente bem, na medida do possível. Experimenta se alimentar de comida prisional por dois anos para ver.

Minha cara fechou. E a cabrita tornou a rir. Filha da mãe! Ela estava rindo cada vez com mais gosto.

- Dante. Desculpe, volte a se sentar por favor. Só que foi engraçado ver-te comer com tanto gosto, tua cara era de puro prazer.

Aquele sorriso maldito fez-me sentar de novo e voltar a degustar da comida, - tenho culpa se cozinhas magnificamente bem?

- Você acha?

- *Você duvida?* - Gargalhamos a minha resposta, esta frase estava se tornando comum demais entre nós.

Liguei o pequeno aparelho de som, que se encontrava na saleta e música agitada latina ecoou pela casa num volume baixo e sutil, ainda bem, não queria chamar atenção dos guardas, levantei uma sobrancelha questionando-a e ela me respondeu com um sorriso

maroto. Tava ficando muito espertinha essa bonequinha para meu gosto.

Sentamo-nos no sofá, ouvindo música, conversando, simplesmente curtindo um e outro. Num sossego total, coisa que não era possível na Pandora, visto que em todas cantos existiam espias. Uma música que eu não conhecia começou a tocar, era uma junção de estilo rock e africano, muito bom, Zarina começou a cantar, parecia que ela gostava verdadeiramente da música.

- De quem é a música?

- Gabriela.

- Oh, e o que ela está dizendo? - Perguntei porque falava num dialecto africano por mim desconhecido.

- Falando de amor. - Ela respondeu olhando-me fixamente. Tive que conter a respiração por causa de seu olhar. Era intenso demais.

- Quer dançar? - Perguntei por puro impulso, mas o brilho que seus olhos emitiriam disseram que fiz a pergunta certa.

- E você sabe *dançar* este tipo de música, *ou* qualquer música?

- Porquê não?

- Não me pareces do tipo que dança? - Gargalhei.

- Cuidado, Podes te surpreender. - Levantei, a puxando comigo, não pedi permissão. Ia mostrar a essa boneca que tinha talentos escondidos.

Ela não era má, nada mal. Para uma garota que aparentava passar a vida atrás do computador, sem ver o sol por dias. Dançava muito bem. Nossos movimentos eram sincronizados e harmoniosos, como se já tivéssemos feito isso antes.

Fiz um movimento de salsa que era meu prato forte, para arrecadar as senhoritas. Assegurei-a pela cintura e fiz com que seu corpo inclinasse para baixo, dando um completo giro de cintura até que seus cabelos tocassem o chão, ela deu uma risada infantil e segurou-me com a vida quando voltou a mim.

- Dante! - Gargalhei.

Respirei sua essência, seu cabelo tinha cheiro de chocolate como sua pele, como sempre. Eu adorava esse cheiro. Era irresistível. Minha garganta secou com vontade de a querer saborear.

- Não sabia que sabias dançar assim? - Perguntou ela com a respiração entrecortada.

Esboucei aquele sorriso sexy irritante que eu sabia que ela gostava, porque toda vez que fazia, ela ficava toda deslumbrada. - Você não faz ideia do que eu sou capaz, - e com isso continuei a guia-la, movendo seu corpo como se fosse marionete nas minhas mãos.

Pisquei com um olhar mal-intencionado. Era chegado a hora de *up* esse jogo. Sem aviso prévio capturei seus lábios e beijei com vontade, e sua doce correspondência cegou-me de paixão. Me dando prazer extremo só com os lábios. E isto foi o início de inúmeros carinhos.

Lentamente desci a mão para seu traseiro e dei uma apertada que a fez saltar no meu abraço, sorri contente por sua reação. Com os lábios no seu ouvido mordisquei suavemente. Tremida deliciosa, acompanhado de arfar.

- Umm, minha boneca gosta disso, sim? - Perguntei mordicando de novo. Ela arqueou e aproveitei para aprisiona-la numa parede. Exactamente onde eu a queria.

Descansei minhas mãos contra a parede em cada lado da sua cabeça, aproxime-me mais ainda, até que nossos corpos estivessem colados e meu olhar baixou para seus incríveis seios que raspavam meu peito ofegantemente e senti meu pénis pulsar pronto para assaltar, minha sanidade estava deslizando.

- Dante...

Silencie-a com um beijo escaldante no pescoço, minha língua passeou por sua saborosa pele. Tremendo de prazer ela olhou para cima, olhos semicerrados, mordendo o lábio inferior.

Quando pressionei minha erecção contra ela, ela segurou meu pescoço como se tivesse medo de cair. Minha boca desceu a seu pescoço mais uma vez, saboreando aquele gosto decadente.

Aproveitando da situação juntei nossos lábios que começaram a dançar um com outro, dominante, aprofundei o beijo exigindo dela mais e ela se curvou a mim.

Suas mãos pressionaram o meu pescoço num gesto possessivo e necessitante. Ela queria isso. Mordi seu lábio inferior gostosamente

e isso fez ela ofegar dando-me total acesso.

Precisando de ar afastei-me dela olhando com uma necessidade... fora de comum. Minha intenção clara. Hoje não haveria desculpas, ela seria minha e só minha. Quantas vezes necessárias.

Seus olhos reagiram ao meu olhar quente, tirei seu óculos botando no sofá. Estava atrapalhando a visão total dessa deusa. E eu a queria toda para mim, perdida em mim, sem nada no caminho, isso divergiu meu olhar a seu vertido. Tudo no seu tempo.

Voltei a atacar com tudo, o entrance de nossas línguas era animal, fora de comum. Nossas respirações tornaram-se conjuntas. Estava perdendo o controlo numa velocidade incrível.

- Onde é seu quarto? - Consegui sussurrar arfando por ar. Zarina simplesmente acenou a única porta visível no pequeno apartamento.

Urgindo de necessidade plantei as mãos no seu traseiro e carreguei-a do chão, como previsto ela enlaçou suas longas pernas esbeltas em mim, circulando-me com sua quentura. *Isso entregue-se a mim.*

Com ela nos meus braços fiz o pequeno caminho para seu quarto, segurei-a com um braço e abri a porta. Não estava preparado para o cenário e cheiro que assaltou-me. Foi demais. Zarina tinha-se superado, era uma mulher nota mil.

Engoli em seco. Uau.

O quarto estava lindo, com pesadas escuras cortinas fechadas, velas artesanais espalhadas em todos os cantos iluminavam o quarto de um jeito surreal. Pétalas de rosas vermelhas emolduravam o cenário, espalhadas no chão e cama. Cama...

Solenemente uma cama casal aguardava por nós, com lençóis de cetim branco e decorada para um verdadeiro ninho do amor. Sem falar daquele cheiro intoxicante no ar. O que era aquilo? Só sabia que era afrodisíaco.

- Zarina... - ronronou, não podendo-me conter mais.

Com um pé fechei a porta e a lancei na cama desfazendo seu perfeito arranjo, ela soltou um gritinho supressa, não demorei, envolvi seu corpo com meu, posicionado-me em cima dela. A necessidade de estar dentro dela agora era tanta que

enlouqueceria se ela de repente dissesse que não estava preparada. *Por favor não faça isso.*

Seria o primeiro homem a morrer de tesão se ela brincasse comigo de novo.

Tomei seu corpo milímetro por milímetro, decorando todos detalhes gloriosos, de como sua pele brilhava que nem o sol contra a luz das velas. - Você é linda. - Sussurrei perdido.

Seus lábios abriram para dizer algo, mas logo fecharam. Zarina simplesmente humedece-os na expectativa. Rosnei. *Não faça isso comigo mulher.*

O olhar carnívoro que a dirigi a fez arquear suas costas entregando-me seus seios de bandeja. Hesitante apalpei-os, não confiando em mim mesmo, estava fora de mim a tempos, só um fio de sanidade prendia-me aqui.

Ela tremeu com meu toque, choramingando, precisava chupa-la. Levantei de supetão e tirei seu vestido num movimento só. Ainda bem que era daquelas que não levava botões ou zip. E o melhor da festa, não usava sutiã. Só uma minúscula calcinha rendada vermelha, que quase envergonhou-me, senti meu prazer subir a ponta do meu membro, pronta para liberação, essa mulher estava-me matando!

Nunca imaginaria que debaixo da toda certinha Zarina existia uma maravilhosa ferosa mulher a espera de ser explorada com as armas certas. E sua calcinha gostosa que quase me fez lançar. Ai...

- Dante, o que você—

Baixei-a de novo ao suave colchão e belisquei seu mamilo, ela saltou ao toque, fazendo-me inclinar para finalmente prová-la.

Fechei minha boca sobre um e suguei com tudo, seus biquinhos estavam apertados e erectos, orgulhosamente excitados. Como esperado ela gemeu perdidamente. Eu adorava esse som.

Como se eu fosse a algum lugar, ela aprisionou minha cabeça no seu seio. O mundo em minha volta apagou, tudo que eu sentia, cheirava, via, era ela. O resto era história. Enquanto a sugava serpentei minha mão para baixo e aqueirei sua calcinha a descendo para fora do seu corpo.

- Isso não é justo.

- O quê?

- Eu estou toda... nua e você ...

- Me tire a roupa. - Provoquei-a. Ficando de joelhos na cama

Isso, eu queria ver. Ela engoliu em seco, visivelmente consternada. Podia sentir as ondas de vergonha ondulando dela. Mas para minha surpresa ela levantou e tentativamente pôs a mão no primeiro botão da minha camisa. Não é que a cabritinha fez mesmo.

Se ela estava querendo provar um ponto... conseguiu. Sua lentidão maliciosa estava-me deixando louco. Ela fazia tudo na melhor calma, como se tempo e espaço deixassem de existir para ela.

O primeiro, o segundo, o terceiro botão... tudo isso lentamente, seguindo de carícias estridentes. Minha pele estava sensível demais. Quando ela acabou de tirar a camisa passeou suas delicadas mãos em mim, toda entrelaçada com meu corpo, como se eu fosse um verdadeiro tesouro.

Isso pesou no meu coração, antes que eu quebrasse o clima, ela inclinou-se tentativamente e passou a língua em mim. Caraças. Minha ruína estava começando. E não parou por aí, foi provando meu corpo com tudo, no seu tempo e passo.

O problema é que eu já estava sem paciência. Arranquei suas mãos de mim, apressadamente tirei minhas calças, rugindo quando elas passaram por minha dolorosa ereção de semanas e desfiz dos sapatos.

Empurrei-a ao colchão e descí meu corpo sobre ela, com o joelho abri suas pernas e posicionei bem no meio delas, sentido seu calor. Eu queria muito, *muito* essa mulher. Chegava a ser doentio até.

Esfreguei meu sexo no dela, sentido quão quente lá estava e a deliciosa fricção. Tremi todo, antecipação era uma delícia e droga. A cabrita acompanhou meus movimentos rebolando em mim. Seu néctar molhando minha coroa. Fechei os olhos.

Seus gemidos encheram o ar desmoronado a concentração. Com cada gemido caía profundamente no seu feitiço. Nunca foi do tipo "perder total controlo sobre uma mulher", mas esta... oh.

Esta pequena delicada boneca era outra história. Ela manipulava-me, surpreendia-me, deixava-me louco, como se ela que tivesse todas cartas na manga, e ela que estivesse no comando.

Isso trazia-me a pergunta: quem era o verdadeiro caçador nesta trama, e quem era a presa. Desci o olhar nela, pronto para prepará-la, mas a ousadia que vi no seu olhar fez-me engasgar.

Ela estava no comando, ela era o caçador agora, e eu, uma indefesa presa ao seu comando e vontade, apesar de estar em cima dela, e isso tinha que mudar. Não sei onde iria buscar o controlo, mas tinha que reverter o jogo.

Uma necessidade dos homens da caverna de ter uma mulher rogando para ser tomada passou por mim. Isso, não ia tomá-la até que o caçador tivesse voltando a activa.

17: Conexão

Seu corpo nu estava sobre meu num calor abrasante, que queimava todas células do meu organismo, não conseguia mais falar de tanto minha garganta estar seca. Só olhar o chocolate intenso dos seus olhos.

- Você é tao linda. - Sussurrou Dante mais uma vez, minhas bochechas já estavam fervendo de tao esquentadas dos seus elogios. Sorri nervosamente.

- Você também.

- Lindo? - Dante arqueou uma sobrancelha.

Sorri, - é, - brinquei, dando um risada devido ao seu comportamento, qual era dos homens não quererem ser chamados de lindos. Pois ele era lindo, formoso, magnífico, uma estátua remanescente romana, o epítome do homem perfeito.

Viril, misterioso, forte, e apaixonante, sim apaixonante. Ele fazia as coisas com uma paixão enlouquecedora, deixando-me a beira do colapso.

- Eu vou-te mostrar quem é lindo aqui! - Ele disse se posicionado na minha entrada, já dava para sentir o calor do seu membro em mim, aquilo era enlouquecedor.

Sem avisar beijou-me, desceu sua cabeça na minha e tascou um beijo, não um beijo inebriante e voraz, mas um suave e cheio de paixão. Esfrego seu corpo em mim, provocando uma deliciosa fricção, pele contra pele, suave contra duro.

Seu membro roçava meu clitóris perigosamente fazendo-me arquear pronta para recebê-lo, mas sempre que eu quase o encaixava em mim, ele desviava, exibindo aquele sorriso safado maroto nos seus lábios.

Ai seu sacana! - *Por favor, Dante.* - Roguei, já não aguentava mais.

- Eu sabia que você rogaria por mim. - Ele sorriu convencido, em resposta dei-lhe uma palmada.

Voltou a beijar-me. não dando tempo para minha irritação com suas mãos passeando em torno do meu corpo febril, e eu como uma óptima escrava do desejo entreguei-me as suas carícias, ele assobio baixinho quando sua cabeça entrou uns poucos centímetros dentro de mim.

Minha respiração parou, congelou. Minhas paredes pulsaram tentando puxá-lo pra dentro, mas ele deu para trás, para minha frustração. Qual era do cara? Me dar uma BMW para depois dizer que não podia conduzir! Só podia estar de brincadeira comigo.

- Eu preciso de te proteger Zarina, tens preservativo? - Perguntou-me olhando fixamente, seu olhar dizia que ele estava com dor, será que era dor de estar fora de mim.

Foda-se! Esbofetei-me internamente, pensei em tudo, na cama rodeada por pétalas de rosa, o aroma sensual, o almoço afrodisíaco e tudo mais... e fui-me esquecer da coisa mais básica.

- Ah, - me senti uma idiota. - Você não tem?

Ele olhou-me incredulamente, claro que ele não tinha um! Que pergunta minha. Depois que seu assombro passou um brilho estranho iluminou seus olhos. Satisfação?

Porquê que ele olhava-me satisfeito por eu não ter preservativos, será que não queria fazer isto comigo? Estava para desfazer-me do seu abraço quando seu corpo desabou em mim, prendendo-me com seu peso. Estremeci, minha nossa.

- Onde a senhoria pensa que vai? - Ele demandou.

- Bem, já que não temos um... um... eu pensei que... - porquê não conseguia falar *preservativo*. Caramba, parecia uma virgem, esquentei de vergonha.

Ele gargalhou, fazendo-me arrepiar toda, - confias em mim? - Dante perguntou sério, encarando-me.

Engoli um seco, seu olhar sério penetrante sempre fazia-me ficar nervosa, - s-sim... sim. - Primeiro gaguejei, mas depois meu *sim* foi absoluto.

Sei que ia contra todos meus ensinamentos acreditar num homem como ele, mas já era tarde demais, meu coração e cabeça pela primeira vez estavam concordando com algo em relação a ele.

- Bom. - Ele suspirou de alívio, uau, será que minha confiança era tao importante para ele assim? - Nós vamos *sim* fazer isto, eu só preciso que você confie em mim, não vou te por em perigo, Prometo. Vou gozar fora. - Dante deu uma pausa observando-me, esperando por minha reacção. - Você aceita? - Seus olhos brilharam, capturando-me no seu encantamento.

Sem poder formular as palavras, assenti lentamente, e ele não perdeu nem mais um segundo, meteu tudo dentro de mim, num movimento rápido e preciso. Doeu um pouco se me perguntares. A dois anos que não fazia sexo, e do jeito que ele tomou-me foi um pouco brusco para mim.

Respirei fundo, tentando acalmar meu coração e acostumar-me com seu volumoso tamanho.

- Desculpa... - ele segurou minha cabeça com as duas mãos, observando-me meio receoso, preocupado, e abalando. - Eu prometo que serei mais vagaroso e cuidadoso por agora, boneca, só que faz tanto tempo... que acho que perdi a prática. Perdoa-me boneca. Nos podemos parar por aqui se você quiser, eu juro que—

Não deixei ele ultimar suas justificações, peguei-o pelo pescoço e tasquei um beijo nele, digno de final do Titanic, ele ofegou e sem precisar de mais estímulos começou a se movimentar dentro de mim, numa dança mais antiga que a própria humanidade.

Ele guiava-me na posição mais primitiva e antiga já existente, comum para outros, mas com esse tesouro de homem, era tudo menos comum, era uma viagem extraordinária. Estávamos na primeira mudança, ele indo devagar e gostoso como ele prometeu, mas eu queria mais, assim exigi a ele.

Atendendo ao meu pedido ele introduziu a segunda e continuamos naquele paraíso, mas eu queria mais, muito mais. - Dante... - ronronei.

- Zarina, - ele rosnou, acho que ouvir seu nome estrangulado na minha garganta fez ele mudar para terceira. Ofeguei respirando pesadamente ao sentir suas investidas rítmicas, e quando sua boca encontrou meu pescoço, então...

O mundo foi para o escambau, senti-me num universo paralelo, sem limites ou barreiras. Era só eu e ele naquele universo.

Querendo mais apertei-o dentro de mim, lhe fazendo tremer. - Assim você me mata Zarina.

- Nem ouse morrer, eu quero você bem vivo

Ele queria rir, mas o aperto que dei nele, o fez rosar e avançar com mais força dentro de mim, já estávamos na quarta, e eu já não aguentava mais, a cama quase tremia como nós, se eu morresse agora, morreria uma mulher feliz e satisfeita.

Caraças! Ele era bom nisso.

Meu corpo começou a tremer pronto para liberação, e meus gemidos silenciosos se tornaram frénicos, saboreado seu nome nos meus lábios semiabertos. Ele sentiu e então acelerou para última mudança nos levando a loucura.

Num grito silencioso de prazer, gritei seu nome enquanto convulsionava de absoluto e completo prazer, mas ele não parou continuou o ritmo, acho que ele iria gozar logo a seguir.

Sabendo disso apertei-o dentro de mim, de modo que ele não conseguisse sair, nem morta. - Zarina! - Ele rosou. - Eu preciso... eu vou. Zarina me solta! - ele comandou, obviamente iria gozar, mas não fora de mim.

Não iria desperdiçar seu rico exiliar de vida nos lençóis, se ele tivesse que gozar, que fosse dentro de mim, que se dane as consequências, além disso eu não estava no meu período fértil, ou estava?

Á anos que não me preocupava com isso, então não sabia concretamente.

Argh! Sem pensar muito, tranquei minhas pernas em redor da sua cintura o prendendo dentro de mim, - Zarina. - Ele murmurou com a respiração entrecortada.

- Shh. - Calei-o, envolvendo-lhe no meu abraço. Sem precisar de o dizer mais nada. Beije-o profundamente, garantido que estava tudo bem, e ele não perdeu tempo, se perdeu completamente em mim, grunhido de prazer absoluto.

Foi a rendição mais bela que eu já presencie.

Quando ele finalmente desabou em cima de mim, mortos de cansaço mas completamente satisfeitos, sorri. Ele era pesado sim,

mas o calor e suor evolvente do seu corpo completava-me, de uma forma estranha.

- Você é louca! - Foi a primeira coisa que ele disse quando finalmente se recuperou. Franzi a cara, como?

- Zarina, e se ficas grávida! - Ah... Então era isso. Decidi mentir, não queria que ele ficasse preocupado a toa, ou com sentido de responsabilidade de algo que não existe. Com um sorriso falso respondi.

- Não se preocupe, eu estou protegida. - Acalmei-lhe, com o encanto do pôs sexo quebrado. Ele franziu a cara. De desgosto?

Ah, qual era do cara? Quando eu disse que não tinha preservativo ele sorriu, depois ficou preocupado com uma possível gravidez, e agora que alivei sua mente, ele me encarra como se tivesse cometido um crime. Se decida rapaz!

- O que foi?

- Nada. - Ele disse levantando-se da cama. - Preciso-me limpar. - OK. Voltamos ao impessoal Dante.

- O banheiro é por aí. - Indiquei. Vi sua figura poderosa se retrair ao banheiro. De pé, meu quarto pareceu minúsculo em relação a aquele homem, aí, todo nu e com aura satisfeita, não era para menos, Dante Santiago exalava autoridade.

Quando ele fechou a porta do banheiro, encostei-me na cama agora fria, e uma lágrima escorreu involuntariamente. Rapidamente enxuguei-a. Não tinha direito de chorar, sabia muito bem quando envolvi-me com ele o que esperar.

Mas tinha que ser ele tao frio?

Acabamos de partilhar algo que conectava as pessoas não distanciar. Então porquê que me sentia usada...?

18: Problemas no Paraíso

“Dante! Dante! Dante!”

O cântico contínuo desses infelizes estava mexendo com minha cabeça, enquanto fazia o caminho para morte. Passei a mão pegajosa e tremente pela testa suada. Algo não estava nada bem. Algo não batia. Estava transpirando antes mesmo de a luta começar. Sem falar nesse desequilíbrio que subitamente tomou conta de mim.

Nada fazia sentido hoje. Meu corpo estava fraco, minha mente confusa, meus aguçados sentidos tórpidos. Algo não está bem comigo.

Sem falar da terrível dor de cabeça que se instalou em fim feito praga. *Apenas acabe com isso, lute e sobrevive mais um dia.* A lei da selva.

James deveria estar se divertindo pra’ caraças agora. Iria lutar com Tay, o japá. Meu próprio companheiro de cela. Só o retorcido de James poderia organizar algo parecido com isso. O cara era doente.

- Dante, o Director quer vê-lo. - Suspirei pesadamente.

As marionetes de Simba estava aqui, e não do Gregório, isso quer dizer que o príncipe estava *convocando* seus súbitos. Rosnei baixinho irritado, deixando o peso no lugar. Lá se foi meu exercício e dia *brilhante* — não era grande coisa, mas era melhor apanhar sol no pátio que ficar trancado lá dentro. Além de que estava fugindo de uma certa mulher... as coisas estavam meio que estranhas entre nós — toda vez que James *convocava* alguém, a coisa era séria e quase sempre acabava em porra.

- Algum problema Chuck? - Rico que estava-me ajudando a carregar ferro, perguntou com suspeita naquele jeito dele inofensivo, enquanto extraia info.

- Não te diz respeito. Foque-se em si, latino. - Chuck, o guarda cuspiu para Rico, que levantou os braços num gesto de rendição,

com um sorriso estúpido na cara. Esse era o Rico. Sempre camuflado.

- Vai ficar todo dia aí, o vamos ter que te arrancar! - Marionete número dois disse, cuspiendo no chão. Um porco infeliz mesmo.

Simplesmente esbocei meu sorriso sacana acompanhando os infelizes. Como eu previ, estávamos na caverna do dragão. James girou sua majestosa cadeira na sua ostentosa sala, encarando-me com aquele sorriso sádico que eu odiava.

- O grande Dante Santiago. - Dramatizou. - Sente-se. - Quanta falsidade.

- Prefiro ficar de pé. - Umm. Resposta errada.

Seu sorriso caiu e do nada um golpe assaltou-me nas costas fazendo cair de joelhos. Dois braços fortes agarraram-me depositando meu corpo dolorido pelo levantamento de peso na cadeira singular de julgamento.

- Parece que já tens dois anos em Pandora. O ano de clemência já passou. - O quê! Então era isso. - Seu prazo expirou, Dante. - James depositou os cotovelos na grande secretaria de madeira escura, como se realmente sentisse pena de mim. - Temo muito ser eu a te dar estas notícias, mas hoje a noite vais lutar. - fooodas!

- *Como?* - Perguntei calmamente, enquanto por dentro explodia. Suas palavras ainda não tinham sentado no meu cérebro.

- *Como?* - James gargalhou com vida. - Tenho que reconhecer isso, és cómico. - Sua feição despojada mudou para maliciosa. - Eu disse: hoje. Dante. Luta. Acabou. Clemência. VIP. En-te-deu? - James explicou como se eu fosse um burro.

- Mas ainda não completou um ano.

- Eu é que decido isso. Agora o levem daqui.

As marionetes prontamente atenderam ao seu pedido, carregando meu corpo pesado da cadeira, mas antes que eles arrastassem-me para fora perguntei, - com quem lutarei?

James esboçou seu famoso sorriso, mas sínico que nunca e respondeu. - Quem mais? Tay. Seu vizinho, Dante. Agora o levem para solitária. Ninguém, mais *ninguém*, ouviram? Pode ter contacto com ele antes da luta. - E virou as costas.

Tay o Japá! Estou lascado. O cara passava horas e horas em silêncio total, observando, praticando yoga, aprendendo, sempre invulgar, mais quieto de todos e letal. Todos sabiam como ele lutava. Aquele não matava, ele torturava.

- Dante? Dante! - A voz alarmada de Zarina acordou-me do pesadelo acordado.

- Zarina? - Perguntei duvidado de mim.

Sem foco minha vistas vasculharam o minúsculo lugar onde me encontrava. Não era um pesadelo. Eu estava na solitária.

- Sou eu mesma Dante. - Sua voz soou mais aliviada e deu-me foco.

Respirei pesadamente mas arrependi-me assim que o cheiro nauseabundo assaltou minhas narinas.

Estava sentado ao lado da nojenta sanita que não era limpada de propósito para castigar os prisioneiros. Isto era o inferno. Pior que o inferno, era o purgatório pessoal de James. Ele queria quebrar meu espírito antes da luta. Mas eu não iria deixar.

- Zarina como conseguiste passar os guardas? - Perguntei para manter-me focado na sua voz.

Estava tudo escuro, sem uma gota de luz nesse quadrado de 100metros cúbicos e ela estava do outro lado. Me sentia como se estivéssemos em dimensões diferentes.

Estava a apenas horas trancando nesse buraco minúsculo, escuro, sem ar, abafado, malcheiroso, repugnante, e nojento, mas Zarina estava aqui. Agora tinha porquê manter minha sanidade: ela.

- Isso não importa. Dante, porquê estás aqui?

Fechei os olhos e respirei fundo passando a mão pela boca. O que iria a dizer? Toda estranheza desses dias evaporaram num piscar. Como fui estúpido! Estava com tanto medo de me envolver que consegui estragar tudo com Zarina, mas mesmo assim cá estava esta brilhante mulher ao meu socorro. A mulher que eu não merecia.

- Não deverias estar aqui Zarina.

- Mas Dante... eu fiquei preocupada. Você não retornou ao Bloco como todo mundo e Edu disse-me que dois guardas o levaram a

força do pátio. - Deixe ao garoto para exagerar.

- Eu estou bem, não se preocupe—

- Como podes dizer isto! Estás trancado numa solitária, por nenhum motivo aparente. Me conta Dante, o que eles querem? Eu posso ajudar.

O que dizer...?

- Eu sinto muito Zarina por te fazer passar por isto. Você me perdoa? - Ouvi seu suspiro do outro lado.

Meus ouvidos captaram movimentos. Ela se sentou batendo a cabeça na pesada porta de aço fundido que nos separava e exalou mais uma vez. Ela entendeu que estava pendido desculpa não só por hoje, mas por esses dias que fui insensível e distante. Evitando-a o máximo possível.

Nosso dia, juntos, abalou demais com minhas estruturas de aço. Derreteram todas a sua vontade e comando. A conexão foi demais. E isso assustou-me, terrificou-me. Depois de fazer amor, por aquilo de jeito nenhum foi sexo, simplesmente não pude olhar nos seus olhos como um homem. Como poderia?

Ela confiou-me seu corpo, mente, e com certeza seu coração, e eu não planejava nada mais, nada menos, que traí-la. Da pior forma possível. Não era melhor que James. Mas tinha que ter o perdão dela. Não sabia o que aconteceria nessa luta.

O bom é que ela só ouviria amanhã quando viesse trabalhar. *Me perdoe Zarina...*

- Zarina?

- Eu te perdoou Dante.

- Seu tempo acabou. - *Chuck?*

- Mas eu nem vi ele. Policial Chuck, eu preciso pelo menos ver ele, e Dante deve estar morrendo de sede e fome. O que ele fez mesmo? - O que a marionete de James estava fazendo aqui?

Minha vontade era dizer para Zarina correr e nunca mais voltar para aqui. Mas duvido que Chuck iria fazer algo com ela. Ela era um deles. Se eu fizesse algo estúpido comprometia Zarina e sua posição.

- Senhorita Zarina. Eu disse que não poderia dar este tipo de informação. Já arrisquei demais só deixando a Senhorita aqui. Se o

Director descobrir... - Falso pra' caraças.

Se não tivesse ouvido com os meus próprios ouvidos diria que era mentira. Mas era o *policia*l Chuck mesmo, que falava tão educativamente, como se fosse a pessoa mais complacente do mundo por deixar Zarina ver-me. Coitada da minha Zarina.

- Eu agradeço policial Chuck. Só que... posso pelo menos dar essa água a ele e dizer adeus. Por favor, Chuck. - Zarina quase ajoelhava pelo seu tom. Amaldiçoei aos céus por deixar ela passar por tanta humilhação, ainda por cima, por um escárnio como *Chuck*.

- 5 minutos. - Ouvi grades se abrirem e um raio de luz brilhou na minha cara provocando cegueira.

- Dante! - Zarina espreitou pelo buraco pequeno, que eles utilizavam para verificar se o prisioneiro ainda estava vivo ou não.

Conjurei forças que eu próprio não sabia que possuía e esforcei-me a levantar do chão, esticando meus joelhos que arderam por estar tanto tempo na mesma posição. Mas eu iria suportar. Ira suportar tudo e mais alguma coisa por ela.

Zarina mostrou-me que existia uma chance de felicidade para mim e eu não ria desperdiçá-la de jeito nenhum. Iria dar um jeito no meu plano de inclui-la comigo.

- Zarina... - Controlei-me para dar um jeito de não dar bandeira ao Chuck.

Os olhos de Zarina encheram de lágrima quando viram-me. Ela realmente gostava de mim. Sorri fracamente, tentando no máximo parecer bem. Poderia estar pior, com uma grave surra. Isso me leva a perguntar porquê James não ordenou uma boa surra antes de lançar-me ao ringue?

- Dante... - Zarina sussurrou tremendo, com olhos lacrimejado.

- Shh... - A acalmei e fiz um sinal discreto apontando a Chuck, minha garota inteligente entendeu e engoliu suas lágrimas.

- 3 minutos. - O infeliz de Chuck interveio. Filho da puta!

- Também. Dante, você está bem?

- Estou Zarina. Amanhã vou estar fora daqui, não se preocupe e *tudo* vai voltar ao normal.

Instantaneamente alívio abraçou sua face. Ela entendeu do que eu estava falando, que tudo iria voltar a ser aquela maravilha

clandestina que tínhamos antes do fodido aqui estragar tudo. Ela sorriu para mim tranquilizada.

- Eu trouxe água para você, eles não deixaram trazer mais nada.

- Obrigado.

- Já está na hora. - Chuck de novo.

Então era assim que os prisioneiros casados sentiam-se quando suas mulheres vinham. Como o coração na mão e apertado. Sem poder fazer nada para elas ficar mais tempo.

- Vai Zarina, eu vou ficar bem.

- Okay. Até amanhã Dante.

Quando finalmente Zarina foi, e o desgraçado do Chuck fechou minha grade, ele lançou-me um olhar triunfante, como se tivesse algum às na manga pronto para detonar.

Zarina. Será que ele sabia sobre Zarina?

Assim que entrei no ringue, meu corpo estava mais morto que vivo. Não conseguia entender como poderia estar tão cansado por causa de algumas horas na solitária. Não tinha conexão.

O sino tocou antes mesmo de eu preparar-me. Isso era pior que o WWF. Animal. Demoníaco, e veridicamente sem regras. Quantas vezes assisti infelizes se degolarem, matarem, esfolarem, aqui nessa arena vermelha.

E hoje era eu. A volta de Dante Santiago, no mundo das sombras.

Vi o público vibrar de emoção. Sedentos de sangue. Tay, enigmático como sempre, pronto para aniquilar-me. O mundo começou a girar, não tinha controlo sobre minha coordenação motora, estava a um passo de cair.

Quando o primeiro golpe acertou-me, cai duro no chão como um saco podre de batatas. E não consegui levantar mais. O Japá não deu descanso, partiu para cima de mim com tudo. Sem piedade ou perdão. Ele iria-me matar.

Só consegui ver vermelho. Estava engasgando do meu próprio sangue. O público virou. De "Dante" para "japá" como era

conhecido o integrante da máfia japonesa. Minha vida passou em retrospectiva. Não fiz nada, absolutamente nada.

Entreguei-me ao crime como se isso fosse resolver meus problemas e olha para onde isso me levou.

“Mate-o! Mate-o! Mate-o!” O cântico ressonou.

No meio de toda confusão ouvi um singelo grito que fez-me acordar para o mundo, meus olhos divergiram para fonte da minha vida. Zarina.

Abraçada a James minha boneca estava assistindo minha decadência — a última luta de Dante Santiago — com meu inimigo como se fizesse parte dos urubus de cima. Estavam todos policiais importantes lá. Menos Gregório, riam como se alguém não estivesse morrendo bem diante dos seus olhos e Zarina estava com eles.

O que isso significava? *Não... não... calma Dante, sem conclusões precipitadas. ela não era um deles.* Recusava-me em acreditar no que meus olhos viam. Como se mundo tivesse parado e só eu e ela existíssemos num outro plano, nossos olhos se conectaram por um breve segundo.

Vi sua alma desprovida de emoção, incapaz de abrigar um sentimento puro neles, desumana. Como eu nunca a vi assim? E no segundo depois James a beijou escandalosamente em frente de todo mundo, como se ela fosse seu prêmio pessoal.

Fechei os olhos não acreditando no que vi. Mas lá estava ela. Nos braços do próprio filho de Satanás como se fosse uma sucumbus. Sucumbus... revisei todos nossos momentos juntos e percebi que na verdade ela esteve jogando comigo esse tempo todo.

Eu que fui a vítima. O traído. O abandonado.

Clareza invadiu meu cérebro por um breve segundo e juntei os factos. Minha prisão abrupta, Zarina aparecendo depois, a água. Meu desequilíbrio. Fui drogado. Melhor dizendo *e/la* me drogou!

Agora que via claramente, ódio como eu nunca senti invadiu meu corpo em proporções milenares. Se eu sobrevivesse a isto...

Escuridão abraçou-me quando um golpe profundo virou meu cérebro do avesso.

- Dante? Dante...? - Rico.

Abri tentativamente os olhos e uma luz branca nublou minha visão.

- Por um tempo pensei que o perderíamos, compadre.

- Onde estou? - Minha voz estava áspera. Meus músculos pesados, e tudo confuso.

- Na Enfermaria, bro. - *Enfermaria?*

Fodas! Memórias em velocidade da luz assaltaram meu cérebro criando uma dor de cabeça fora de sério. Tentei levantar mas minhas costelas protestaram só pelo esforço.

- Hei calma! Ainda estás em recuperação.

- A quanto tempo estou aqui?

- Dois dias.

- Tsc. Droga! E o resto como está?

- Na mesma Dante. Meu, tua aparência está péssima. - A visão foi voltando pouco ao pouco. Vi Rico ao meu lado e as paredes que uma vez já foram brancas envolver-nos. Enfermaria mesmo. O japá deve ter acabado comigo.

- Obrigado. - Respondi sarcasticamente.

Levantei grunhido de dor, Rico tentou ajudar mas neguei. A dor física não se igualava a dor que meu coração carregava. Agora entendo porquê nunca permite-me apaixonar. Doía demais. Finalmente sentei.

- Como estamos?

Rico passou a mão na boca stressado. - Sem Zarina, compadre, em ponto morto. Agora que ela está com James... quem diria, hein, podia jurar que a *Chica* estava na sua. Mas... - Rico pausou e olhou-me cautelosamente. - Não contaste nada para a *Chica*, não é?

- Por acaso, tenho cara de burro?

Rico estava visivelmente satisfeito com minha resposta. - Nem por isso. Mas sei lá Dante. Andaste meio aéreo por um tempo. Estava prestes a fazer uma intervenção mas vejo que Dante Santiago continua o mesmo. - Se ele soubesse

- 100%. - Assegurei-nos, petrificando meu coração. Nunca mais iria deixar uma mulher chegar perto dele. Zarina foi um erro que estava prestes a corrigir.

- O que faremos agora Dante?

- Se não podemos vence-los... vamos fazer isso a moda antiga.

Rico não precisava demais uma palavra. Ele sabia do que estava falando. Zarina que se preparasse. Ela escolheu James, não é? Então era melhor ela e seu queridíssimo príncipe terem um exército capaz de suportar a ira de Dante Santiago.

Porquê não existirá quem irá aguentar. Esbocei meu velho sorriso sacana e Rico devolveu com um sorriso igual.

Estou de volta.

19: Verdadeiras Cores

Não acredito que Dante realmente estava preso naquela cela infernal. Pelo pouco que ouviu sobre a solitária, todo mundo dizia que aquilo era o inferno em pessoa. Suspirei pesadamente no estreito corredor saído de pandora, acompanhada do policial Chuck.

Travei. Tinha que fazer algo, Dante não podia continuar lá.

- Policial Chuck, pode-me levar a James? - Como resposta ele acenou e me mostrou o caminho.

- Claro, por aqui.

Quando cheguei no escritório de James parei e bati a porta suavemente esperando pela sua permissão.

- Quem é? - Sua voz grave fez-me encolher.

- Zarina.

Silencio. Estranho... Meu coração deu duas batidas rápidas, apreensivo.

- Entre. - Depois de algum tempo James autorizou, entrei incomodada no seu opulento escritório e fechei a porta. Esbocei um sorriso apertado. Algo estava *off* aqui, dava para sentir no ar, o clima pesado.

Fiquei a espera que ele olha-se para mim, para que eu começasse a falar, mas James nem se dignou a olhar para mim. Pigarrei a garganta chamando sua atenção, mas nada mudou. Ele continuou a escrever, decide abrir a boca, mas como provação o cara cortou-me com um olhar glacial e finalmente se dignou a dirigir-me a palavra, como um maldito rei. Pretensioso como simba. Não era a tao que o apelidaram assim.

- Sente-se.

James deixou de escrever depositando a caneta na grande mesa de madeira, relaxou se ajustando na sua cadeira que mais parecia um trono, exalou profundamente, estalou os dedos de uma forma arrepiante e abriu os olhos.

Minha nossa, não era suposto azul relaxar, mas o sorriso sádico que ele esboçou levantou os cabelos da minha nuca. Instinto

sobrevivente acordou, *fique longe dele.*

Ele inclinou a cabeça num claro gesto de espera, com a cara franzida sentei-me na cadeira sentido-me um réu preste a ser julgado.

- Eu, errr... - como abordar? - Gostaria de falar sobre Dante.

Se ao menos Director Gregório estivesse aqui, mas o grande chefe estava fora da ilha, então James teria que servir. Como o antigo ditado diz, "*quem não tem cão, caça com gato.*"

- E não é que vieste mesmo. Então é verdade. - Confusão abraçou meu rosto.

Um sentimento alerta se instalou em mim assim que assimilei suas palavras. Alguma coisa disse-me que estava lascada. A vibe sádica que ele transmitia era palpável.

- Não entendi? - Seu sorriso alargou-se, mostrando os dentes.

Em vez de responder James levantou e caminhou a mim, sentou-se na mesa na minha frente. Senti-me encurralada, sua presença estava-me sufocando, tomando meu espaço pessoal.

-James? - Disse levantando nervosa, instintos diziam para eu dar um fora daí mais rápido possível.

Contudo isto não foi possível, James agarrou pelo queixo bruscamente e obrigou-me a sentar, puxando meu corpo a uma colisão brusca com a cadeira.

- James! - Reclamei.

Uma bofetada ressonou no meu rosto no segundo a seguir. Meu cérebro demorou um segundo para entender o que acabava de acontecer, mas a ardência esmagadora na minha bochecha era prova viva do que meu cérebro não aceitava. Ele. Acabava. De me. Bater.

Abri os olhos lacrimejados e notei que meus óculos estavam do outro lado da sala devido ao impacto da bofetada.

- Sua puta! Achaste mesmo que eu não iria descobrir que andas a abrir as pernas para um desgraçado condenado.

Suguei as lágrimas, recusava-me a chorar. Não ia dar esse gostinho a esse sádico. Nivelei minha respiração. Expira, inspira. Você consegue. Minhas mãos estavam brancas de tao apertar o suporte da cadeira.

- Zarina, Zarina, Zarina... sinceramente esperava mais de você. Agora em diga, valeu a pena? Foi bom?

Engoli saliva e preferi morder a língua que responder a esse sádico. James estava fora de controlo e rebater seus comentários não iria adiantar muita coisa.

- Não vai responder? - Ele arqueou uma sobrancelha. - Bom. Sua resposta não iria importar mesmo. Porque a partir de hoje será bom comigo, só comigo.

James agarrou meu queixo de novo e alarmes ecoaram na minha cabeça, ele arrancou-me bruscamente da cadeira e forçadamente enlaçou-me em seu abraço obrigado o contacto entre nós.

Quando seus lábios tocaram os meus, congelei. Uma memória quase esquecida varreu meu corpo paralisando meu sistema operativo. Não! Sai do transe gritando para me soltar, e como não estava valendo a pena mordi seu lábio com tudo, e o cabrao largou na hora h.

- Ahhhh! - Ele gritou soltando-me e inspeccionando sua ferida. Não perdi a oportunidade, corri a porta abrindo-a com lágrimas já escorrendo no rosto, pronta para abraçar a liberdade, só para encontrar policial Chuck sorrindo maliciosamente.

Merda!!!

- Traga a vadia aqui! - James ladrou.

Chuck partiu para cima de mim contudo. Tentei lutar contudo chutando, gritando, mas foi em vão. O bastardo era mais forte que eu. Mil vezes mais. Enquanto tentava juntar forças, o desgraçado capturou-me pelos braços aprisionando-me.

- Poxa, essa daqui é uma lutadora. - Chuck disse e James gargalhou.

Não podia acreditar que James iria tão longe quanto isso. Chegar ao ponto de me forçar. Tá certo que o garoto não era material "garoto de ouro" mas até esse ponto?

Outra bofetada varreu meu rosto e senti gosto de sangue. Isso acabou com minha luta. - Assim tá melhor. Agora bota a leoa na cadeira sentada.

O bastardo que me segurava forçou-me a sentar infligindo dor no processo. Com a respiração pesada petrifiquei. Com medo de

mover. Pânico era eufemismo neste momento.

- Nos deixe a sós. Mas fique na porta. Não deixe ninguém, absolutamente *ninguém* passar, copiado Chuck.

- Claro chefe. - Chuck acenou e saiu da sala deixando-me com o sádico.

James sentou-se em cima da mesa novamente e tentou acariciar meu rosto machucado, mas virei o rosto, não querendo suas mãos em mim.

- Desculpe por isso. - Esse cara era louco mesmo. Primeiro agride-me! Depois pede-me desculpas. Meus nervos explodiram.

- Conga a maco!

Parece que meu cumprimento não foi bem recebido. Não, porque o desgraçado voltou a segurar meu queixo com força. Fechei os olhos preparando-me para o espancamento que veria a seguir. Mas nada veio.

Já sem força ou dignidade, soluços atrás de soluços seguiram e me perdi no meu próprio choro.

- Vamos por ordem nessa pocilga, Zarina. Eu quero você longe daquele desgraçado. - Abri os olhos num gesto desafiador. Quem ele pensava que era para ditar algo na minha vida.

Seu sorriso sumiu. - Suponho que queiras manter seu irmãozinho seguro no Bloco VIP não? - Petrifiquei indignada com sua tática desonrada.

- Vou tomar isso com sim. Então é o seguinte. Eu quero você longe daquele prisioneiro desgraçado. Com zero contacto, se por acaso eu *sonhar* que vocês estão se vendo de algum jeito diga: *bye bye* ao seu irmão inocente que será muito bem acolhido com seus novos companheiros e podes crer que seu *lover boy* não sairá impune. - Arfei assustada com sua ameaça.

O ódio que vi carregado no seu olhar era de fazer jus a um demónio. Isso, James era pior que os demónios que ele encarcerava.

- E nem pense que conseguiras me passar a perna Zarina, porque eu tenho olhos e ouvidos em todo lado aqui dentro. No momento que você sequer pensar em entrar em contacto com Dante Santiago

eu saberei. Como achas que fiquei sabendo do vosso *caso*. - Ele cuspiu a palavra com desdém. - Entendeu?

Acenei a cabeça obedientemente, sugando lágrimas. Ele largou meu queixo, que doía de tanta pressão.

- Boa garota. E mais uma coisa, quero-te aqui de volta as 22h. Temos uma luta para comparecer. - Luta? - Sim, luta, te explicarei depois. Agora vá, odeio mulheres chorosas. E mais uma coisa: agora você me pertence. - Seus olhos faiscaram, engoli saliva.

- Chuck! - James o sádico gritou, - leve Zarina directamente ao seu apartamento. Ela não deve dirigir a palavra a ninguém pelo caminho, entendeu?

- Sim chefe. - Chuck acatou como um bom capataz, puxando-me pelo braço da cadeira.

Meu corpo não ofereceu resistência, deixei ele me arrastar como quisesse, minha vida estava de cabeça virada. Estava completamente esgotada, já na porta James fez-me virar.

- E oh, querida Zarina, já ia esquecendo. Não pense em pedir ajuda, ou algo estúpido como falar com Gregório. Ele não poderá te ajudar querida. Lembre-se de quem realmente manda na selva.

20: Plano de Fuga

É hoje. Hoje que me livro dessa lugar esquecido por Deus, onde Judas perde as botas.

Finalmente estaria livre de Pandora. Depois de quase 3 anos estaria finalmente livre. Nosso plano finalmente entraria em acção, sem falhas e pronto para imprevistos. Pena que Zarina não faria parte do plano.

Aquela mulher me pegou de jeito. Sempre achei-me o maior pegador que nunca cairá nas garras de qualquer mulher, mas olhe para mim agora... estava absolutamente apaixonado por Zarina, tentei negar no princípio mas depois de alguns dias sendo ignorando como se *nós* nunca existimos, a máscara caiu.

Ela nem se dignava a olhar-lhe, pelo menos. Estava fria e distante, não dava nem espaço de uma tentativa de aproximação. James deveria ser mil vezes melhor que eu mesmo. E não a censuro, o que eu tinha para oferecê-la? Nada. Precisamente.

Só fui um "passeio ao lado selvagem". Mesmo depois de tudo, com a raiva já dizimada tentei falar com ela, mas a filha da mãe se negou a sequer me ouvir. Depois de tantos "nãos" desisti. Ainda tinha orgulho.

Concentrei-me em meu plano de fuga, era o melhor que eu tinha a fazer.

- Dante. - Rico encostou nas grades da minha porta sério. - É chegada a hora. - Suspirei acalmado minha ansiedade.

- Tudo em ordem?

- *Si*. - A resposta foi automática, mas absoluta.

Acenei. Bom. Juntos caminhamos ao *centro recreativo* onde parece que todo mundo decidiu estar hoje. A vibe era a mesma. O Japá fazendo yoga, Zarina e Foca conversando no seu canto com o garoto.

Izake acenou para nós dando sinal verde e como um sinal divino. *Boom*. O primeiro tiro disparou seguindo de clamores de caos.

Silêncio primeiro governou o Bloco, mas assim que os tiros começaram a díspar que nem foguetes fora do nosso precioso Bloco entramos em acção. Hora de dar o pé daqui.

Pânico instalado. Caos em andamento. Motim desenrolando.

Rico foi o primeiro agir. Sem perder tempo correu a Foca imobilizando-a com um potente sonífero que ele conseguiu graças a suas conexões. Tirou a arma dela e sorriu satisfeito com sua execução impecável.

Zarina gritou largando seu equipamento de trabalho no chão, com seu imóvel, confuso irmão tentando entender que raios estava acontecendo. Boa sorte com isso garoto. Aproveitando-se do assombro Izake capturou Eduardo, restringindo-o pelo braço, o garoto lutou com tudo, principalmente pelos gritos desesperados da sua irmã, mas não era frente para Izake.

Meu coração vacilou por um segundo, mas utilizando todas células que clamavam por liberdade absoluta no meu ser exalei a humanidade, ligado o velho frio Dante. Agora não era de bancar um fodido herói!

- Shh... não precisa ficar histérica, nada via acontecer a você ou o garoto de ouro aí. É só fazeres o que nos dissermos. - Rico com a porra da sua voz de lobo vestido de cordeiro assegurou Zarina.

Continuei o exercício de respiração para me manter de pé e assistir este filme de terror onde eu era a personagem principal.

- Tiremos daqui! - Izake demandou.

- Como? - Zarina inquiriu estupefacta.

- Você ouviu. Izake. - O sádico não demorou a catar a ordem.

Deu uma linguada que quase me fez vomitar na bochecha do garoto como se ele fosse um oásis em um deserto. Que nojo pá. O garoto tremeu, Zarina começou a chorar.

- Para! Para! Para! O que vocês querem! - Gritou ela desesperada.

- Já disse a porta.

- Eu não posso fazer isso.

- Não pode, ou não quer?

Isso não estava tomando um bom caminho, se não interviesse agora esta história teria um final muito, mais muito infeliz. Rico na

era homem de receber um não sorrindo, era tão louco quão Izake.

- Zarina, faça o que eles estão pendido.

Pela primeira ela olhou para mim. A esperança que eu vi nos seus olhos fez-me amaldiçoar e pegar a cabeça com raiva de mim mesmo. O que eu estava fazendo com ela. Fechei os olhos procurando coragem para prosseguir com o plano.

- Dante. - Sua voz era um sussurrou, mas audível o suficiente para me deixar cair.

Do nada Rico começou a gargalhar como se a melhor piada do mundo tivesse sido contada. Até lágrimas o bastardo tirou. Todos olharam para ele como se tivesse enlouquecido.

- Olha para isso, não é que a *Chica* espera mesmo que a salves. Bem, notícia de última hora *Chica*. Dante esta conosco, - os olhos de Zarina dilataram, ela olhou-me confusa. Ia dizer algo mas Rico bateu-me.

- Não faça essa cara. Poderia apostar que eras mais esperta que isso, não dá para notar que ele joga no nosso time. Mas também não importa, você o trocou pelo príncipe da selva: Simba. - O que esse cara estava fazendo!

- Rico! - Ele olhou como se fosse um estranho.

- Sabia que foi ele que orquestrou sua violação. Quando ele bancou o herói, tudo em nome do nosso plano. - fudeu!

No mesmo que Izake divulgou meu segredo, Zarina olhou confusa e confiante de que Izake acabava de menti-la, e vulnerável não pude mentir, estava escrito na minha cara. Vi quando as emoções começaram passar na sua cara,

A dor que vi neles... nunca vi tamanha dor de traição. Ela nunca me perdoaria por isso. Seus olhos disseram isso.

- Chega de drama. Agora os códigos. - Rico cortou o drama.

Algo mudou na expressão de Zarina, como se claridade total a assolasse pela primeira vez. Lentamente abanou a cabeça, soltou um riso histérico curto, respirou fundo. Fechou e abriu os olhos e olhou fixamente.

Desprezo cobriu seu olhar. Meu coração afundou, bem merecido Dante! No segundo seguinte desviou o olhar como se eu não

valesse o chão que piso e estudou a situação com aquele olhar concentrado e inteligente que eu tanto gostava.

- Os códigos pela nossa liberdade? - Rico mostrou os dentes.

- Claro *Chica*.

- OK. - Incrível. Zarina estava tão fria e calculista que duvidei por um segundo que era mesmo ela. - Solte ele. - Mas era. Apontou para Eduardo.

- *Chica*, eu acho que não estas na posição de fazer demandas.

- Você quer os códigos, sim?

- Oh... olha só para isso. Não é que ela tem bolas. Izake solte o garoto.

Izake protestou mas soltou o garoto que correu a toda velocidade a sua irmã. Zarina o embalou no seu peito, sussurrou algo para ele e voltou a encarar Rico.

Ainda bem que nunca divulguei seu segredo, mesmo zangando como estava. Se Izake ou Rico soubesse disso, digamos que não soltariam esse garoto tão cedo. Suspirei de alívio.

- Os códigos agora. - Voltamos aos negócios.

- 2306 para as portas intermediárias e 2706 para os grandes portões.

- E o passe?

Zarina encarou por um segundo antes de o dar o cartão de acesso que todos funcionários de Pandora possuíam. Como ela era chefe da segurança, seu cartão abria quase tudo.

- Boa garota. Agora vamos! - *O quê!?*

- Mas você disse... deste sua palavra que nos soltaria!

- Bem, eu menti. Ultrapasse isso, agora eu preciso de refém e você é a pessoa certa para o papel.

- Rico. - Intervim.

- Ah, calma borracho, está tudo sobre controle.

- Mas isso não estava dentro do plano.

- O Plano mudou. - Tinha que ser Izake a falar. Contente da vida.

- Rico?

- Isso mesmo Dante. - Apontou a arma para Zarina e seu irmão. - Agora mexam-se se querem viver, vamos. Cha, cha, não temos o dia todo.

- Não! - O garoto disse espantado todo mundo.
- Edu? - Zarina advertiu seu irmão, o prendendo ao seu lado.
- Nós não vamos a lugar nenhum! Cansamos dos seus jogos. Eles vão nos matar na mesma Zarina. Só estão brincando com a gente!
- Não é que tens razão muchacho. - *Poo*. Disparo! Dentro do Bloco? - Na verdade eu só preciso de uma pessoa como refém. Dois são demais.

Meu cérebro demorou a capturar o que acabava de acontecer. Não... Zarina gritou com a alma. Caramba, seu irmão. Estava, o-o garoto levou um tiro no cérebro. Merda!

Havia porra em todo lugar. Petrifiquei. O que Rico acabava de fazer! Os gritos inconsoláveis de Zarina quebram o assombro de todo mundo. Descontrolada, ela partiu para cima do mexicano com tudo, mas claro Rico a dominou em dois segundo acertando uma bofetada nela.

Vi vermelho. Como ele ousava! Sem medir as consequências ou pensar parti para cima dele com tudo, o derrubando no chão. Ninguém, absolutamente *ninguém* tocava na *minha* mulher.

Poo. Outro tiro? Sim, alguém disparou. Só ai o vermelho dissolveu do meu organismo dando-me uma visão clara do meu trabalho de Picasso com gosto a vermelho.

Rico estava inconsciente no chão, banhado por sangue, meu, dele, não sei. Só sei que minhas mãos estavam um horror. As mãos de um assassino. Será que o matei? Fechei os olhos tremendo, afastando-me subconscientemente da cena do crime.

- Agora sim, a festa começou. - O japá disse.

Ele estava com arma de Rico. Como? Observei o cenário ao meu redor e tive vontade de vomitar, uma autentica cena de Saw,

Três corpos estavam no chão. De Eduardo, Rico e... Izake. Como as coisas tomaram este rumo. Quanto tempo fiquei socando Rico para não notar a acção que desencadeava ao meu redor.

Izake tossiu sangue. - Ó-oh parecesse que não fiz bem o serviço.
- Outro tiro ressonou directamente para cabeça de Izake. O japá soprou a arma de fogo com gosto.

Estou na merda! As cartas mudaram.

- Agora Zarina, seja boazinha e nos tire daqui.

- Conga a maco! - Cuspiu Zarina.

Uma bofetada ressonou na cara de Zarina. - O que você disse sua vadia!— Ah, ah, ah, você fique bem ai, se não eu explodo com os miolos dessa vadia. Não sei o que eles vêm em você. Sabia que James prometeu-me mundos e fundos só para eu manter o olhar em você, e não deixar Dante se aproximar.

Opa, calma ai! Como assim?

- Então era você? - O japá limitou-se a rir.

- Agora chega de papo. Oh, *Lover-boy* pegue no passe e vamos. Sem truques, se não eu explodo ela.

Não podendo fazer nada e com a arma apontada na cabeça de Zarina desliguei a minha humanidade. Tinha que estar mais frio que nunca se queria sair vivo e com Zarina ao meu lado. Peguei no passe ensanguentado ao lado de Rico e limpei-o na minha calça aproveitando para limpar a mão e entreguei-o.

- Bom garoto. Agora vamos.

Fizemos o longo percurso sem interrupção, como no plano o motim decorria a do outro lado da prisão criando uma perfeita distração. Estava todo mundo concentrado em acabar como o motim que não encontramos um guarda sequer.

Zarina estava distante e fria, seu olhar longe, suas ações automáticas, só Deus sabe como ela deveria estar se sentido agora. A garota acabava de perder seu irmão e estava sendo subjugada a isso.

Mas não havia nada que eu pudesse fazer, tinha que manter a frieza se queria salvamos. Depois que tudo acabasse, conversaríamos. Havia muita coisa por baixo do tapete por ambas partes.

Alcançamos a última porta. A última barreira para liberdade. Zarina inseriu os dados e eu passei para frente liderando o grupo. Sol resplandecente cegou-me e fui obrigado a cobrir os olhos.

Inalei o cheiro fresco da liberdade... - Sentem isso. É o cheiro da liberdade. - O japá cantarolou, feliz da vida. Para um cara que nunca falava, pó, ele estava se expressando.

Liberdade? Hmm. Então porquê que sentia esse gosto tão amargo na boca.

Virou-se a nos e disse. - Realmente estou agradecido pelos serviços prestados, mas agora chegou a parte crucial, como sairemos daqui?

- Você não vai?

- Como?

Aproveitando da momentânea distração do japá parti para cima dele. Primeiro fi-lo deixar cair a arma que rolou no chão e aí a verdadeira luta começou. Soqueio com tudo. Essa é pela luta forjada. Infeliz.

Como esperado o infeliz retaliou e fui rápido para esquiva-lo, mas não tao rápido para seus truquezinhos *Kung-fu*. OK. *É para jogar sujo?* Mantive meu passo com o bom e velho *kickboxing* e a luta prosseguiu.

Não sei como mas me vi derrubando e com japá vindo com tudo em cima de mim. Tinha que revirar o jogo, mas o infeliz não estava dando espaço. *Poo*. Sangue manchou o uniforme do japá e este olhou para baixo confuso.

Outro tiro? O cara caiu em cima de mim, mas o empurrei para longe. Chega de pessoas mortas por hoje. Zarina tremia, com a arma apontada ao ar, agarrada nela como se sua vida dependesse disto. Merda, ela estava em estado de choque.

Lentamente levantei, tomando cuidado para não fazer movimentos bruscos para não assusta-la. Qualquer passo em falso... - Zarina...? - Sussurrei baixinho, com a voz mais suave que pude manejar. Seus olhos focaram-se em mim.

- Policia! Larga a arma! - Fodas!

Olhei para Zarina e para os polícias atrás dela. Merda, minhas opções eram escassas. Não podia aceitar a ideia de passar mais longos anos na cadeia e sei lá quantos mais ia pegar dessa vez, sem falar na possibilidade de enfrentar a cadeira eléctrica.

Foquei-me em Zarina, engoli em seco. Um segundo foi suficiente para fazer a retrospectiva da nossa breve mas voraz relação. Como chegamos a esse ponto? Perguntei com agustia. Mas isso era irrelevante agora. Estava condenado e iria a condenar comigo, coisa que ela não merecia. Não, não podia afundá-la comigo.

Adeus Zarina. Meu olhar disse e ela entendeu, porque a Zarina que estava enterrada, a que era minha boneca e eu conhecia tão bem ressurgiu das cinzas.

- Dante. Não! - Mas era tarde demais.

Corri ouvindo os gritos frénicos de Zarina pedindo-me para voltar, mas obriguei-me a continuar. Seria melhor para nós os dois. Não havia futuro para nós nesse mundo. Ela ficaria bem, ela era um deles e uma garota esperta. Mas eu...

Lancei-me na água que estava a metros de distância do terraço. O mar estava turbulento, raivoso, viril. Mas seria melhor que passar o resto dos meus dias vendo sol nascer quadrado.

Eles não teriam meu corpo, nem minha alma. Morte seria minha saída.

21: Fantasmas do Passado

3 Anos depois...

"Passageiros com destino a Itália, por favor façam ao check-in..."

Olhamos para o grande reflector que destacava as letras: **Aeroporto Internacional de Maputo**, em letras negrito com pesar. Suspiramos ao mesmo tempo.

- Bem, parece que chegou a hora.

- Realmente. Ai, já tó sentido sua falta, sua *muanâmbua*. - Lola protestou daquele jeito manhoso dela.

- Eu também sua louca. Vê se me liga tá. E qualquer coisa Lola corre voltando para casa, sabes que sempre terás um espaço nas nossas vidas.

- Eu sei que posso contar contigo Zarina para tudo que der e vier. Vocês são minha família, mas tenho que fazer isso. Foi o último pedido da minha mãe.

- Eu entendo.

- Ah, não fica triste não, são só duas semaninhas de nada. Logo, logo, passa.

- Hum. Isso se não decidires ficar com sua família por lá.

- Achas mesmo que eu te trocaria!

- Não vou nem responder.

- Sério Zarina. Não há pessoa nesse mudo que eu queira estar perto e ter como família além de você. O respeito e admiração que sinto por ti é imensa. Só uma mulher com M maiúsculo poderia ter passado por o que tu passaste e sair com a cabeça levantada. Você é minha heroína.

As palavras de Lola trouxeram-me lágrimas na vista. - Ai sua *muanâmbua*!

"Ultima chamada para os passageiros com destino a Itália, por favor façam o *check-in*."

Lola arranjou suas malas ansiosa e emocionada pronta para embarcar.

- Edu diz tchau para tia Lola.

- Chau tia Lola. - Edu acenou animado para Lola, esta abaixou a sua altura e lhe deu um beijinho fofo na testa. - Cuide da mamãe enquanto eu estiver fora okay, Edu. - Edu meneou a cabeça obediente. – Promete?

- Eu prometo. - Fez a sigla dos escuteiros e eu e Lola rimos, para um garoto de 2 e pouco anitos, ele era muito esperto.

- Bom. Até a vista Edu.

Lola levantou e abraçamo-nos como se não houvesse amanhã. Porquê tinha a sensação que estava-me despedindo dela? Expulsei a tristeza para fora e sorri para Lola. Ele merecia ser feliz. Então que fosse achar sua família em Itália e resolvesse pendentes velhos, para estar em paz.

Família era a coisa mais importante da vida. E como eu sabia... *Zarina... sem lembranças tristes.* Foquei-me no presente e acenei para Lola que entrava na sala de embarque animada.

Tomará que sua família a dê valor e não a censurasse por ela ser negra, como fizeram com o seu pai, por ter casado com uma mulher negra. *Boa sorte amiga.*

- Vamos Edu. - Edu pulou de alegria agarrando minha mão e como sempre sorri para meu filho. A única boa que restou na minha vida. Melhor dizendo, minha vida.

Estacionei o carro na garagem pronta para sair correndo, tomar um banho e dar um beijo no meu filho, mas o desgraçado do celular começou a tocar. *Tomara que não seja do serviço.*

- Alô. - Disse saindo do carro.

- Olá Zarina. - Pausei. Por alguma razão a voz deu-me calafrios. Tirei o celular do ouvido e notei que era um número privado, com pressa não vi o número, só atendi.

- Quem fala? - Demandeí.

- Edgar. - Edgar... quem?

- Desculpe mas não conheço, têm certeza que esta falando com a pessoa certa?

- Certamente *muchacha*, - Mexicano? - Zarina a queridíssima mãe de Edu. - Assim que o homem disse o nome de Edu, meu coração deu um pulo. Um pressentimento ruim tomou conta de mim.

Entrei correndo em casa, - Edu? Edu? Edu! - Já estava frénica.

Procurei em todos compartimentos da casa pelo meu filho e ele não estava em nenhum. A casa estava em ordem, pelo menos nada aparente faltava, então quer dizer que alguém levou meu filho com intenção clara de me machucar. Desespero bateu a porto.

Não. Eu não aguentaria perder mais ninguém. Por favor não Edu.

- Onde está meu filho! - Gritei ao homem do celular.

- Calma mamãe. O garoto está bem—

- Se você machucar meu filho, eu juro que—

- Não tenho intenção de machucar seu filho, eu só quero uma coisa de você.

- O quê!

- Dante Santiago. - Silêncio.

Meu coração deu um pulo. Á tempos, não ouvia esse nome. Nome de um fantasma perdido no passado, trancando a sete chaves.

- O quê?

- Dante Santiago. - Repetiu ele.

- Você está louco! Dante Santiago morreu a 3 anos atrás!

- Isso é o que você pensa.

- Como?

- Dante Santiago está vivo. E você vai acha-lo e traze-lo para mim.

- Por favor. - Comecei a chorar desesperada. Meu filho estava como um maníaco. - Solte meu filho, eu pago. Eu pago quanto quiseres, mas solte meu filho.

O homem demorou um segundo para responder, aumentando meu desespero. - Fique com seu dinheiro, eu tenho mais que o suficiente. Já disse o que eu quero.

- Quem é você afinal de contas! - Desespero virou raiva.

- Já disse, Edgar. Irmão de Rico. Que tal, os sinos estão a tocar. - Merda!

Aquele infeliz dia voltou a toda velocidade na minha mente. Imagens que eu pagava milhões a um psicólogo para amenizar a dor correram soltas por mim. Afundei na parede, sentando no chão.

Outro lunático na minha vida.

- Oiça *mamãe* se fizeres tudo que eu mandar, seu filho estará são e salvo.

- Mas como acharei alguém que está morto. - Tentei racionalizar com o lunático.

- Espere um momento. - *Bip, bip.*

Uma mensagem recebida.

- Vê a mensagem. - Com as mãos trementes visualizei a mensagem de imagem e meu coração congelou por um segundo.

Dante! Dante estava nas fotos que acabaram de entrar. Todo ele lindo, vivaz, mais corpulento ainda, dava para notar que ele estava gozando a vida a mil, sem nenhuma preocupação no mundo. Sem falar da loiraça no seu abraço. *Inveja? Isola!*

Não. Não é possível. Recusava-me a aceitar que ele tinha sobrevivido aquele salto a metros do oceano aberto.

- É possível sim. - Falei ao alto? - Dante enganou todo mundo—esperto o *cabrón*. Agora ele é conhecido como “Grego”. Dá para acreditar. O desgraçado foge da prisão e ainda fica curtindo boa vida.

- Essas fotos não dizem nada, podem ser tiradas antes de—

- Não foram. Confie em mim. Ele está vivo. *Acharam o corpo?*

- *Desgraçado!*

- Não podia concordar melhor. - Falei ao alto mais uma vez! - Agora oiça mamãe. Queres seu filho vivo não?

- Sim. - Disse apressadamente, sem titubear.

- Então oiça com atenção o que eu quero que faça. O plano é o seguinte... - Ele explicou todo seu plano doentio para mim.

- Isso é uma loucura.

- Pode ser, mas aí eu terei a minha vingança.

- Porquê eu?

- É necessário mesmo eu responder esta pergunta. Foste a única pessoa que conseguiu amolecer aquele coração negro.

- Dante não gostava de mim, só estava-me utilizando.

- Hum. Rico contava-me sobre vocês. E deixa eu te contar um segredo *muchacha*, ele estava verdadeiramente apaixonado por você.

Ofeguei surpresa. Verdade?

- E agora, no que interessa. Quando partirás para Ilhas Caimãs?
- Assim que empacotar minhas roupas.
- Boa garota.
- Eu quero falar com meu filho agora. Quero ter certeza que ele está bem.

- *Si*. Tragam o cachorro para que. - Ele chamou meu filho de *cachorro*?!

Não retaliei porque a vizinha de Edu preencheu a linha. - Mamãe?

- Edu. - Segurei as lágrimas. - Está tudo bem Edu, você não está ferido, nem nada, não é?

- Diz para mamãe como tio Edgar está cuidado bem de você? - Altifalante? Claro.

- Mamãe, eu estou com medo. - Meu Deus, me ajude.

- Não fique Edu, mamãe está vindo-te buscar, okay?

- Chega de papo. Já deu para perceber que seu filho esta intacto, *por enquanto*...

- Se você machucar meu filho!

- Não profira ameaças em vão *muchacha*. Se fizer o que eu disse, nada acontecerá a seu filho. E mais uma coisa mamãe, se por acaso envolveres a polícia ou outra pessoa no nosso esquema. Seu filho morre, *compreende*!

E a linha caiu. Não. Não. Tremendo entrei em pânico, não podia ligar porque o número era privado e apostava que era um daqueles não rastreáveis. Estava na merda!

Limpei as lágrimas depois que fiquei um tempo no corredor chorando. Chorar não iria resolver nada. Levantei resoluta e fui para o quarto fazer as malas.

Dante estava vivo...

22: Olá Grego...

- Desculpe Chefe, mas tem uma mulher lá fora que insiste em falar com o senhor.

Esses guardas! Sempre chateando-me com assuntos fúteis. Não podia ter uma manhã sossegada? Seus incompetentes. Não conseguiam nem dar conta de uma simples mulher, quem dirá um batalhão. Estava na hora de contractar novos guardas.

Suspirei profundamente para não despejar tudo em Marcus, meu guarda-costas pessoal. - Eu. Não. Disse. Que não queria ser incomodado?

Nem levantei da esteira. Nada iria-me tirar dessa paz harmónica, com o sol matino saudando-me e a bênção do mar. Além de que essas eram as únicas horas de sossego que eu tinha antes de Marisol acordar e me encher o saco.

Não era por mal, mas aquela mulher sabia como me tirar do sério. Porque eu estava com ela até hoje? Bem, a garota sabia como entreter um homem e pelo facto de ela saber exactamente seu lugar e o quê esperar de nosso arranjo. Sexo e grana fácil. Tao simples assim.

- Sei Chefe, - *se sabe, porque está chateando-me!* - Mas ela insiste. Diz que traz info sobre um tal de Dante Santiago. - Droga!

No momento que Marcus, proferiu o nome proibido e enterrado congelei. Eles me acharam.

Levantei abruptamente da esteira. - Mande ela entrar e esperar na sala, já venho.

- Sim Chefe.

Marcus retraiu indo cumprir minha ordem. Merda, como eles me acharam? Entrei em direcção ao meu quarto procurando por uma camisa e arma. Só em caso de...

Marisol ainda continuava apagada ao mundo externo, deitada na minha cama e não censurava a garota, nossa sessão de sexo ontem anoite foi de arromba.

Vesti uma camiseta branca simples tentando manter a calma e cabeça fria. Afastei meu quadro, e meu cofre deu as caras. Certifiquei que Marisol estava mesmo dormindo e só aí digitei o código e este abriu. Tirei a Beretta, sentido o peso da pistola e assegurei-a na cintura do meu calcão, não se podia estar seguro o suficiente.

Mas pensado bem se eles quisessem-me matar, já teriam. E o facto de mandarem uma mulher significava que eles queriam diplomacia ao menos. *Quantas mulheres profissionais conheces? Muitas.* Justamente. E as filhas da mãe eram melhores que os homens.

Então a arma fica.

Clareando os pensamentos descí as escadas com paredes de vidro, a vista ao mar não estava-me acalmando como sempre fazia. Esta beleza natural foi o motivo principal por eu ter escolhido este paraíso fiscal, aqui podia-se desaparecer do mapa e ninguém nunca acharia.

Parece que existiam pessoas a minha caça vivo ou morto para terem me achando. E eu que pensei que me livrei de todos meus demónios do passado.

A primeira coisa que notei foi uma mala rosa-choque de marca e com aparência cara, agora estão contratando barbies como assassinas? E tive que reconhecer que o rosa fazia um contraste harmónico com o azulejo branco da minha sala.

Uma figura claramente feminina estava parada parda nas portas de vidro que davam a praia envolta das cortinas brancas. Estranho, meu coração começou a bater descontroladamente.

Sem falar da estúpida reacção do meu corpo. Já não estava mais com medo, mas sim... ansioso? Porquê?

Pigarrei para chamar atenção da mulher e ela virou. Seus olhos colidiram directamente nos meus.

- Ola Dante... - minha garganta secou. - Ou melhor dizendo *Grego.*

Meus sentidos paralisaram. *Não é possível.*

- Zar-zarina...? - Finalmente consegui processar algo.

Seus lábios curvaram. - Eu mesma.

Demorei um minuto completo para somar 1+1. Não era rela. Não podia. Zarina era um fantasma lacrado a setes chaves no meu passado, contudo não resiste ao chamado silencioso da sereia.

Inconscientemente andei até ela e posei a mão na sua bochecha. Sua pela lisa e suave. - És real? - Sussurrei.

Pa. Uma bofetada acordou-me, assobiando no meu rosto. - Uau!

- Essa foi por me deixares as escuras. Se eu soubesse que estavas vivo esse todo tempo.

Dei dois passos para trás. Merda, era ela mesma. Em carne e osso. Zarina estava aqui. Na minha casa, na minha sala, a menos de dois passos de mim. Tao perto... mas tao longe... a postura "não me toque" cercava-a toda.

- Zarina? - Perguntei só para ter certeza.

- Ainda não passamos disso. Será que mudei tanto assim que estou tao irreconhecível?

Isso fez-me dar uma vista de olhos nela. Será possível que essa mulher ficava mais gostosa a cada dia que passava, seu corpinho esbelto agora estava mais maduro e curvilíneo. Seus óculos estavam presos na sua blusa branca, baixando decote, possibilitando uma visão privilegiada.

Via pelas skin jeans apertadas que ela trazia que não perdeu o corpo. Como vinho, tempo só melhorava a qualidade. Memórias que eu não queria e precisava neste momento assaltaram meu cérebro.

- Os olhos estão em cima Dante. - Droga, apanhado em flagrante.

Para tapar o furo perguntei a primeira coisa que me veio a mente. - O que fazes aqui Zarina— quer dizer, como me achaste?

Ela entortou os lábios sarcasticamente. - Esqueceste o que eu faço para ganhar a vida Dante. Trabalho com tecnologias de informação. E achar pessoas faz parte do meu trabalho, então Dante... espera, quer dizer Grego, é assim que és conhecido agora não? - Quanto sarcasmo.

- Mas isto não explica como me achaste.

- Você se acha o invencível, não é. O rei da cocada preta. Bem, notícias de última hora. Não és.

Quem era essa mulher e cadê a minha Zarina. - Tao defensiva.

- Estive num sítio onde ensinaram-me que ninguém é confiável. - Calei perante seu comentário.

- Precisamente. Agora chega de papo furado e vamos aos negócios. - Olha só para como ela estava falando. Toda ativa e demandante. Zarina podia estar aqui, mas definitivamente não era a mesma Zarina que eu conhecia. Acenei para ela continuar.

- Preciso dos seus serviços. Tenho um trabalho para você. - Franzi a testa e ela notou. - Tratasse de uma carga que eu preciso que tomes conta. Transportá-la de um ponto para outro— Ah-ah, não vem com essa de que “estou fora do game” porque comigo não joga. Sei que estás familiarizado com esquemas desse tipo e és a pessoa certa para o serviço. Não preciso dizer que descrição é parte do contrato. A carga chega dentro de uma semana e meia.

Caramba, em que porra essa mulher estava metida?

- Que tipo de carga?

- Confidencial.

- Confidencial uma ova, não me meto em acordos cegos.

- Armas.

- Como?

- Justamente seu tipo de negócio.

- Zarina estás louca! Tens noção da porra que estás a te meter?! Isso é suicídio!

Seus lábios curvaram sarcasticamente de novo. - Isso é problema meu, e para seu governo. Eu não tenho nada a perder.

A porra estava mais seria que eu pensava. - Isso não é verdade Zarina.

- Aê Dante. Desculpa, *Grego*. Já que estás a bancar o psicólogo, diga-me que merda me resta nessa porra de vida! - Pela primeira vez desde que ela chegou, vi um vislumbre da mulher que um dia foi Zarina. Tanta dor reprimida.

- Zarina...

- Nem vem que não tem Dante. Eu não quero ouvir nada e nem quero sua simpatia, guarde-a para quem se importa. Eu só estou aqui porque sei que és o melhor no que fazes e ponto final.

- Nada que eu dizer vai mudar sua ideia? - Ela lançou-me um olhar irritado de “o que você acha?” - Também. Eu te ajudo, mas

primeiro vais ter que me contar em que merda te meteste.

- Chantagem já não funciona comigo Dante. É sim ou não. Decida logo, porque tenho agenda cheia. Existem outros profissionais que podem fazer o serviço. Candidatos são o que não faltam. - Tao resoluta.

- Droga Zarina. Dá para acalmar o *speed!*

Vi nos seus olhos que não importa o que eu dissesse agora, nada iria fazê-la mudar de ideia. Ou aceitava o serviço, ou ela ia embora. E a ideia de perdê-la de novo era dolorosa demais. Sem mencionar que eu não poderia deixá-la ir assim. Sei lá que tipo de maníaco ela contrataria. Não estava preparado em ouvir na notícia das 20' reportando seu corpo morto.

Isso não. Decidido. Iria aceitar ou pelo menos fingir aceitar. Uma semana e meia era um bom tempo para fazê-la mudar de ideia ou tirá-la dessa situação a força. Ela querendo ou não.

- Eu aceito. - Tensão palpável esvaziou do seu corpo e por um segundo a Zarina que eu conhecia transpareceu para ser logo substituída pela essa nova Zarina versão 2.0.

- Zarina, o quê aconteceu com você?

- Como se não soubesses?

- Zarina, se eu pudesse evitar aquilo tudo, acredite em mim, eu—

- Já disse que não quero ouvir Dante. Onde tem um hotel acessível e bom por essas bandas? - Ela sabia como mudar de assunto.

- Ainda não tens estalagem?

- Acabo de chegar.

- Ah... - cocei a cabeça subitamente nervoso, - podes ficar aqui se quiseres, tem todo o conforto que precisas.

Os olhos da Zarina ascenderam como se eu acabasse de a pedir para saltar de um penhasco. Nossa...

Ela abriu a boca para responder e segurei a respiração esperando ansiosamente por sua resposta. *Por favor diga que sim.*

23: Zarina 2.0

O que eu estou fazendo aqui?

Agora era tarde demais para voltar atrás. Nem acreditava que eu estava cara a cara com Dante, era muito surreal. Alguém que pensaste que nunca mais irias ver, na sua afrente a vivo e a cores. Para quem não tinha nem uma fotografia sequer para recordar. Caramba, estar com Dante perto-perto estava mexendo comigo. E isso não era bom.

O desgraçado estava melhor que nunca, fora daquele uniforme que o conheci. Como o diabo que ele era, estava cada vez mais atraente e aliciando-me a provar a maçã proibida mais uma vez.

E o meu pobre coração, bombava sangue a todo gás. Apesar de por fora estar a bancar a inservível e durona, estava-me remoendo por dentro. Não sabia exactamente o que fazer. Só Deus sabe como estava conseguindo manter a postura.

Tinha vontade de chorar e sorrir ao mesmo tempo. Meus pensamentos e sentimentos estavam em guerra. Era como se duas pessoas com mesma soberania diferentes quisessem coisas diferentes dentro de mim. Uma queria se lançar aos braços de dante e rogar-lhe para nunca mais me abandonar e outra queria estrangulá-lo vivo.

Incrível, pensei que depois de três anos pudesse esquece-lo, mas não. O sentimento por desagradável que seja estava lá, esperando, pronto para me trair. Mas ah, dessa vez eu não ia deixar, nem louca!

Aprendi a lição na primeira vez e muito obrigado!

- Eu...

- Grego? - Ora, ora, ora, vejam só quem está aqui. A loiraça da foto.

O que será que ela era, namorada, esposa, ou noiva? Ele seguiu mesmo com sua vida, enquanto a burra aqui passava noites em claro pensando nos "e se" da vida. Comprimi meus lábios num sorriso fino.

- Não agora Marisol. - Dante respondeu a loiraça de minúsculo biquíni vermelho, sem ao menos dignar-se a olhar para ela. Sua inteira atenção estava cravada em mim. E isso fez elevar o meu ego. Chupa essa loiraça!

- Mas Grego? - Ela reclamou.

Dante parou um segundo, virou lentamente com cara fechada e disse seriamente. - Já disse que estou ocupado agora Marisol, depois falou contigo. - E finalizou a conversa, voltando para mim.

Não deu para não sorrir, a loiraça estava fulminado, seu olhar deslocou para mim e mediu-me de baixo para cima, e se olhares matassem... oh.

Então ela queria brincar de "quem olha mais tempo" neste jogo eu era mestre, depois de tudo que eu passei não seria uma gatinha mimada que iria-me fazer encolher o rabo. Encarrei de frente com tudo.

E como previsto meu olhar duro assustou a gatinha que saiu da sala zangada e resmungado, isso loiraça, corra, mas corra bem longe, porque se atrapalhares meu plano... não me responsabilizo.

- Zarina a resposta.

Voltei a Dante e arfei perdendo a respiração. A intensidade do seu olhar era magnética.

- Estou a espera. - Sua voz desceu um oitavo tornando-se um sussurro delicioso de se ouvir.

- Eu aceito. - Disse hipnotizada.

Ele sorriu triunfante e foi aí que eu acordei. Mas que merda Zarina! Pigarrei quebrando o feitiço e voltei a sarcástica tudo-a-merda Zarina Modus Operandi. Dante olhou confuso como se não entendesse mais nada. Bem-vindo ao meu mundo.

- Okay, tens mais alguma bagagem, além da mala rosa. - Perguntou ele olhando para a mala em questão, por algum motivo esquentei de vergonha.

- Não. - Sussurrei.

- Bom. - Disse pegando a mala, - por aqui, - e mostrou-me o caminho até meu novo quarto, aproveitando para dar um tour na sua casa fabulosa.

Apesar de ter muito branco, a casa era linda. Fresca e contemporânea, cheia de vidros. Uma perfeita arquitetura moderna de casa de praia. Tinha a vista ao cristalino mar e uma espectacular piscina como jardim de trás.

O cara deveria estar transbordando em mola. Não me surpreende, visto o que ele fazia para ganhar a vida. Isso Zarina pense nele assim, quem sabe assim ainda tenhas alguma chance para resistir a tudo isso.

- Bem chegamos. Este é o seu quarto. Espero que esteja ao seu gosto.

Entrei no quarto inspeccionando, as paredes eram brancas, sem surpresa ali. Observei ao redor e fiquei satisfeita, era um quarto luxuoso e bonito de uma forma jovial, com mobília clara bem-disposta e arrumada. Além de que era uma suite. Super. Assim não corria risco de me encontrar com Dante ou com a loiraça ao sair do banheiro.

Caminhei as portas duplas de vidro que davam a uma varanda espectacular com uma superlativa vista ao mar e sorri, oba tinha uma escada que levava directamente a praia. Super.

- Lindo não é?

Virei abruptamente e colidi com o corpo de Dante, bem na minha cara. Meu corpo estava colando ao seu peito. Isso não podia estar acontecendo. Perdi a respiração. Sentia seu perfume envolvente em todo lugar, como ele cheirava bem.

Zarina... lembre-se porque você está aqui. Tentei desviar do seu corpo para voltar a segurança do quarto espaçoso mas o desgraçado travou-me.

- Dante? - Não me diga que essa era minha voz. Tao superficial.

- Shh... - Meu olhar subiu dolorosamente lento por ele, absorvendo tudo. Comecei por seus músculos do ombro e peito, que pelos vistos haviam aumentando. Viajei ao seu pescoço que bombava sangue descontroladamente. Seu queixo quadrado masculino liso, exactamente como me lembrava, ele nunca deixava a barba crescer.

E seus lábios... caramba. Me mantem agora. Como resistir a aqueles lábios apetitosos vermelhos, tao beijáveis. Minha

respiração voltou, mas com dificuldade.

- Zarina. - Minha nossa. Fechei os olhos. A visão dos seus lábios movimentando era demais. - Olhe para mim. - Cumpri a ordem em dois segundos.

Seus olhos consumiram-se. Ele inclinou e reflexivamente aproximei-me dele fechando os olhos. *poo, poo, poo!* Sangue em todo lado. Abri os olhos instantaneamente e afastei-me de Dante como se ele fosse uma praga. E era, uma bem viciosa.

- Eu acho melhor ires.

- Zarina?

- Dante, sai. Do. Meu. Quarto.

Ele levantou as mãos num gesto de paz. - Você quem manda. Qualquer coisa é só discar #4, para falar comigo directamente, e #1 para o mordomo da casa. - E com isto ele saiu deixando-me em paz, no vazio dos meus fantasmas.

Sente-me na cama transpirando e tremendo, uma dor aguda se instalou no meu coração. Peguei no celular com mãos temendo e liguei a Edgar, precisava falar com meu filho.

- Estou dentro.

- Boa garota. Eu sabia que não irias falhar, e a segunda parte do plano.

- Em andamento.

- Muito bem *muchacha*. - Não sei onde eu estava encontrando calma para lidar com esse lunático, mas a situação exigia.

- Agora eu quero falar com meu filho. - Demandeí.

- Claro, claro. Tragam o cachorro. - Nem reclamei pelo facto de ele ter chamado meu filho de cachorro, estava exausta demais.

- Oi Lola, como que vão as coisas desse lado, e sua família ele te receberam bem?

- Ah, Zarina, bem, bem, não nem, mas foi melhor que eu esperava. Minha avó não é o mostro de setes cabeça que eu esperava, não. - Uau, melhorias, Lola estava chamando a mulher de avó. As coisas deveriam ter ido bem.

- Isso é bom.

- Estás bem Zarina, me pareces um pouco *off*.

- Claro Lola. Só um pouco cansada.

Lola calou durante uns segundos ponderando minha resposta, mas logo dissipou a dúvida. - Tentei ligar para ti, mas seu celular estava fora de área.

- Ah sim, é que eu estava no avião.

- Avião! Como assim?

- Surpresa! Estou nas Ilhas Caimãs.

- Estás de brincadeira comigo. Ilhas Caimãs!

- É Lola, um cliente fez-me uma proposta irrecusável.

- Oh, isso é bom. E Edu? - Pausei.

- Eu deixei-o com uma vizinha. - Mentira amargou na minha boca, mas não tinha como. Se contasse a Lola o que estava verdadeiramente acontecendo, tenho certeza que minha amiga saltaria no primeiro avião ao meu encontro e me obrigaria a contactar a polícia.

E esse era um risco que eu não estava disposta a correr, além de não ser justo com Lola, logo agora que ela estava entrando em harmonia com sua família.

- Você. Deixar Edu com uma vizinha? Conta outra Zarina. - Lola conhecia-me bem. Então tinha que ser mais convincente.

- Não tive escolha Lola, também é só por uma semana. Logo, logo, passa. Agora chega de mim, me conta directo como estão as coisas em detalhes aí. - Só tinha um jeito de desviar Lola de um assunto, fazendo-a falar dela.

- Ai, Zarina... é mito bonito. Tens quer vir a Itália. Uau, foi como um filme. - E... temos Lola de volta. - Interrompi um jantar familiar toda ensopada, e dá para acreditar que fizeram-me teste de DNA!

- Não me diga, DNA?

- *Vero*, minha avó queria ter certeza que eu sou neta dela, como se houvesse dúvidas, mas em fim, eu relevei. Agora estou instalada no antigo quarto do meu pai. Não fazes ideia do quanto isso significa para mim.

- Eu posso imaginar.

- Zarina, tenho que ir. Parece que tem alguém na porta. Depois falo consigo.

- OK, falamos.

- Adeus, me liga okay, e oh não deixe de tirar umas fotos loucas desse paraíso.

- Com certeza.

- Tchau. - A linha caiu e afundei na cama.

Se ela soubesse o inferno que estou metida. Gargalhei secamente as paredes.

24: Química

Rebolei para esquerda, rebolei para direita e nada de sono, ate tentei contar as ridículas ovelhas, contudo parece que minha mente não entendi que eu precisava dormir.

Olhei para a cabeceira e o relógio brilhava duas horas da fodida madrugada. Olhei para Marisol que dormia como um anjo ao meu lado, nem parece que ela estava com as garras fora pronta para me atacar a horas atrás.

Discutimos muito por causa da “misteriosa mulher” que se hospedaria em *nossa* casa — *minha* casa. Essa inesperada *visita* da Zarina serviu para me mostrar o quanto minha vida era uma grande mentira. Marisol nem conhecia meu verdadeiro nome, e olha que já estávamos saindo aproximadamente a um ano.

Suspirei cansado ao tecto, como pude viver assim por tanto tempo? Cheguei ao ponto de me convencer que eu era esse personagem fictícia que inventei. Grego, dono de uma casa de praia espectacular, com uma mulher espectacular ao seu dispor, sem falar na gorda conta bancária.

Um sonho para muitos. Mas um pesadelo para mim, essa vida estava-me sufocando, foi só eu ver Zarina de novo para meus demónios sobressaírem, e agora? A verdade era dura, crua e única: eu não era feliz.

Podia-me aldrabar o quanto quisesse, mas no fundo sabia que não era feliz. Por incrível que parece fui mais feliz na droga de Pandora nos poucos meses que tive Zarina que em toda minha vida. Aquilo tudo foi mentira?

Não, agora fazendo uma retrospectiva, algo não batia, tinha certeza que Zarina gostava de mim. Ninguém podia fingir tao bem, *você fingiu...* isso só no princípio. Passei a mão no rosto, cansado de queimar os miolos.

Exasperado lancei os lençóis longe e sai da cama. Não adianta, não ia conseguir dormir hoje, quem sabe ar fresco ira ajudar.

Levantei da cama e botei uma camiseta branca e sai a praia noturna.

A lua brilhava resplandecente ascendendo o mar escuro. A harmonia da noite era tao perfeita que dava inveja, gargalhei secamente comigo mesmo. *Pobre Dante, sentido até inveja do mar, só um pobre infeliz mesmo.*

Pisei em algo... roupa? Agachei e observei a camisa estendida desornamente na praia. Peguei nela e por instinto puxei-a as narinas. Quem seria maluco de nadar de noite — Zarina! Meus olhos acenderam em reconhecimento. Aquele cheiro inesquecível estava impregnado na camisa branca.

Vasculhei a praia a sua procura e congelei. Como uma sereia ela saiu da água secando o cabelo num gesto provocativo. Tinha ela noção do quão perigoso aquele singelo movimento era? Engoli saliva.

Saltei em pé e observei a minha presa. Apesar de estar escuro, a lua fornecia-me luz suficiente para apreciá-la. E quanto mais eu olhava para os delineamentos do seu corpo mais irracional ficava.

Água percorria suas curvas dolosamente gostosamente. Traçavam seis seios cobertos por uma fina sutiã de renda, que não deixava segredo. A desgraçada nem teve a decência de usar fato-de-banho, foi assim mesmo, de lingerie preta rendada.

Estava querendo-me deixar louco.

Os bicos do seu seio estavam arrebitados pela água, que goteavam por toda parte, na sua fina cintura, com aquele umbigo profundo, próprio para beber tequila, e aquelas pernas longas que me tiravam do sério.

Finalmente se deu conta que não estava mais sozinha. Não pude deixar de contornar meus lábios ao seu assombro.

- Dante? - Ela ofegou. Seus olhos freneticamente vasculhando por sua camisa.

- Procurando por isso? - Pisquei exibindo sua camisa como uma bandeira, seus olhos acederam. Apressadamente, ela fez o caminho até mim.

- Dante, devolva-me a camisa já! - Ui... to morrendo de medo.

- Pegue-a. - Provoquei-a ainda mais, atijando sua raiva.

Estava morrendo de rir, Zarina saltava feito uma louca tentando pegar sua camisa, e como eu era mais alto, claro, tirei vantagem da situação. Estava tudo engraçado até que seus seios molhados roçaram em meu peito. Aí a coisa mudou de figura.

- Seu-Seu. Argh! Me devolva minha camisa, já cansei dessa infantilidade.

- Infantilidade? Isso está só começando. - Esbocei um sorriso sacana a ela. Ih... isso a irritou profundamente.

Uma bofetada pegou-me desprevenido. Fodas, já estava cansado de levar surra dessa mulher. Não satisfeita ela tentou acertar-me uma de novo, mas desta vez segurei sua mão, a travando no meio.

Fechei a cara, e o que ela viu no meu olhar a fez retrain, bom. Estava na hora de mostrar quem era o macho alfa. - Isso foi muito indelicado da sua parte Zaina. Uma vez, aceitável. Duas vezes, aí já é pedir demais.

- Dante me larga. - Baixando a crista já? Segurei aí princesa.

- Sabes o que acontece com mulheres que gostam de violência?

- Dante ouve, - ela deu um passo para trás.

- Elas recebem castigo.

Fechei a distância entre nos, enlaçando seu corpo no meu. Quando seu corpo molhado colou ao meu, assobiei baixinho, não esperava esse vulcão de emoções só por estar perto dela. Ela queria protestar mais não deixei.

A acertei com um beijo brusco e exigente. Minha intenção era desarmá-la por completo. Quebrar a atitude "Mulher de Ferro" seu corpo pequeno colando em meu era uma harmonia fora de sério, dava votando de nunca mais a largar. Grunhi de prazer quando senti suas curvas sinuosas pressionarem. Que saudades disso.

Sua respiração estava pesada e minha também, pois meu beijo estava agressivo e era necessário. Era disso que precisamos nesse momento. Para podermos saborear o suco do delicioso ananás, temos que enfrentar a casca grossa e descaçá-la, o que não é prazeroso para ninguém, mas quando finalmente conseguimos... oh.

Aí a festa começa.

Deslizei a mão ao seu traseiro e senti-me em casa. Passar a mão por aquela pele suave e tentadora era demais. O contacto de nossas peles era supersónico, o facto de ela estar molhada deixava as coisas muito mais interessantes.

- Podes refilar, e bater o pé no chão que não sentes nada por mim, mas seu corpo a entrega.

É claro que não a deixei responder. Não ia dar a chance dela escapar, por isso beijei-a de novo mas desta vez suavemente, como um amante beija a mulher que pretende passar a noite inteira sem pressa a dando orgasmos.

Parei de beija-la e suas pestanas preguiçosamente levantaram, ela estava perdida. Exactamente onde eu a queria, perdida e confusa. Deliciosamente linda. Sua respiração superficial fazia seus seios rocarem singelamente meu peito tentando-me a levar as coisas para outro nível.

- Agora me beije Zarina, me mostre o quanto queres isto.

Prendi a respirado a espera da sua resposta. Com olhar transfixo, ela buscou por meus lábios tentativamente. Por uns instantes deixei-a explorar e navegar em mim ao seu passo e tempo ate que suas lambidas lentas estavam-me tirando do sério.

Mergulhei a língua nela, saboreando, bebendo, reaprendendo seu sabor. E quando ela devolveu minhas investidas grunhi de prazer, isso era o que faltava na minha vida. Êxtase puro.

Sua rendição tinha um sabor decadente que me enchia de orgulho. Cada lambida, beijo, mordida hesitante dela atiçava meu desejo, que estava ao ponto de ebulição agora. Nossas respirações eram únicas.

Seus suspiros de prazer tornarem-se frequentes e não aguentei, comecei a me esfregar nela. Ela ofegou quando sentiu quão duro eu estava por ela, mas depois relaxou rebolando em mim. Dei uma palmada surpresa no seu traseiro, que a fez sobressaltar e aproveitei para aprofundar o beijo.

Deus, como vivi sem isso? Como pude esquecer essa química entre nós! Onde estava com a cabeça?!

Tentativamente levei a mão ao seu seio e hesitei bem em cima dele. Não queria assustá-la depois de tanto progresso.

Surpreendendo-me ela arqueou as costas me oferecendo meu objecto de fascinação.

- Zarina. - Respirei entre beijos. Louco demais pelas sensações que governavam-me.

Envolvi seu seio em minha palma reaprendendo sua composição, estrutura e um choramingo de prazer varreu meus ouvidos. Belisquei o biquinho arrebitado e ela tremeu. Curvei-me para tomá-lo na boca, seu corpo convulsou de surpresa, acho que ela ia dizer algo, mas assim que comecei a chupar por cima do sutiã e suas palavras morreram.

Entregou-se completamente. Estava tudo multiplicado, as sensações estavam-me governando-me num nível intoxicante. Na irracionalidade da Paixão que estávamos imersos, aproveitei para a dar uma rasteira e a deixar cair na areia da praia, com meu corpo servindo de protecção no tombo.

- Que estás fazen... - suas palavras viraram um gemido quando rotei-nos, posicionando-me em cima e voltei a sugar seu mamilo.

Do seu seio, deslizei a mão a sua cintura movendo que nem uma pluma e sua barriga contorceu. Suas mãos voaram ao meu pescoço mantendo-me no lugar, como se eu fosse a algum lugar. Continuei minha exploração por seu corpo até que cheguei a sua calcinha e parei a mão sobre o elástico que separava-me da alegria plena.

Em vez de meter a mão adentro, decidi explorar mais, descí até ao centro de sua quentura e segurei sentido puro fogo ardente em meus dedos. Com meu gesto possessivo veio os movimentos desenfreados dela, circulando sua cintura em minha mão fazendo seu clitóris roçar minha palma cheia de calo. *Fogo... eu preciso estar dentro de ti.*

Com isso em mente ajoelhei, baixei o calcão agitadamente até ao joelho, desejo governava meu ser. Se eu não gozasse nela ficaria louco. O desejo era tao grande que assustava, mas minha mente estava ocupada demais com imagens do que queria fazer para ligar a mero susto.

- Dante, o que estás fazendo? - Ela perguntou quando minha mão pairou sobre sua calcinha, pronta para joga-la fora.

Ai, não acorde agora Zarina. *Seduze-a a rendição.*

Sem dar explicação, ajoelhei entre suas pernas e dei uma bela lambida em sua calcinha molhada. A coitada desabou de volta a areia com um alto gemido de prazer. Isso, perca-se de novo.

O problema era que não era só ela que estava se perdendo, meu controlo estava cada vez mais escasso e eu precisava dele. Mas como resistir a uma mulher com um sabor tao angelical desse jeito, seu suco era néctar puro. E perguntei-me como nunca tinha-me embebedado dela?

Tempo em Pandora era escasso, ah sim.

Continuei o trabalho. Lambi, mordiquei, e embebeci-me de seu cheiro intoxicante até a raiz. Quando ela já estava perdida o suficiente ondulando desesperadamente a cada lambida minha, pedido por mais, afastei sua calcinha ao lado e enfie um dedo na sua quentura só para testar as águas.

Foi minha vez de uivar de prazer, ela era perfeita, tao perfeita quanto me lembrava. Suave, molhada, quente e pronta para receber-me. Com essa constatação estiquei meu corpo sobre ela abrindo espaço entre seus joelhos sem deixar de acaricia-la entre as pernas.

Seu olhar vidrado encontrou-me. - Zarina, - respirei com dificuldade, - eu preciso tê-la.

- Dante...

- Shh, deixa as coisas acontecerem.

Tirei a mão e esfreguei minha erecção nela e Zarina ofegou se contorcendo de prazer. Decidido. Ia tê-la. A vontade de fode-la duro e rápido era muita, depois que tirasse essa necessidade de homens das cavernas de dentro de mim, iria fazer amor com ela, como ela merecia. Mas por agora... ah se segure Zarina.

Arranquei sua calcinha para longe e a cabeça do meu pénis encostou sua abertura escorregadia. Por um terço não apanhei orgasmo ai mesmo, ela era boa demais. Com um impulso de minha cintura empurrei a cabeça para aquele calor abrasante. — Não! - Não? Ouvi bem. Olhei para baixo consternado e confuso.

Os olhos da Zarina estavam arregalados, como se ela tivesse acordado de um pesadelo. - Eu... eu... não... não posso fazer isso. - Ela tremia toda, e não de prazer.

- Zarina?

Ela bateu no meu peito. - Sai de cima de mim. - A aflição da sua voz fez-me retrair e sair dela. Sentei-me ao seu lado. - O que foi Zarina? - Não entendia mais nada. Simplesmente mudou de água para vinho.

Mesmo que meu pau estive ao ponto de ebulição, nunca, mais nunca forçaria uma mulher. Não precisava de tal, e só infelizes faziam isso. Tentando manter a calma a perguntei de novo qual era o problema, e vi lágrimas nos seus olhos, isso me pôs preocupado.

- Zarina por favor, fala comigo, te machuquei ou algo? Zarina, responde!

- Me larga. - Deixei cair o braço que foi conforta-la.

- Eu não quero isso... uma vez foi erro suficiente. E eu não estou preparada para pagar as consequências de novo. Não mesmo.

Suas palavras me deixaram mais confuso, o quê — oh. - Estás a dizer que nossa união foi um erro da primeira vez? - Perguntei rearranjando meus calcões, desejo virando frustração e consequentemente raiva.

- E não foi?

- Não para mim.

Ela gargalhou secamente com lágrimas nos olhos. Uma visão nada bonita. - Engraçado Dante, pois me deste a clara impressão de que foi.

Zarina pegou na sua camisa e cobriu-se com raiva, fazendo movimentos bruscos. Procurou por sua calcinha e como estava arruinada por arreia, embrulho-a na mão com força. Nós os dois estávamos com os nervos a flor da pele e podia apostar, sexualmente frustrados. Ela deu um passo em direcção a casa. Ah, não. Se ela pensava que iria sair assim sem A nem B, estava enganada.

- Zarina, eu quero saber exactamente o que aconteceu connosco. Porque me traíste assim? - Perguntei seriamente, olhando-a fixamente, travando-a pelo braço.

Ela arrancou seu braço do meu agarro. - Me fazes rir Dante, quem foi que traiu quem, aqui? Você e sua cambada mataram Edu e a tonta aqui ainda se sacrificou por sua pele. Se eu soubesse!

- Espera aí— eu não matei Leo. E que história é essa de *sacrifício*?

Ela sorriu amargamente, - parece que todos nós temos nossos segredos.

- Me diga os seus, talvez eu possa-te ajudar.

Seu olhar resignado balouçou por um tempo, medo cobriu suas feições, depois esperança, mas logo a amargura voltou a assola-la.

- Tarde demais Dante. - E com isso ela caminhou para dentro de casa, sem olhar para trás. E por alguma razão eu não fui atrás.

Estava encucado demais com o que ela disse, estagnado no lugar, com uma erecção regente, pensamentos confusos e vontade de socar algo. Foda-se, a vida estava uma beleza. Mas uma coisa superou isso tudo, o olhar assustado de Zarina. Algo muito sério estava acontecendo com ela e não iria descansar até saber o quê tinha o poder de a chocar com aquela voltagem de medo.

Com esses pensamentos dirigi-me ao ginásio. O saco-de-pancada que me aguardasse hoje.

25: Meu Homem

- Olha, eu não sei como vens influenciando Grego, mais saiba de uma coisa, não vai resultar. Grego é meu.

Virei lentamente para encarar a loiraça que estava parada no meu caminho no estreito corredor, a passos do meu quarto. Só podia estar de brincadeira. Exalei e contei até três para manter a clama.

- Então um conselho: arrume as trouxas e de um pé daqui, porque ninguém rouba meu homem

Ui, seu homem. Isso foi a gota de água. Desenhei o sorriso cruel. *Game on!* - Achas mesmo que *Grego é seu* homem? - Ancorei a mão na cintura e ri sem humor. - Acorda garota! Que homem que põe outra mulher no mesmo tecto que a *sua*?

Os olhos da loiraça arregalaram com o insulto. Bem feito, quem manda se meter a besta comigo. Afundei o pau na ferida. - Onde achas que *seu* homem passa as noites? - a loiraça calou por um segundo pensando.

- Ele vai a praia.

- Oh, isso que ele te diz. Se minha cama, em meus braços é praia... então tá nem. Você quem sabe. Só tem uma perguntinha: um homem que passa as noites na cama da outra é realmente seu? Eu acho que não.

Mentirosa. Mentira saudou meus lábios. Mas só de ver a reacção da loiraça valeu a pena. Se ela soubesse que nem eu, nem ela tínhamos privilégios do homem em questão.

Depois daquela noite do super orgasmo nunca mais deixei Dante encostar em mim. Nossa interacções consistiam em: o plano, acusações e ele tentando concertara as coisas entre nós. A palavra-chave sendo: tentando, porque eu não dava tempo suficiente para ele abrir a boca, fugia dele.

Não estava tão certa que se o ouvisse, conseguiria não perdoa-lo e ficar longe dele. A vontade de correr aos seus braços e desabafar tudo era imensa. Não podia correr esse risco.

Apesar de tudo que passamos o que eu sentia por Dante estava enraizando em mim, e esse tempo debaixo do mesmo tecto não estava fazendo-me bem. Dante era parte do meu passado, um passado que eu queria esquecer, lacrar e jogar a chave fora.

Mas tinha um porem nisso tudo: Edgar, o sádico. Esse sim era problema, um fantasma do meu passado que eu não tinha como lacrar. Depois que a poeira baixou comecei a pensar, também tive muito tempo vago nesse semana aqui neste paraíso.

O que Edgar iria fazer com Dante? Essa era a pergunta milionária. Por mais que eu estivesse zangada com ele não queria que nada acontecesse com ele. Principalmente pela história que tínhamos.

Não podia fingir que não sabia que Dante corria perigo de se machucar gravemente, até, até... morrer. Cruzes! Calafrios varreram minha espinha. E entregar Dante a Edgar era mesma coisa puxar o gatilho e não conseguia lidar com isso.

Tinha que arranjar um jeito de nos salvar todos, sem que ninguém saísse machucado. Eu só não tinha descoberto como? Mas acharia um jeito ou não me chamava Zarina Mapossa. Eu sempre tinha uma solução, não aceitaria outra fatalidade nas minhas mãos.

Depois disso poderíamos seguir nossos caminhos separados. Sem mais sangue nas minhas mãos, já chega o de Edu. *Zás*. Uma bofetada arrasou minha face e meu ouvido assobio. Caramba a loiraça esbofeteou-me?

Não... não! Fodas! Recuperei do assombro e fuzilei-a com um brilho assassino. *Até aí, eu não aceito*. Essa mulher queria morrer! A devolvi o favor.

- Sua vadia!

A luta começou e era bofetada atrás de bofetada. Quase arrancávamos o cabelo uma da outra. Pontapé. Cotovelada. Uma autêntica luta feminina. Por pouco não rolamos pelo chão, contudo fomos separadas.

- Mas o que vem a ser isso? - A voz grave de Dante dissolveu o vermelho dos meus olhos.

Ele estava no meio de nós, separarmos uma da outra, só que acontece que não queríamos ser separadas, por isso as pancadas sobravam para ele.

- Chega! Parem as duas! - Seu tom nos travou instantaneamente.
- Ninguém mais lutar aqui. - O tom absoluto não deixava dúvida.
Ofegantes paramos, olhando-nos com ódio venerável.

- Agora me expliquem, o que aconteceu?

- Ela que começou! - Gritamos ao mesmo tempo. Dante lançou um olhar reprovador a nós.

Seu olhar incrédulo mostrou exactamente a forma detestável que estava-me comportando. Feito uma criança, lutado por um brinquedo novo. Nesse caso o brinquedo novo era um homem adulto e bem formando.

Cá estava eu, uma mulher de 28 anos, mãe de um filho lutando por um... por um... homem. Instinto básico governava enquanto botava minhas garras na loiraça. Instinto animal governa a racionalidade.

Era tão simples quanto isso: Dante igual a macho, Zarina igual a fêmea. E fêmea lutando para mostrar a quem pertence o alfa macho. Minha nossa.

- Eu quero essa mulher fora daqui!

- O quê! Eu que exijo ela fora daqui!

Dante lançou um olhar perplexo. - Não tens direito de exigir nada Zarina. - Ui, essa doeu. O sorrisinho irritante vitorioso da loiraça começava a dar sinais. Debaixo do meu cadáver!

- Não tenho, Dante! E aquele todo papo de "concertar as coisas" foi ao lixo?

- Zarina... - Dante advertiu.

- Zarina nada! Queres concertar as coisas! Começa agora! Livre-se dessa aí.

Não sei o que levou-me a pedir isso, sei que não tinha direito, pois não tinha nada a ver com a vida pessoal de Dante. Mas essa mulher tinha que ir. Não aguentava mais cruzar com ela nos corredores. Detestável!

- Dante? - A loiraça perguntou confusa.

- É *queridinha*. Não sabias? *Seu* homem aí, na verdade chama-se Dante San-ti-a-go. Não porcaria de Grego nenhuma!

- Dante...? - A loiraça abanou a cabeça, olhou para Dante pedido explicação confusa. - Grego?

- Marisol suba, vá a nosso quarto, conversaremos depois. - A menção do "nosso quarto" fez meu coração apertar e encher de... de... a que seja!

- Eh Marisol, deixei-nos as sós. - Provoquei-a, ferindo-a mais ainda. Só para faze-la sentir tao miserável quão eu estava. A mulher dividia o quarto com meu homem. Seu Zarina? Ah! A merda contudo.

- Cale a boca Zarina.

- Ah! - Olhei indignada a Dante. - Porquê? A barbie não merece saber da verdade?

- Grego?

- Quarto. Marisol. Já. E Zarina cale. - O tom absoluto não deixou espaços a protestos.

Resmungando a loiraça saiu do corredor, em direcção ao seu quarto. Finalmente a sós, Dante voltou-se a mim. Oops. Acho que puxei a corda demais. O olhar mortífero que ele lançou-me congelou meus intestinos de medo.

- Dante, eu—

- Calada Zarina!

Avançou ameaçadoramente a mim com intuito mortal e agarrou-me lascando um beijo com raiva e fome de leão. Depois de uns bons amassos ele largou para podermos respirar.

- Dante, nosso acordo—

- Que se dane o acordo.

Num minuto eu estava enrolada em seus braços no outro estava nos seus ombros feito um saco de batata. Gritei apanhada de surpresa.

- Me ponha no chão, Dante!

Como resposta ele me acertou com uma palmada certa no meu traseiro, que me fez ofegar e parar uns segundos para entender o que acontecendo. - Sem mais um pio, ou seu traseiro responderá por sua desobediência.

Suas palavras fizeram vibrações novas de prazer varrer meu corpo. Fechei as pernas reflexivamente. A ideia de levar uma surra dele envergonhava-me e excitava-me.

- Está na hora de saberes que é o mestre.

Com determinação ele marchou ao meu quarto que nem o homem das cavernas. Depositou-me bem no centro da cama colossal no meio daquele todo branco, sentia-me uma virgem pronta para o sacrifício.

E olhar predador que lançava não ajudava na causa. Era um tanto assustador mas o desejo que emoldurava meu corpo era tanto que não demorou para o medo submergir e antecipação emergir.

Em que fui-me meter? Todas células do corpo de Dante gritavam uma e única missão: proporcionar quantos orgasmos possíveis e de todas formas. E eu era a vítima. Engoli saliva subitamente nervosa.

- Dante... - disse tentativamente, tentando escapar do leão.

- Tsc, tsc, tsc, Zarina. Seu lugar é exactamente onde estás.

- Isso só pode ser piada, Dante!

- Ah, mas não imaginas quão sério estou. Não vamos sair desse quarto até ultimarmos o que começamos aquela noite na praia. Vou-te comer tao gostoso e profundamente até que eu seja a única coisa na sua cabeça, e tudo que poderes fazer é gritar o meu nome, e me sentires profundamente enterrado em você. E quando fodermo-nos até a exactidão, conversaremos sobre o seu *acordo*.

Caramba, suas palavras atrevidas fizeram-me molhar a calcinha, antes mesmo do maldito ter posto um dedo em mim. Ele nunca tinha falando assim comigo, e o mais engraçado é que eu gostei e meu corpo traíra deixava isso bem claro.

Ele subiu na cama todo-poderoso e ficou de joelhos no meio de todo branco feito um príncipe sombrio. Meus nervos estavam em alerta laranja. Tirou o cinto das calças jeans que usava e retrai, seus lábios curvaram num sorriso absurdamente sexy e diabólico. Tó ferrada.

Com passos predadores envolventes ele veio a sua presa, e eu retrai até não ter para onde escapar. Depositei a mão contra seu peito para impedi-lo de avançar, mas o maldito não parou.

Sem falar que ficou meio difícil fazê-lo realmente parar sentido seus músculos firmes queimado em meus dedos. Seu corpo tremeu ao meu toque e isto me fez sentir poderosa de um jeito retorcido. Perdendo a cabeça comecei a traçar os dedos no seu peito sobre a

camiseta e querendo sentir mais do seu calor tirei a camiseta com sua ajuda o deixando exposto ao meu leite.

Saliva se acumulou em minha boca pronta para temperar aquelas barras de chocolate e entregar-me as sensações que assolavam meu corpo. Tentativamente inclinei a ele com intuito claro de prová-lo, sua respiração quebrou de antecipação.

Uma imagem rápida de Edu passou por mim e afastei abruptamente. - Dante, desculpe... mas... - minha voz quebrou, não conseguia nem formar uma frase coerente.

Contudo ele não deu ouvidos as minhas lamúrias, fechou a boca na minha num beijo quente de aquecer a Antártida e quebrou todas minhas objeções.

Estava perdida, não tinha força para afasta-lo sem que satisfizesse essa necessidade primitiva dentro de mim. Queria, não, precisava senti-lo entre minhas pernas, martelando dentro de mim enquanto prazer explodia em cada célula do meu organismo.

Entre minhas pernas ele dominou o cenário. - Dessa vez eu não vou parar até estar dentro de você Zarina. Quero satisfazê-la de todas formas possíveis. - Ele sussurrou no meu ouvido de uma forma devassa provocando calafrios.

Traçou de forma fantasmagórica as pontas dos dedos no meu pescoço que bombava sangue a velocidade da luz ao meu braço. Meus seios saltaram a atenção prontos para receber a mesma carícia.

Foi aí que notei que estava completamente nua. De algum jeito mágico o maldito deu o jeito de tirar minha roupa no calor da paixão. Também eu só vestia um vestido de praia e calcinha. Convite aberto.

Lancei-o um olhar censurador e ele entendeu, sorrindo daquele jeito sacana que eu gostava e raramente via agora na sua cara. Suas covinhas demarcavam território mais uma vez, era tao surreal ver Dante assim, tao Dante.

Para povoar que não estava sonhando e se estivesse que ninguém me acordasse capturei seus lábios nos meus no beijo lento e arrebatador. Naquele momento especial nada mais importava. Era só eu e ele na nossa ilha secreta e escondida do mundo.

Choraminguei quando ele mordiscou meu lábio inferior e senti seus dedos ousados em meus lábios molhados procurando por minha quentura, minha cabeça voou ao travesseiro.

Ancorei-me nele segurando-o pelos braços enquanto sua palma circulava meu clitóris numa deliciosa pressão de levar a loucura e seus dedos mergulhavam em mim fazendo-me arquear a sua invasão e gritar seu nome silenciosamente.

Dentro e fora. O movimento repetitivo e num passo enlouquecedor pôs-me a beira do precipício. Com os olhos fechados senti-o movimentar-se me mim, cada célula do meu corpo o estingando a mais, atendendo meu pedido sua boca tomou meu seio, devorando-o com sua língua quente.

Minhas mãos aproveitaram a aproximação e segurei pelo pescoço enquanto ondulava meu corpo nos seus dedos tentando atingir exactamente o ponto alto que desesperadamente precisava.

Mais uma investida e pressão no meu clitóris prazer atingiu ponto designado. Clímax varreu meu corpo num silencioso grito de prazer ondulando meu corpo. Quando os espasmos de prazer finalmente diminuíram me vi numa situação nada cómica.

Estava presa na cama pelos braços. Amarada. Meus pulsos presos no seu cinto, que por sua vez assegurado com lençol preso nos pedestais da imensa cama. Merda! Meus olhos saltaram.

- Dante! - O desgraçado sorriu.

Não sei nem dizer como e quando ele teve a ousadia de pregar uma partida dessas, sem que a menos eu protestasse.

- Mas que vem a ser isso? - Exigi tentando-me livrar do agarro, mas estava tudo muito bem-feito!

- Disse-te que iria-te mostrar quem é o mestre.

- Dante... - Ameacei, mas seu sorriso fez-me mudar de tática. - Olha eu não sou fã desse tipo de coisa. - Tentei racionalizar.

- Isto porque nunca experimentaste "este tipo de coisas" comigo.
- Ele piscou.

Levantou da cama e abriu o zip e botão do jeans e esta caiu no chão exibindo sua tremenda masculinidade. Meus protestos morreram com a garganta seca tomada com uma vontade inexplicável de saboreá-lo.

Sua erecção estava tao dura, grossa, e viril. Mordi o lábio fechando minhas pernas pois começava a sentir pulsação em lugares nada saudáveis. Por um segundo insegurança assaltou-me — seu tamanho era notório — mas logo lembrei como tinha tomado tudo dele e gostado, e como gostei.

Um homem com esse porte não deveria usar roupa nunca. Deveria existir uma lei que proibia o uso de roupas. Porque esconder tanta beleza, aqueles músculos que desenhavam aquele peito escaldante deveria estar exposto no museu como uma estátua romana.

Mas aí todas mulheres iriam ter um pedacinho dele e isso, eu não queria, não é a toa que queria que a loiraça evaporasse. Só eu tinha direito de admirar essa maravilha, passei o olhar mais uma vez por seu corpo e seu membro saltou ao meu olhar quente.

Ai, a vontade de mordicá-lo e lambê-lo estava se tornando insuportável. Suas cicatrizes ainda continuavam orgulhosamente representado tudo que ele passou e superou de cabeça erguida e isso apimentava mais seu *sex appeal*.

Ele abriu a cabeceira e extraiu um preservativo que nem eu própria sabia que estavam aí. Isso fez-me perguntar o *porque*, — ah, agora ele lembrava de protecção— mas minha dúvida foi esquecida vendo-o esticar o preservativo sobre ele.

Ele voltou a cama ficando de joelhos. Abriu minhas pernas pelos joelhos deixando-me completamente exposta, meu reflexo foi fechar as pernas mas ele segurou-as mantendo-as abertas.

Embebendo-se da visão privilegiada do meu sexo e fiquei mais molhada pelo seu olhar e rugido de prazer louco. - Tens ideia do quanto te quero e me pos louco? - Disse em transe enquanto seus dedos traçavam meus lábios provocando convulsões nervosas.

- Dante... - Pedi.

- Eu sei, eu sei.

A provocação parou e embalou-se entre minhas pernas, conduzindo seu corpo ao meu. Senti a cabeça na minha abertura, alarmes ecoaram. Por mais excitada que estivesse não podia esquecer a verdadeira razão de estar aí.

Além de que tinham-se passado 3 anos sem nenhum toque masculino. Isso me deixava um pouco nervosa. E se eu não desse conta do recado? E se... insegurança começou a azedar o desejo.

- Relaxa Zarina. - Dante sentiu a mudança de clima.

- Eu não consigo.

- Confia em mim boneca. - E não deu tempo para dúvidas. Enterrou tudo em mim.

Fiquei parva com olhos arregalados, tao assombra pela sua intromissão e pelo apelido que ele acabava de me chamar. Era a primeira vez desde que voltei que ele me chamava de boneca.

Contudo a mistura de prazer e dor tirou-me do assombro, quando ele começou a se movimentar dentro de mim, arqueado para ter maior acesso, segurando-me com ambas mãos em minhas pernas como se sua vida dependesse disso entreguei-me ao prazer.

E como prometido tudo que eu podia sentir e fazer era-me contorcer de prazer e gritar seu nome enquanto ele martelava dentro e fora num ritmo constante vivaz e cheio de energia.

26: Eternamente

Deixar Zarina drenada e deliciosamente exausta na cama foi umas das coisas mais difíceis de se fazer. Mas depois de passarmos a noite feito dois coelhos nos explorando de todas formas tinha eu acordar a realidade. E a realidade pesava.

Marisol, esse era o grande problema agora. Não nego que sou cara de pau, mas passei os limites, fui um iceberg. Passei a noite inteira com Zarina, fechados no quarto na mesma casa onde a mulher que vivia comigo a um ano silenciosamente nos escutava sozinha noutro quarto. Isso era frio, até para mim.

Mas como homem tinha que arcar com as consequências. Passei a mão na boca já estressado logo de manhã. E ainda tinha a droga do acordo! Fodas, esse dia estava começando *super* bem. Tsc.

Não tinha como fugir mais, hoje era o maldito dia que Zarina prometeu a sei lá quem que entregaria a mercadoria e como a teimosa não me deixou conversar com ela nessa ultimas duas semanas, não tive como fazê-la desistir dessa loucura ou saber com quem lidávamos.

Agora não tinha cura, tinha que ir até ao fundo desse plano louco ou Zarina morreria, estava certo disso. Com esse tipo de gente não se brincava. Suspirando levantei da cama para uma Zarina sonolenta e muito nua surpreender-me.

- Volta para cama, Dante. - Ela bocejou cheia de sono depositando o braço no meu colo.

Não deu para sorrir, era primeira vez que a via assim. Logo de manhã e nua na minha cama feito minha mulher e a visão dela toda satisfeita e sem uma ruga de preocupação fez-me ficar bobo. Um sentimento nostálgico invadiu-me.

Será que algum dia eu teria isso? Uma mulher para chamar de minha? Exclusivamente minha? Acordar e dormir com a mesma pessoa todos os dias, quem sabe até formar uma família.

Dante... esses pensamentos era perigosos e não foram feitos para homens que levavam uma vida como eu. O que eu tinha a

oferecer. Uma vida de fugitivo? Podia até soar aventureiro no principio mas e depois... aventura cansa e todo mundo no fundo quer sentar e apreciar a vida sossegadamente no fim.

O grande exemplo disso era as duas mulheres que passaram na minha vida que chegaram a significar algo: Zarina e Marisol. As duas estavam seriamente machucadas por minha causa. De um jeito ou outro, minha entrada nas suas vidas não foi algo prospero.

- Dante? - Seu murmúrio afastou meus pensamentos.

- Volta a dormir boneca. - Depositei um suave beijo na sua testa.

Ela sorriu e fechou os olhos ao meu comando. Era bom fingir que nada estava errado e o céu era eternamente azul. Naquele momento Zarina era eternamente minha.

Decidido sai da cama deixando de apreciar a tranquilidade do seu sono mais algumas horas antes de botarmos o pé na estrada. O dia seria longo.

- Pra quê as malas Marisol? - Perguntei surpreso assim que entrei no meu quarto.

Marisol olhou-me resignada, seus lindos olhos verdes estavam cansados com machas negras. Claramente passou a noite em claro e chorando. Pensei que não sentisse nada por ela, mas... lhe ver assim tao triste, mexeu comigo.

- O que esperavas Grego, não, espere, Dante. Não é? - Não você também Marisol.

- Marisol... - mas o que possivelmente eu poderia dizer?

- Olha Grego— seja lá qual for seu nome— o que realmente esperavas que acontecesse?

Sua pergunta foi respondida por silêncio. - Precisamente. Grego, eu não guardo mágoa, podes ter certeza disso. Afinal avisaste-me o que esperar da nossa relação, mas eu não posso continuar assim. Não dá. Ontem foi a gota de água. Está claro que você e essa mulher têm assuntos inacabados e a terceira roda sabe quando se retirar de campo. E é isto que eu estou fazendo. Me retirando do campo enquanto ainda é cedo. - Ela pausou piscando as lágrimas.

Meu! Como fui magoa-la desse jeito. Marisol estava sempre alegre e a ver assim, simplesmente não combinava com a

extrovertida mulher que eu conhecia. Uma onda de respeito que eu não sabia que sentia por ela floresceu.

- O problema é que eu me apaixonei por você, mesmo sabendo que não estava disposto a investir numa relação, cai dura por você. - Ela esboçou um sorriso triste. - Mas agora chega. Está na hora de eu tomar as rédeas da minha vida e é isso que vou fazer. Eu só tenho um conselho pra te dar: trate-a melhor que eu. Se realmente gostas dela como vejo que gostas, faça melhor.

Quis refilar, contradizer, qualquer coisa. Mas não havia nada a ser dito. Marisol teve a última palavra.

Horas mais tarde na cozinha parado e pensando Zarina entrou radiante, toda feliz da vida, isso até que me viu parado no canto estudando-a sério, com cara de poucos amigos.

- Dante. - Ela disse apressadamente.

- Bem, esperavas outra pessoa?

- Poderia ser a loi— quer dizer *Marisol*. - Quanto veneno na sua voz. Se ela soubesse que a tao odiada por ela Marisol tinha mais nobreza que nós dois juntos. Pelo menos ela era honesta.

Sentido enjoando por tanta mentira, sai do canto e andei para fora a cozinha. Pausei sem olhá-la e disse sobre o ombro. - Prepara-te, finalmente vamos fechar seu preciso acordo.

Não dei tempo de ela responder, e podia sentir que agora ela queria conversar — tarde demais. Estava chateado e de mal humor, e com uma série de problemas em vista.

27: O Acordo

Iiiiih. As coisas não estavam nada, nada bem. Dante estava um silêncio de dar medo. Tentei ainda puxar papo com ele, mas simplesmente hoje a maré não estava para peixe. O voo até essa remota ilha que Edgar deu-me endereço na última hora, estava um túbulo.

Ninguém dizia nada. Dante só reparava para a janela do jacto privado que ele contractou para nos transportar a infame ilha e eu envergonhada e com medo do desconhecido enrolava ao silêncio como um manto protector.

Se Dante estava zangado agora, quem dira depois, quando descobrisse que eu tinha-o traído. Como ele iria reagir? Essa seria boa.

Finalmente consegui livrar-me da loiraça, mas estava triste. Victoria salgava na minha boca com um whisky seco e velho. Amargo pra' caramba. Mas não havia nada a se fazer. Já estávamos em percurso.

Não sabia que ele nutria sentimentos tao profundos em relação a loiraça. Quando o guarda-costas pessoal dele informou que Marisol já não fazia parte do barco, sorri pensando que Dante tinha-a dando-a um pé na bunda, depois da noite que passamos juntos, nada mais natural. Mas fiquei redondamente surpresa quando descobri que foi a própria loiraça que abandonou o barco.

Por isso o mau humor de Dante. Ele gostava dela. Só uma coisa não batia, porquê ele me escolheu em vez dela? Talvez depois de ter dormindo comigo finalmente descobriu que não sentia mais nada por mim — sei que alguma vez já sentiu. Dúvidas, dúvidas, dúvidas.

Nunca senti-me tao egoísta e impotente como agora, voando a rumo da morte de Dante em troca da vida do meu filho. Noites atrás, estava em dúvida do que fazer, mas depois da noite de ontem, eu pensei... eu cheguei a ter esperança que talvez, sei lá... talvez pudéssemos resolver nossas diferenças.

Mas a maneira fria que ele abordou-me de manhã, quebrou todos meus sonhos de um final feliz, a única coisa que eu poderia fazer agora é rezar para tudo dar certo. Respirando profundamente tentando domar meus nervos peguei na pasta que continha minha arma, uma pequena pistola, presente do Director Gregório depois daquele motim na prisão para protecção.

Essa arma seria minha salvação e a salvação da minha família. Não ia deixar nada acontecer com Dante. Jurei. E dessa vez iria cumprir minha promessa. Ele poderia me odiar, nunca mais querer olhar na minha cara, mas pelo menos estaria vivo.

O resto, são cantigas.

Chegado no nosso destino descemos num aeroporto improvisado, olhei ao lugar e petrifiquei. Estávamos rodeados de água. Em que raios do lugar estávamos! Dante lançou-me um olhar cauteloso lembrando-me de manter a clama.

Respirei fundo e estudei meu redor. A única rota de escape seria voltar ao jacto e estávamos a céu aberto, alvo fácil. Merda! Quatro homens grandes de ascendência claramente latina armados, vestidos de preto vieram ao nosso encontro.

- Mãos para cima. - Engoli saliva e olhei para Dante, procurando suporte.

Ele levantou as mãos e eu fiz o mesmo. Os homens procuram por armas em nós, comecei a rezar todas orações que eu conheci prendendo a respiração e segurando minha minúscula carteira do lado.

Graças aos céus ninguém vasculhou minha carteira. Ignoraram um mísero acessório feminino e quando a busca terminou suspirei de alívio. Voltando a respirar normalmente. Satisfeitos com o resultando, os homens assustadores digno de estarem no placo de WWF sorriram. Era melhor que eles tivessem ficando sérios.

- Por aqui. - Olhei mas uma vez para Dante e sem um traço de humor ele obedeceu e eu feito um cachorrinho segui-o.

Entramos num grande SUV preto e o carro pôs-se a andar, rumo ao desconhecido. A ilha era linda e pequena, porque em pouco tempo chegamos a uma grande mansão. Se não estivesse tao aflita, consideraria isto um paraíso.

- Chegamos, - o sotaque latino estava evidente agora.

Descemos do SUV e fomos escoltados para um porrão meio sombrio onde um outro casal estava, franzi a testa e Dante estava igualmente confuso. Quando juntamos ao casal de estranhos, um homem negro e uma mulher que parecia uma mistura exótica de sangue latino e africano olharmo-nos com desconfiança

Contudo assunções foram caladas quando armas accionaram e Dante agarrou-me cobrindo meu corpo e o outro homem fez o mesmo com a mulher, claramente um casal, no sentido literal.

Uma onda de palmas ouviu-se e do escuro emergiu um homem vestido de branco e casualmente, que eu consideraria bonito de pele cremosa se não fosse pelo brilho maníaco e focado dos seus olhos. Engoli saliva. Isto estava saindo fora do controlo.

- Bem-vindo a minha humilde residência. Edgar ao seu dispor.

Então esse era o tal de Edgar. O homem que tinha a vida do meu filho nas suas mãos. Desgraçado.

- Edgar? - A mulher saiu das costas do homem sobressaltada, claramente não esperava por isto, isto fez-me franzir ainda mais. Que raio estava acontecendo aqui.

- Rosita, minha querida. - Ele sorriu friamente. Dava-me impressão de que ele não sabia sorrir de outro jeito. - Glorioso te ver aqui, nessa minha pequena festa privada.

- Mas... - a mulher começou a hiperventilar. - Mas... estavas morto. Eu vi, Morto. Como?

O sorriso pretensioso morreu. - Como vês, sobrevivi a sua traição Rosita. Estou vivo, e pronta para devolver o favor.

Com olhos arregalados a mulher olhou para o homem que tinha culpa evidente no cartório, - Ella, eu. Desculpa, mas... - uma bofetada ecoou no porrão.

Em choque encostei-me mais a Dante. Algo estava errado aqui, muito errado. - Mas que merda vem a ser isso! O que queres com Zarina? Não tenho tempo a perder... - Cansado de drama Dante expressou-se

- Outro triado. - Edgar disse naturalmente.

- Como?

- Pergunte a sua mulher *Dante Santiago*.

Merda! Dante puxou-me das suas costas. - Zarina? - Sua voz exigia nada mais, nada menos que a verdade.

- Dante, eu... eu... - comecei a gaguejar, não sabia o que dizer. Mas compressão brilhou nos seus olhos claros que ficaram nublados. Vi quando dor profunda abalou suas estruturas. Ele fechou os olhos por um segundo e quando abriu o Dante que eu conhecia já não estava mais aí.

Agora era oficial, ele nunca mais iria-me perdoar. - Traíste-me? - A pergunta era simples, mas não consegui responder.

- Isso é melhor que *E! news*. Agora chega de drama, não tenho todo tempo do mundo como Sr. Santiago e sejamos breve. Claro primeiro as apresentações. Rosita, ou Ella, como preferirem, é a mulher que me traiu. A que sem piedade matou o homem que dizia que amava. Garota ambiciosa, você, hein?

Todos olhamos para a tal Ella ou Rosa, mas seu olhar estava cravado no homem ao seu lado que estava com a cabeça em baixo.

- E claro ao seu lado temos um par a altura, o famoso Michael, o grande Michael, o agente infiltrado da OMCC, o homem que destruiu minha família, lembra da Carmina, *cabrón*?

- Edgar, sabes muito bem que não foi assim que a história aconteceu.

- E como foi, *cabrón*?

- Espera aí, Michael é o homem que matou sua irmã? - A mulher perguntou incrédula.

- O único. E ah, ia esquecendo. Ele concordou em te trocar.

- Chega! - Disse o homem, o tal de Michael. - Cadê minha irmã!

Edgar sorriu, - eu disse Michael. Sangue por sangue.

- Seu desgraçado! Cadê Júlia. Você deu sua palavra.

- Que se você entregasse essa bandida, eu soltaria Júlia. - Edgar gargalhou com vontade. - Nem sonhando. Júlia é minha Michael.

- Fizeste acordo com *e/le* Michael? - Dor evidente tomou conta da Ella.

Foi quando tudo clicou. Estávamos lascados. Edgar não tinha intenção de soltar ninguém, isto era sua pessoal vendeta. Eu trouxe Dante a sua morte e Edu?

- Meu filho! Cade meu filho Edgar! - Gritei começando a entrar em pânico.

- Filho? - Dante olhou para mim confuso. - Como assim *filho*, Zarina?

- Oh... a *muchacha* não contou. Ele é mamãe. De um lindo garoto de 2 e pouco anos, sim, Zarina? - Mais uma vez o olhar de Dante acusou-me de traidora. - Isso me leva a Dante Santiago, o homem que matou meu irmão.

- Que irmão! - Dante estava a um passo de explodir.

- Rico é claro. - Compressão finalmente banhou seu rosto.

- Então tudo isso é pra vingar Rico? - Perguntou debochando e olhou para mim. - E você fez parte disso.

- Dante, entenda. Eu não tinha escolha, era você ou Edu!

- Claro, e escolheste esse tal de Edu— como assim Edu? Também não importa! Eu já deveria saber que és uma trairá. Me traíste com James e agora com este infeliz.

- Espera aí, eu não te traia com James, eu—

- Eu não quero saber Zarina. - Sua atenção desviou a Edgar. - Bem *Edgar*, o quê pretendes fazer connosco, tens todos seus inimigos na mesma sala. Parabéns, e agora?

Edgar contorceu os lábios. - Aniquilar-vos, claro.

- Não podes fazer isso Edgar. Nós-nós temos uma filha. Clara. E ela precisada da sua mãe. Quem vai tomar conta dela? - Pela primeira vez vi desespero na mulher e medo, mas não medo por sua vida, mas sim pelo futuro da sua filha. Isso, eu entendia.

- Filha? Mentirosa!

- Edgar! Verdade.

- Cala boca puta.

- É verdade Edgar, Clara existe e só agora que eu sei que ela é sua filha. - Disse Michael com um tom acusatório, mas Ella não ligou.

- Além de me mandar para o inferno, roubaste minha filha, sua puta!

Edgar apontou a arma a Ella e do nada Michael tirou sua arma apontado a Edgar, - nem pense *compadre*.

Essa era minha oportunidade, tirei minha pistola e apontei a Edgar, várias armas apontaram a nós. - Zarina! - Dante sobressaltou.

- Eu. quero. Meu. Filho. E Dante fora daqui ou eu mato-te. - Fiz minha demanda supressa comigo mesma. Não tremi por um segundo. Por esses homens eu mataria.

Edgar gargalhou, - devo confessar que tens mais bolas que muitos dos meus homens, pena que não posso-te manter, uma mulher como tu faria diferença no meu quartel.

- Zarina, baixa a arma e passe-me. - Cautelosamente Dante se aproximava. Mas nada iria-me desviar. Era a vida dos homens que eu amava. Amava Dante? Sim.

Edgar não teve de ultimar o insulto porquê uma voz feminina cortou entrando no porrão correndo. Edgar baixou a arma e olhou preocupada a mulher.

- Ed! O que estas a fazer? Deixe essas pessoas ir! - Disse alarmada a mulher, com respiração ofegante.

- Júlia! - Edgar e Michael gritaram ao mesmo tempo, Edgar baixando a arma.

- Júlia vem pra aqui, não fique perto desse lunático! - Michael gritou, quem era essa mulher?

- O quê! - Edgar reclamou, dava para notar que a mulher significava algo para ele.

- Michael, mano. Baixe a arma. Edgar não vai fazer mal para ninguém, eu prometo. Não é Ed?

- Júlia, o que você está dizendo! Sai da frente.

- Não! - A louca tapava a mira de Edgar. - Ninguém vai machucar Edgar.

- Júlia!

- Michael, eu o amo, por favor baixe a arma. - Rogou a tal júlia, a beira das lágrimas.

- Como? - Assino em baixo, como alguém pode amar um lunático como esse homem!

- Tu só podes ser a Zarina. - Meus olhos ascenderam. - Eu tenho seu filho comigo.

- Cade meu filho! - Exigi com a arma apontada nela e Edgar pos um braço protector nela. Ameaçando-me com olhar.

- Eu o darei se me prometeres que vais baixar a arma e não atirar em Edgar. - Prontamente baixei a arma. - Eu quero sua palavra.

- Eu dou a droga da palavra! Agora cade meu filho! - Estava fincado histérica.

- Tragam Edu aqui, - a mulher ordenou a uns dos homens armados. O homem hesitou por um segundo, mas Edgar acenou e no minuto depois Edu entrou na sala, quando vi o rosto do meu filhote desatei em lágrimas gritando seu nome.

Edu correu aos meus braços e tirei-o do chão abraçando com tudo, - Edu, estás bem, tens comido, têm dói, dói... - uma série de perguntas escorreu fazendo uma inspecção em todo seu corpo, para quem estava sendo mantido em cativeiro, meu filho até que estava saudável. Alguém cuidava bem dele.

- Tia Júlia cuidou bem de mim. - Foi a única resposta que Edu deu. Abracei-o até ao ponto de ele reclamar e sorri feliz demais para conter minha alegria. Olhei para mulher que foi responsável por esse final feliz e acenei em agradecimento.

- Agora vão. Michael, precisámos conversar, vocês ficam. Mas, sem mais brigas. *Conversar.* - Ressaltou a mulher. - Acompanhe-os a saída. - Ordenou júlia a um dos homens armados. - Tem a minha palavra que Edgar não vai vos procurar mais. Desculpe por tudo Zarina, Dante, só espero que algum dia consigam nos perdoar. Nunca foi intenção de Edgar vos magoar, só que ele não conhece nenhum outro jeito de se expressar.

Se ela diz. - Eu que agradeço por teres cuidado do meu filho. - Com isso saímos do porrão, mas desta vez completos. Dante não disse uma palavra, ele fazia as coisas automaticamente.

Quando estávamos na segurança do nosso jacto, voando para casa, finalmente relaxei. Engraçado em pouco tempo já considerava a casa da ilha minha. Botei Edu a dormir, o garoto estava fatigado. Muita aventura por hoje.

Eu também estava, mas precisava conversar com Dante. Foi difícil deixar Leo sozinho, estava com medo de ir até ao banheiro

com medo que ele evaporasse de novo, mas era imperativo falar com Dante agora, tinha que saber onde estávamos agora que tudo estava resolvido. Além de que tinha chegado a hora de abrir o jogo. Todo.

Fui a cabine de passageiros e o encontrei com um copo de whisky e cara azeda. Não tinha jeito, ia ter que mergulhar na péssima maré e rezar para não ser comida com tubarões.

- Dante. Precisamos conversar. - Dante gargalhou sem humor.

- Agora queres conversar, Zarina. - Sarcasmo banhava suas palavras.

- Olha eu sei que estás a me achar a pior pessoa do mundo, mas...

- Queres saberes Zarina. Eu tó pouco me cagando pelo que tens a dizer. Quem me garante que não é mais uma das suas mentiras.

- Mas Dante!

- Sem mas. Agora me deixe em paz. Queres conversar? Bem, eu vou-te procurar quando estiver pronto. Agora vá tomar conta do seu querido filho. Deves estar a morrer de saudades dele. Afinal não foi por ele que te sacrificaste tanto?

28: Canto da Sereia

Deixei as gotas de água escorrerem meu corpo cansado. Suspirei frustrado de baixo do chuveiro. A coisa ia de mal a pior. Nos últimos dois dias quase não sai do quarto a não ser para as tarefas mais básicas e exigentes.

Era doloroso demais ver Zarina e seu filhote brincado, rindo e se divertindo na praia como se o mundo fosse cor-de-rosa. Seu filho... quem era o pai daquela criança? Esse era o ponto crucial.

James? Não... algo dizia-me que não. Então quem foi o desgraçado que esteve com ela até implantar sua semente nela?

O que mais me irritava era que já não estava mais zangado, simplesmente triste, e o facto de eu saber que existia outro infeliz lá fora que podia ser pai do seu filho me deixava louco. Eu, *eu* queria ser o pai do seu filho. Sei lá, algo dentro de mim accionava cada vez que eu olhava para aquele pequenote, uma sensação de protecção, cuidado e carinho.

Por mais que eu quisesse, não conseguia ficar indiferente ao garoto. Ele era especial demais, fofo demais, e divertindo. Um pouco tímido, mas quando habituava com alguém, oh, era uma matraca. Não parava de falar.

Quando Zarina dava um tempo, aproveitada para conhecer o garoto, havia uma força incrível que puxava-me a ele. O problema era sua mãe. Zarina literalmente quebrou meu coração. O que ela fez...

Não sei se tinha estômago para perdoá-la. Sua traição foi demais. Me entregar ao inimigo assim? Por mais que entendesse as suas razões logicamente, meus sentimentos negavam a aceitar.

Para mim ela deveria pagar pelo que fez. E cada vez que ela tentava conversar comigo só alimentava minha raiva. Não estava preparado para ouvi-la, por isso trancava-me no quarto feito um covarde, do que enfrentar meus medos.

Suspirando, sai o banheiro só de uma toalha enrolada na cintura, chateado demais para secar-me. Fui ao armário para fisgar uma

camiseta e a porta abriu-se sobressaltando-me.

Virei abruptamente, - Zarina! Que susto.

Zarina demorou um minuto para responder, seus olhos fixos no meu peito. Aproveitei para observá-la também. Ela trazia um vestido branco comprido, simples, folgado, de alças finas que contornavam seus seios lindamente.

Sua pele brilhava, o sol das caraíbas estava a fazendo muito bem. Ela estava simplesmente radiante, com o cabelo preso desornadamente num rabo de cavalo folgado e ar de quem estava de férias.

Desejo assolou-me e isso fez-me acordar. Droga! Como ainda sentia-me tao atraído por essa mulher? A mulher que entregou minha vida de bandeja, duas fodidas vezes. E cá estava eu, o burro caindo no canto da sereia mais uma vez!

Virei minha atenção de volta ao armário, dando-lhe minhas costas. - O que queres Zarina?

- Dante, até quando estaremos assim?

Bufei, - até quando? Que tal até honestidade bater as portas e—

- Queres honestidade Dante! Ou isso é só uma desculpa pra esconder sua covardia? - *o que?* Ela me chamou de covarde?

- O que você disse? - Virei lentamente ao seu encontro.

- Você ouviu. - Ousada ela.

Levantei uma perfeita sobrancelha, - não fale sobre o que não sabes, Zarina. Isso pode acabar mal para você.

- Aê, o que vais fazer? Me amarrar na sua cama e foder-me até exaustão ou me dar uma surra para mostrar quem *é o mestre*.

- Enlouqueceu? - Suas palavras atrevidas fizeram-me dar um passo atrás.

De onde vinha isso? Certamente a Zarina que *eu* conheço, não se atreveria a falar algo do género. Não vou esconder que suas palavras fizeram-me querer desafiá-la.

- Qual é seu jogo Zarina?

- Achei que essa fosse sua área. Não mude de assunto Dante. Responda. - Exigiu ela, desafiante.

- Eu...

- Que foi, o gato comeu seu língua?

- Zarina... - essa mulher estava brincando com fogo. Muito confiante para meu gosto.

- O que foi? - Ela deu dois passos a mim e eu retrocedi.

Uma perfeita sobranceira arqueou ao mesmo tempo que um sorrisinho indisciplinado curvou seus lábios. Soltei uma risada desafiada. Os papéis estavam reversos aqui. Mas mesmo com essa consciência, deixei ela tomar as rédeas da situação.

Ela avançava e eu retraía. Por algum motivo aquele jogo estava-me excitando. A vê-la bancando a caçadora era incrível. Sem em dar conta meus joelhos bateram a cama e perdi o equilíbrio quando Zarina empurrou-me a ela.

Cai de costas, e não tive tempo de superar a queda. Ela veio em cima de mim e escarranchou-se no meu colo. E como resposta ao contacto senti-me acordar sobre a toalha. Droga Zarina!

- Zarina.

- Shh. Não fale nada Dante, apenas sinta.

Quis protestar, mas minhas objeções morreram rapidinho quando ela curvou-se a mim, e senti seus lábios em meus mamilos. Fechei os olhos resmungando em rendição. Era mais forte que eu.

Ela fez o trajecto com sua língua devassa e quente ao longo do meu peitoral com beijos molhados até que chegou na minha toalha, posicionasse entre minhas pernas com a cabeça alineada em meu pau.

Uma energia nos ligou e levantamos o olhar, cada um absorvendo a profundidade do outro. Em seu olhar vi tudo que mil palavras não podiam dizer, essa mulher queria-me, não importa o que se passou entre nós os dois, o que importava era esse momento.

Sem trocar uma palavra ela desfez minha toalha sem desviar o olhar deixando-me livre, finalmente seu olhar desceu, ela ofegou e molhou os lábios. Claramente satisfeita e assombrada. Ela nunca tinha-me visto tao de perto.

- Uau, como você é grande.

Curvei os lábios satisfeito, - isso é um elogio?

- Convencido.

- E não é?

Ela olhou-me por um segundo, engoliu saliva e meneou a cabeça freneticamente. – Dante, - mordeu o lábio nervosa. - Eu quero, eu quero... - era engraçando vê-la debatendo-se para achar a palavra certa. Mas seu olhar dizia exactamente *o quê* ela queria.

- Queres-me *beijar*, ali. - Disse sugestivo.

Seus olhos arregalaram por um minuto, vi-a engolir saliva e tentativamente respondeu. - *Sim*.

- Bom, então faça. - Ordenei, morrendo da vontade de sentir sua boca em mim.

- Dante, eu nunca fiz isto. - Disse baixinho e isso ascendeu minha curiosidade, além de que o sentimento de possessividade aumentou. Era bom ser o primeiro, muito bom.

- Neste caso deixe que eu te ensine.

- Ensinar? - Ela perguntou boquiaberta e inocente.

Sorri gostando de como isso estava começando.

Seus olhos desviaram aos meus olhando-me inocentemente. - *Sim*, ensinar-te.

Sentei-me na cama com ela ainda nas minhas pernas, submissa ao meu desejo. - Para começar ponha a mão em mim, - e a desgraçada fez. Pulsei em sua mão, louco para sentir seus lábios. Senti o calor da sua mão fechando no meu pau, e não parou por ai, começou a movimentar lentamente, cima... baixo... cima. - Zarina! - Grunhi, ela estava-me deixando louco.

Ela sorriu com uma inocência fingida. - Safada. - Ela gargalhou.

Era bom ouvir Zarina rir sem um traço de preocupação, ela era linda assim, sorridente, feliz. Gostaria que ela estivesse sempre assim, mas será que ainda era possível?

Seus movimentos sinuosos estremeceram meu corpo, acordando minha mente ao presente. - Agora lamba a ponta.

Dava para ver como ela estava insegura dos seus movimentos e podia sentir a onda da vergonha tomá-la, mas mesmo assim, sua cabeça inclinou e fez exactamente o que a mandei.

Boa garota. Só por aquele singelo contacto com sua língua, rosnei. Ela sorriu, ah, então é assim, é? Vamos ver até onde sua super coragem vai.

- Faça outra vez... ah, ah, ah... desta vez olhe-me.

Dois pontos para Dante. Sentia-a engolir saliva, mas mais uma vez, coragem a abraçou. Ela olhou para mim, directamente nos olhos o que me pôs um tanto surpreso pela sua ousadia e escorreu a língua na minha abertura.

- Fodas, Zarina! - Não aguentei, - desse jeito eu não aguento muito tempo.

- Nem ouse. Estou só começando.

Caramba, eu criei um mostro. - Zar... - palavras morreram quando sua boca desceu e chupou-me como se ela tivesse feito isso a vida inteira. Continuamos naquela dança, ela mamando-me com vontade sem desviar o olhar.

Só de olhar o oco das suas bochechas e seus olhos vidrados de prazer, era suficiente para me por na berlinda. Essa garota era nota mil.

Essa mulher não existia. Ela nasceu para isso. Quando pensei que não ficaria melhor que isso ela me surpreendeu pondo sua mão nos meus pesados testículos, loucos por liberação.

Isso foi a minha ruína, - Zarina! - Peguei num punho do seu cabelo e a fiz tomar mais de mim, estava longe e louco demais para ver a razão naquele momento, queria sentir sua boca envolvendo-me em toda minha longitude.

Um assobio baixo retumbou das profundezas da minha garganta, se ela continuasse fazendo isso... - Zarina, eu vou... - avisei-lhe para que ela tivesse a chance de se afastar, mas a desgraçada continuou chupando, com mais entusiasmo ainda. - *Lançar*.

Era tarde demais para me afastar, meus sentidos congelaram, concentrando-se unicamente no prazer estrondoso que a língua talentosa dela providenciava. Com um brutal rugido ejaculei, oferecendo-a toda minha semente, e para minha felicidade ela aceitou tudinho.

Com cada gota engolida Zarina lambeu os lábios num murmúrio gostoso e abriu os olhos lentamente, seus globos repletos de desejo. Seu olhar mudou numa fracção de segundo.

De satisfação a insegurança, entendi perfeitamente, ela procurava aprovação. - Foste o máximo Zarina. Agora vem cá. - Ela sorriu daquele jeito sem-jeito de que eu gostava e sentia falta.

Não demorou um segundo, ela jogou-se nos meus braços. Apertei-a no meu abraço caindo juntos na cama. Senti seu cheiro, o perfume dos seus cabelos, o cheiro e calor envolvente único da sua pele, e tranquilamente fechei os olhos apreciando o paraíso.

Quando voltamos finalmente a terra, silêncio tornou-se insuportável. Havia um buraco enorme entre nós e precisava ser tapado antes que se tornasse tao profundo que seria impossível preencher. Decidido, abri a boca mas Zarina rebateu-me.

- Dante, precisamos conversar. - Disse ela solene, trancando figuras aleatórias em meu peito.

- Eu sei. - Respondi no mesmo tom.

Ela levantou a cabeça surpresa, olhando-me assombrada. - Jura?
- O entusiasmo da sua voz disse tudo. - Vais-me deixar explicar?

- Acabaste de ganhar sua audiência. - Provoquei.

Ela palmou meu peito. - Au. Essa doeu, mulher.

Ela sorriu, - bem feito.

Era disso que eu sentia falta, essa paz interior que só sentia quando a via feliz desse jeito. Sua felicidade era a minha. Então se eu quisesse ser feliz, tinha que a fazer feliz, por isso decide que daria uma chance a nós, e se ela ainda me quisesse eu lutaria por ela.

Começar de novo. Limpo de tudo, das injustiças, dos mal-entendidos, sem rancor ou ódio, sem mentiras ou plots.

- Eu... - ambos gargalhamos por querer começar a falar ao mesmo tempo.

- Você primeiro. - Ela disse.

- Não, as damas primeiros.

- Desde quando és um cavaleiro? - Ela rebateu.

- Zarina...

- Também. Eu vou primeiro. - Ela sentou-se, cruzando os pés na cama e eu imitei seu gesto cobrindo-me com o lençol, não ficava nem bem conversámos, eu completamente nu.

- Bem, primeiro dizer que eu nunca traí-te com James, Dante. Ele me ameaçou, sabia de nós e se eu não fizesse o que ele queria, você e Edu pagariam.

- Infeliz! - Cuspi. Meu coração apertou só de lembrar o quanto tinha doído pensar que Zarina havia-me traído. Nunca mais queria experimentar aquela dor.

Apesar de tudo, alívio varreu-me só de saber que o desgraçado não fazia mais parte da nossa vida. Mas e se... - Zarina, - segurei-a com duas mãos a cabeça, fazendo-a encarar-me. - Ele te machucou, ele... - não consegui ultimar, dúvida estava corroendo-me.

- Não! Cruze, Dante. - Ela negou venereamente. Suspirei de alívio largando sua cabeça.

- Bom.

- Sabe, te odeie por muito tempo por causa de Edu e aquela história do banheiro. - Ela baixou olhar. Peguei-a pelo queixo e fiz encerrar-me.

- Zarina, não sei como te pedir desculpas. Mais saiba que se eu pudesse faria as coisas diferentes, até hoje não me perdoei. E não te culpo por me odiar, não é—

- Eu disse, *odiava*, no passado. Nesses últimos dias notei que perdi tempo de mais com ressentimento dos passados, tenho certeza que farias as coisas diferentes. Podemos não ter começado bem ou tradicionalmente, mas o importante é que eu te amo Dante Santiago, e no amor a palavra-chave é perdão.

Congelei encarando Zarina como se ela fosse uma E.T. - Você me ama? Mesmo depois de tudo que eu te fiz, orquestrar e tramar contra você?

- O que aconteceu, aconteceu Dante. Não vamos chorar em cima de leite derramado. E agora sei que o que aconteceu com Edu não foi culpa sua, pelo menos mataste o desgraçado que fez aquilo. Além de que como odiaria o pai do meu filho.

Meu coração parou, - Zarina... - não, não era possível, Deus não me abençoaria desse jeito. - Não brinque comigo. - Prendi a respiração, rezando para que fosse verdade.

- Não brincaria com um assunto desses, - ela estava falando sério. Meus olhos lacrimejaram. Eu, Dante Santiago, o homem que jurou nunca chorar estava a beira de lágrimas.

Abracei-a quase a sufocando feliz demais da vida. - Não tens ideia de quanto me fazes feliz. - Ela sorriu daquele jeito especial,

mudando minha vida.

- Porque não me disseste logo?

- Eu tentei... - estúpido!

- Desculpe por tudo, Zarina, eu prometo que nunca mais farei algo do género. - Obrigado meu Pai, agradei a Deus pelo presente que sempre quis mas sabia que não merecia. Agora tinha tudo que sempre quis, uma família. Mas...

- Zarina, eu quero começar de novo. - Fui directo ao assunto, não era homem de dar voltas.

Ela olhou assombrada por um segundo, entreabriu a boca. Fechei os olhos desesperado. Tarde demais.

- Eu sei que não mereço outra chance, mas por favor. Me perdoe. Eu...

Senti seus dedos nos meus lábios. - Shh. Eu também quero começar de novo.

Alegria invadiu meu ser. Mas desta vez tinha que ser sem mentiras, - Zarina, por mais que eu goste da ideia de "felizes para sempre", sabes que nunca será assim conosco. Eu sou um fugitivo, eu não tenho um futuro brilhante para oferecer, vais ter que mudar toda sua vida, sempre fugindo, guardando as costas, vivendo perigosamente...

- Calma Dante, respira. Eu disse que quero começar de novo, e tenho plena consciência no que estou-me metendo dessa vez. Além de que perigo atça as coisas, - disse ela sugestiva, - contado que me ames, tudo dará certo. - ela baixou o olhar. Insegurança.

- Zarina, eu te amo. -isso foi o suficiente para ascender a chama de esperança nos seus olhos.

Essa mulher não existia. Beijei-a aceitando tudo dela e abraçando um novo caminho, seria tudo e mais para ela. Contando que ela me ame, seria seu soldado, lutaria por nossa família até os fins dos meus dias.

Epílogo

- Fala sério Lola, estás a me dizer que casaste numa romântica catedral italiana e não convidaste ninguém!!!

- Ah, Zarina. Foi tudo tao inesperado. - Algo estava errado. A Lola que Zarina conhecia estaria a saltar de alegria essa hora, dançando lambada. Mas ela estava calma, diria até fria. Isso não era normal para nenhuma recém-casada.

- Mas também, como iria-te convidar, uma vez que és a "Senhora fugitiva". - Lola lembrou Zarina da sua condição, a seis meses atrás quando decidiu ficar com Dante, abriu mão da sua vida, escolhendo viver a vida de Bonnie and Clyde.

E valeu a pena. Ela era feliz. Além de que a vida era muito curta para se desperdiçar com rancores e etc. como sempre amor vencia tudo.

- OK Lola, mas e sua irmã e Anabelle? Nem elas as convidaste. - Zarina rebateu, com sobrancelha arqueada, apesar de Lola não poder ver por estar do outro lado do mundo.

Um minuto de silêncio. - Lola?

- Ah... Zarina, eu disse, foi tudo inesperado. Tomamos a decisão de supetão. E fizemos.

- Isso soa tao você Lola, mas mesmo assim, sinto que estás a me esconder algo. Porquê tenho essa sensação?

- Ah, sei lá. - Outra pausa, - olha Zarina, tenho que ir. Depois falamos, algo... *hasta la vista*. - E Lola desligou, sem ao menos dar tempo de Zarina despedir-se dela.

Seu instinto estava certo, algo grave estava acontecendo com Lola, e ela iria descobrir, mas primeiro tinha que terminar de preparar o almoço para seu marido e filho. Marido... ela nunca pensou que no final das contas viveria com Dante na sua própria versão de "felizes para sempre".

Agracia a Deus todos dias pelas benções que tinha recebido na sua vida, é claro que não era tudo cor-de-rosa, mas era um sonho

lindo. Ela observou pela janela Dante e Edu correndo pela praia atrás de uma estúpida bola. Homens!

No início foi meio difícil a integração do conceito pai e filho para os dois, mas depois de algum tempo, eram como unha e carne, ela até se sentia excluída algumas vezes.

Terminou de preparar o almoço e chamou os dois homens da sua vida para um típico almoço de família.

Do outro lado da rua um grupo de homens vestidos de pretos, armados até os dentes monitorava cada actividade de Dante e sua família MINUCIOSAMENTE.

- E agora? - Perguntou uns dos homens.

- Agora a gente espera, na hora certa atacamos.

- Achas que ele aceitará nossa proposta? Olha só para o cara, ele parece ter tudo que precisa.

O chefe da operação sorriu, - com a motivação certa sim.

O homem arqueou a sobrancelha, num olhar admirável, seu parceiro era maléfico. Pensava em tudo. Mascando pastilha acenou e deixou seu parceiro bancar o maquiavélico, tramando os próximos passos da sua operação.

O chefe da operação deu um *close* na mulher de Dante com sua sniper de longo alcance e sorriu. - Tic, tac, Dante, aproveite a sua família. - E seu dedo posicionou-se no gatilho.

Termos e Glossário

Borracho: bêbado

Cabrón: cabrao

Chica: mulher bonita

Chichis: peitos

Conga a maco: filho da puta

Maguana machibesse: amanhã de manhã

Mamacita: mulher atraente

Muanâmbua: cão/cadela

Muchacha: mulher

Mwaita bassa: fizeste muito, muito obrigada

Nana: irmã mais velha

Nbogue: feio

Ndanenta: já não aguento mais.

Ninji: o quê

Padwoco basse: pouco

Pendejo: idiota

Si: sim

Speed: rapidez

Vero: verdade

Xiphoko: fantasma

Muito obrigada por terem comprado *Coração Bandido*, o primeiro livro da série Mulheres com M Maiúscula, espero imensamente que tenha gostado.

Não esquecem de escrever um review do livro, e também em: [Goodreads](#), [Skoob](#), e ajude outras pessoas a se deliciarem com esta aventura, indique-a a um amigo.

Se queres ter novidades ou saber sobre meus próximos livros e os livros que estou escrever neste momento, podes-me encontrar em: [Facebook](#), [Wattpad](#), [Goodreads](#), [Twitter](#), e [Skoob](#).

E claro no meu website: www.elizabethmaiba.com

Sobre a Escritora

Gostar de ouvir fábulas e contos africanos passados de geração em geração, ao dormir ou a beira da fogueira, comendo maçaroca assada no fogo despertou meu interesse para o mundo de imaginação dentro de mim.

Não esquecendo das magníficas histórias gregas que me faziam viajar a um outro nível astral.

Quando descobri o mundo mágico de Wattpad, onde cada pessoa podia se expressar de forma diferente e partilhar seu mundo interior, explodi de alegria. Desde então venho postando as loucas aventuras que desencadeiam na minha mente, como método de aliviar a mente (me ajuda a não enlouquecer).

Escrever para mim é tudo, dizer que é agradável, é eufemismo. O primeiro livro a ser mostrado para o mundo lá fora foi: "Apaixonada por um Vampiro? Não!" Um romance de um amor impossível e proibido, entre duas peças incompatíveis, que surgiu de um sonho.

Visite o meu site: www.elizabethmaiba.com

Leia outros livros grátis em:

<http://www.wattpad.com/user/ElizabethMaiba>

Gostou do livro, então não deixe de ler o livro a baixo

Morte, Reencarnação e Ressurreição

"Morte não é um ponto final... mas sim um começo..."

Pode alguém vencer a morte?

Bem-vindo a vida de Nicole Melo, a marcada pela morte. Nicole deu um giro de 360° para satisfazer-se profissionalmente mudando-se para Inigma, conhecida como a "ilha encantada". A pior decisão da sua vida. Pois lá o relógio-da-morte começou a contar e sem aviso prévio a lançaram profundamente e sem saída no mundo das sombras, caminhando lado a lado com as sombras.

O que fazer quando a morte vive dentro de se e não tens como escapá-la?

Lute lado a lado com Nicole, e ajudei-a a vencer a batalha pela sua vida e direito ao seu corpo de modo que sua alma tenha um santuário e ficar com o homem que ela ama, nem que para isso ela tenha que passar por Morte, Reencarnação e Ressurreição.

Prologo

Taú pegou no seu celular resmungando. *Não posso nem sucumbir a minha tristeza em paz.*

“Aya.”

O número de sua *queridíssima* mãe ascendia no visor. Ele sabia que não tinha como escapar de Aya, de um jeito ou outro, ela iria-lhe localizar. Não era a toa, que a ela era conhecida como, Aya a Milenar.

Passando a mão no rosto, cansado, ele atendeu. Nem se importou em cumprimentar, nem nada. Por causa dela, ele estava nesta situação. Miserável da vida. Sem sua doce namorada por perto.

-O plano está em acção, a morte já marcou-a.-E desligou.

Ele não tinha que fingir que estava contente com a situação, então Aya que se danasse. Ele tinha feito tudo de acordo com o plano, menos apaixonar-se. Mas... em fim.

Tirou a bateria e afundou num seu esplendido vazio apartamento. Ele queria acordar, ser normal, chorar, *amar*—poder ficar com Nicole, mas ela não estava predestinada a ele, ela estava marcada. Pela morte, e ele só foi o catalisador. O beijo da morte.— Como uma pessoa normal. Mas ele não podia.

Ele era imortal.

1: A Mudança

“Supermodel!”

As batidas da música *Supermodel* de Rupaul ecoavam no salão combinando com o andar das modelos que desfilavam na passarela, exibindo a nova coleção primavera/verão da DIVINE—umas das maiores empresas de Moda— desenhadas por sua mais nova contratada, Nicole Melo.

Nicole encontrava-se nos bastidores toda atrapalhada, organizando o desfile e dando os últimos retoques nas suas modelos que entravam e saíam de cena num *flash*, ela estava nervosa e cansada, com toda razão, em apenas duas semanas sua vida deu uma volta de 360°.

Numa normal manhã de segunda-feira Nicole encontrava-se no seu escritório trabalhando quando o celular tocou,

- Bom dia, estou a falar com Nicole Melo?- Perguntou uma mulher do outro lado da linha com um sotaque engraçado e elegante.

-Sim?- Respondeu Nicole confusa.

-Daqui é a Senhora Cármen Gates, representante da DIVINE em Inigma. Estou ligando porque a nossa empresa tem uma proposta a lhe fazer,- Seu coração parou por um breve segundo. DIVINE! A *DIVINE* que ela conhecia?! Isto só poderia ser um sonho.

- Sou toda ouvida.- Articulou Nicole depois que superou da surpresa.

A partir daquele momento sua vida tomou outro rumo, ela aceitou a proposta de trabalhar na DIVINE, sem pestanejar. Era uma oportunidade única e ela não era burra nem nada de deixar passar, DIVINE era uma marca bem conceituada no mundo da moda, o sonho de muitos estilistas era trabalhar lá.

Como ela poderia negar isto?

A única coisa que lhe chateava era por ser em Inigma, Inigma? Não sabia nada sobre Inigma além de que consoante Google era considerada a ilha encantada, por possuir várias lendas fantásticas e urbanas. Diziam que havia de tudo por lá. Começando de

feiticeiros, vampiros, mostro da noite, e a lista continua. Um website até ousou dizer que era o lar de Zangues o Filho de Dragão, um lendário feiticeiro com poderes inimagináveis que pertencia a uma aristocrática lendária família de feiticeiros, que após serem aniquilados pela população local, viraram vampiros, ou fantasmas que surgiam em plena noite para sugar o sangue de suas vítimas adormecidas.

Mas também, nada lhe prendia em Moçambique, seu ex-namorado Taú era história sem volta, diga-se de passagem. Seu namoro teve um fim desastroso, que até hoje ela não entendeu porquê. Afinal de contas eles estavam bem. Bem, pelo menos ela estava... Mas agora o que importava era ela, sua vida e isto incluía sua carreira. Sua carreira de estilismo estava apenas começando e ela era uma jovem sonhadora, com espírito aventureiro e garras. Com apenas 25 anos, recém-formada em Moda, certamente não negaria uma oportunidade dessas.

Em menos de uma semana tratou da sua mudança com ajuda da empresa, e suas amigas do coração e mudou-se a Insignia, seu mais novo lar. Onde ela estava depositando sua fé que as coisas iriam começar a sorrir para ela.

Hoje era sua estreia, sua ascensão. Sua noite de glória e a oportunidade que tanto ansiou. O desfile já havia chegado ao fim e era a vez da estilista se apresentar no palco e fazer o público conhecer quem havia criado a obra-prima que eles apreciaram nesta noite.

Nervosamente, ela deu os últimos retoques no espelho feito para estrelas com luzes em todo lado, ajeitando o cabelo curto que abraçava as maçãs do seu rosto, encaracolados, castanho-escuro brilhante; reforçando as pregas que o prendiam.

Aplicou mais uma vez a leve maquiagem baseada em tons castanhos alaranjados para combinar com sua pele chocolate, negra, dourada. Alisou seu vestido preto cetim de gala se mirando no espelho.

Sorrio para si mesma, *hora do show.*

Entrando no palco, a elegante melódica voz do anfitrião anunciou ao público,- Senhoras e Senhores, Nicole Melo.

Palmas ecoaram no majestoso salão, enquanto ela dava alguns passos na passarela, fez uma pequena vénia ao público e voltou juntamente com suas modelos que a esperava no fim da passarela. Assim que estavam seguras nos bastidores, ela foi assaltada com parabéns e beijinhos pelo sucesso do desfile.

-Posso dizer, sem puxar saco, que o desfile foi o máximo!-Disse Beth-Uma das suas amigas confiada-animadamente feito uma purpurina.- Eu assino em baixo, Nikki todos simplesmente amaram sua coleção, escutei os comentários dos críticos.- Finalizou Caren.

-Jura!- Nicole sorriu tolamente dançando que nem uma purpurina, não acreditando que isto estava acontecendo. Suas amigas juntaram-se a famosa dança-de-alegria da Nicole e se abraçaram pulando num movimento circular.

O trio Nicole, Caren e Beth eram amigas há muito tempo, desde dos tempos de faculdade, elas vieram só acompanhar e ver o primeiro desfile da sua amiga para logo depois voltar a Moçambique.

Largaram-se rindo descontroladamente,-Isto merece uma comemoração!- Gritou Beth.

-Sim vamos ter um cocktail social agora mesmo.- Anunciou Nicole.

As duas amigas franziram. Esta era Nicole, sempre certinha demais. Elas até agora não entediam como ela aceitou se mudar a um país estrangeiro de dia para noite, Nicole não era do tipo que tomava decisões precipitadas, mas em relação a esta viagem, não pensou duas vezes. Pegou a oportunidade. Com certeza este deveria ser mesmo seu trabalho de sonhos.

-Sabes muito bem que não estou falar desta falsa comemoração, cheia de gente só tentando aparecer, mas sim, da verdadeira.- Beth disse sugestiva.

Nicole só abanou a cabeça pronta para negar, mas Caren interveio,- Vá lá Nikki, nossa última noite aqui. Não vais estragar nossa última noite juntas, vais? Sei lá quando vamos voltar a estar juntas, assim.

Nicole foi pega de jeito, elas tinha razão. Sua última noite com as amigas, o último pedaço que restava da sua vida antiga, só de pensar que não as veria por um bom tempo seu coração apertou, quis chorar, mas segurou as lágrimas.

-Vocês têm razão, depois do cocktail vamos curtir um pouco.- Nicole aceitou, piscando o olho e o trio gargalhou.- Para onde vamos, não conheço um *spot nice* aqui.

- Não se preocupe com isto, Super Beth já tratou de tudo. Vamos a um clube, dizem estar a bater. Inferno...

- *Inferno?* - Questionou Nicole, com uma sobrancelha levantada.

- Sim, uma discoteca muito frequentada aqui confia em mim. Não vais esquecer desta noite, podes ter certeza.

Oh, sim. Disso eu tenho certeza. Beth era praticamente louca. Mas mesmo assim decidiu guardar seu pensamento para si mesma.

- *OK,* - Nicole simplesmente aceitou, não estava a fim de discordar com suas amigas. Afinal hoje era dia de festa e tudo podia rolar, mesmo ir a um lugar chamado *Inferno*.

O trio se dirigiu ao cocktail onde Nicole recebeu vários parabéns, verdadeiros e falsos. Alguns dos seus novos colegas estavam com inveja do sucesso instantâneo da sua coleção, as pessoas diziam:

"Coleção fresca,"

"Desfile super bem organizado,"

"Ousado!"

E muito mais...

Depois do cocktail elas foram a famosa discoteca Inferno, a entrada estava entulhada de pessoas, realmente Beth tinha razão, a discoteca era animada mesmo, elas conseguiram entrar. Escolheram um lugar privado na área V.I.P e observaram o ambiente em volta.

Pessoas dançavam e ficavam por todo lado, outros só bebiam como elas, apreciando as pessoas bonita e sexy que preenchia o espaço, os olhos da Nicole viajavam por todo salão scanneando o ambiente até que pousaram em alguém.

No balcão do bar estava o homem mais bonito que ela já havia visto—em carne e osso, não em revistas ou filmes—, sua aura perigosa e misteriosa fez ela querer ir a ele, uma coisa nele

chamava-a, ele era a personificação da virilidade masculina. Com queixo quadrado, maçãs do rosto altas, traços masculinos faciais bem delineados. Lábios pálidos vermelhos, cabelo curto preto, em um *buzz cut* super in. Sua pele café resplandecia com as luzes do clube, dando-o um ar surreal. E pelas costas larga que ele possuía ela sabia que ele era musculoso também.

Ele bebia sua cerveja no balcão dando grandes goles, conversando com seu amigo que não ficava atrás quanto a beleza também— possuía uma ascendência latina, pele beijada pelo sol, com a cabeça num corte caro de Estrela de Rock e traços humorados, com um sorriso característico de quem vive aprontando. Como ele estava em frente a ela, bloqueando seu objecto de fascinação, deu para o ver melhor, que seu amigo bonito.

Mas deu para dar uma boa sacada nele, o bonito vestia umas calças jeans feitas a medida, com uma jaqueta de couro preta feito motociclista. Sua boca se movia singelamente enquanto ele falava, como seria beijar aqueles apetitosos lábios vermelhos? Ela se viu perguntando sem saber de onde esta ideia tinha vindo. Abanou a cabeça tentando limpá-la.

-O que foi Nikki?- Questionou Caren.

- Na-nada,- gaguejou Nicole, se traindo. Ela sabia que iria ter que contar tudo a suas amigas agora.

-Fala sério Nikki, estás pálida, alguma coisa séria?- Perguntou Caren, agora preocupada.

Nicole freneticamente abanou a cabeça boquiaberta, incapaz de falar, e olhou para seu mistério homem do outro lado do clube, suas amigas seguiram seu olhar e engasgaram.

- Ndaneta!-Beth recorreu a língua materna, não aguentando.- Diz que aquilo é uma miragem, ou esse homem, é filho de Afrodite e Apolo, para ser tão... comestível assim. Fodas! O tipo é uma brasa. Boa escolha Nikki.- Elogiou Beth babando.

- Na-na-não.

- Não precisa se justificar Nikki, somos todos humanos e francamente por um homem desses, eu iria até a China, só para ter

um gostinho e morreria feliz. Apesar de não fazer seu tipo 'os certinhos', dou-te toda força, vai em frente.

Desta vez foi Nicole quem engasgou com uma tosse incessante. Caren bateu suas costas, o que lhe fez parar,- Do...(cof)...você... (cof)... está falando?!- Disse Nicole recuperando-se do ataque de tosse.

-Santa inocência,-reclamou Beth olhando para o tecto da discoteca,- Tá na cara que o queres.

-Eu não o quero, nem se quer o conheço,- negou redondamente Nicole, tentando se defender.

Caren e Beth gargalharam,- E desde quando precisamos conhecer alguém para desejá-la.

Pasma, Nicole quis refilar, mas não lhe deram tempo,- Amiga, se você não deseja um homem desses então só posso concluir que és lésbica.

-Eu não sou lésbica!- Protestou imediatamente Nicole fazendo suas amigas gargalhar.

Beth contornou um sorriso malicioso,- Prova.

- Como assim?

- Vai até ao senhor 'gostosão' aí e arranque um beijo dele aqui, agora.

- Você endoidou! Nicole gritou e sussurrou ao mesmo tempo assombrada.

Elas nem ligaram e continuaram,- Vá lá, não deve ser tão difícil arrancar um beijo de um gato desses, mostra sua parte leoa predadora. *Miau...*- elas brincaram fazendo garras predadoras sexy.

- Vocês só podem estar brincado comigo, acham mesmo que eu vou-me submeter a este papel.

- Ah Nikki, deixa de ser estraga prazer. Viva um pouco. Lembra que você me deve uma, não estamos pedindo para você dormir com o cara, só um beijinho. Faça algo realmente ousado uma vez na vida, além de que esta é uma noite de comemoração. Vale tudo. *Lembra?*

Grr! E como lembro.

Nicole ponderou, e voltou a olhar para o cara misterioso. Realmente um beijo não mataria ninguém e quais sãs as chances

dela encontrar com ele de novo, praticamente 0%. Então porque não aproveitar hoje, *só hoje*.

Afinal que um inocente beijo poderia desencadear?

-Eu vou.- Suspirando profundamente, adquirindo coragem, ela levantou.

Ela aceitou o desafio surpreendendo suas amigas que ficaram boquiabertas, elas não esperavam que Nicole realmente aceitasse o desafio. Ela não deu tempo delas recuperarem do espanto, foi caçar sua presa.

Dirigiu-se onde estava os dois homens bonitos no canto do bar, sua consciência gritando a todo tempo, *Não faça isto, perigo*. Mas ela não ouviu, precisava provar para si mesma que ela era ousada. O homem era bonito demais para deixar passar. Bonito de um jeito perigoso, *excitante*, coisa que sejam sinceros, estava faltando na sua vida. E lá foi ela a procura de sua *excitação*.

Parou nas suas costas chamando a atenção de todos menos dele, respirou fundo contando até 3 e tocou no seu ombro de modo hesitante.

Ele virou-se lentamente, providenciando um autêntico *show* de tirar o fôlego enquanto sua figura virava-se a ela aumentando sua ansiedade, mas ela se arrependeu assim que seus olhos se encontraram, sua aparência perigosamente sexy agora estava monstruosamente cheia de ódio, seus olhos castanho *muito*-claro faiscaram tornando-se dourados, isto fez Nicole dar um passo para trás.

Os olhos de Mikael dilataram quando ele enxergou quem havia tocado tão delicadamente seu ombro, ele poderia esperar tudo menos isto, algo há muito esquecido.

Maria?! Nãaaaao. Era truque das luzes. Ele havia bebido tanto assim? Deu um passo singelo para trás, fechou os olhos, varreu a mão pela cara e reabriu os olhos. *Bam*. Lá continuava ela.

Não. Era. Possível.

Mais que raios! O que a desgraçada estava fazendo ali? E uma desgraçada com bolas, Mikael chamaria de coragem, se não fosse pelo facto de seu movimento ter sido redondamente estúpido. Ela queria morrer.

Falando nisso, como ela estava viva? Ele matou essa desgraçada, cravando uma faca bem no fundo do seu coração, com suas próprias mãos, e agora...

2: Flashback

Insignia, Caverna dos Sacrifícios, 200 anos atrás.

Minutos antes da meia-noite, com a lua cheia misteriosamente brilhante abraçada por nuvens negras. A atmosfera pesada conjugada com rajadas de ventos forte e solo encoberto por neblina, encobriam perfeitamente o clima de batalha que se vivia no grande campo negro.

O eco das pisadas dos lobos demoníacos, e a magia desencadeada pelos cavaleiros da noite sobre a terra encoberta por neblina tremia o solo firme.

O vento afogava os gritos de clemência e guerra produzidos pelos seres da noite.

Uma batalha sangrenta decorria entre os poderosos Encarnadores Encarnador, e os Van Vitus, a linhagem pura do *Filho do Dragão*—Zangues, onde a colisão dos dentes afiados soavam como trovões do próprio deus Zeus. Apesar de ser terra sagrada e amaldiçoada, o local foi escolhido e era perfeito para batalha que decorria lá. Energia pura rodeava o lugar, buscando por almas perdidas.

Mikael Van Vitus, uns dos guerreiros mais temidos e o possível herdeiro do trono dos Van Vitus, encontrava-se em plena acção, com saliências de veia no rosto, caninos gigantescos a mostra, pupilas brancas incandescentes, nublados, com sede de sangue.

Um desafortunado Encarnador decidiu cruzar seu caminho. *Sorte minha*, Mikael sorriu não perdendo tempo, a noite era curta e cheias de mortes para coleccionar. Concentrando-se afundou sua longa azagaia no peito do Encarnador, manobrando-a ao Encarnador. Espasmos violentos emergiram do Encarnador simbolizando os últimos minutos de vida. A fera parou de lutar e seu pesado corpo de lobo caiu no chão.

O sinal da sua rendição foi à mudança dos olhos dourados amarelo para seu usual negro, para logo em seguida o espírito humano imortal passar para O Outro Lado ou desintegrar de vez. A forma lupina virou poeira e dissolveu no ar, ao esquecimento.

Mikael estava completamente satisfeito, o que lhe punha um sorriso sádico no rosto, e o facto dele saber que o espírito tinha feito a Transição e seu ao seu corpo conseqüentemente iria apodrecer no buraco qualquer que estava. As probabilidades eram que seu corpo padeceria, e seu espírito ficaria trancando no Outro Lado para sempre.

Satisfeito com sua analogia Mikael procurou por outro inimigo, mas antes vasculhou pelo seu irmão gémeo Viktor, puxando suas dreadspara trás num gesto masculino e rápido que se espalhava violentamente na sua face devido à ventania—não podia correr risco de se desconcentrar—, mas mesmo com a sua supervisão nocturna não conseguia acha-lo no imenso campo de batalha.

Preocupação surgiu nas profundezas do seu ser, seus violentos sanguinários olhos brancos mudaram para sua cor natural, castanho-claro, as saliências das veias no seu rosto voltaram ao normal, dando forma ao simples humano. E para melhor procurar por seu irmão ele chamou seu elemento,—mesmo depois de morto, ele ainda possuía alguns poderes de Zangues.— Caindo no seu abraço, cada célula do seu corpo dissolveu, juntando-se a natureza.

Como espectro voou tendo uma melhor visão do campo, que não era nada bonito tanto satisfatório. Os dois clãs estavam perdendo muitas vidas e a guerra estava longe de terminada. Algo captou sua atenção no pico da montanha. O cabelo escuro da Maria voava entrando numa caverna junto com seu irmão, ele não poderia acreditar no que via. Como seu irmão teve coragem de abandonar seus irmãos numa batalha sangrenta destas para ficar com sua mulher.

Ele nunca teve nada contra o relacionamento do seu irmão com a poderosa, linda, feiticeira Maria, mas virar as costas ao seu clã por ela, aí já era demais. Maria era uma boa aliada, seus poderes ajudaram muito o clã Van Vitus, mas agora não era hora de romantismo.

Decidido Mikael voou para o pico da montanha, a transformação mágica ocorreu antes de ele tocar o solo, magicamente suas células solidificaram-se dando forma ao humano e aterrou na beira do

precipício numa posição felina, levantou sua cabeça atentamente onde seus olhos faiscaram pelo uso do Poder da Mudança.

Assim que ele equilibrou-se foi em busca do seu irmão, a atitude dele era inadmissível, principalmente por vir de um príncipe, um puro-sangue. Zangando Mikael fez seu percurso dentro da misteriosa húmida horripilante escura caverna, uma luz fraca brilhava iluminado o fundo da caverna e ele seguiu-a até a clareza total. A caverna estava iluminada por tochas, com pequeno altar ornamentado de velas, cochas de adivinhação, panos vermelhos, artigos de magia, estilo raízes e tais, sem falar das figuras místicas rupestre gravadas nas suas paredes.

Seus nervos estavam à flor da pele pela traição do irmão, mas assim que ele conseguiu encontrar seu irmão toda raiva esvaziou e pela primeira vez Mikael sentiu medo. Maria e seu irmão estavam abraçados e a Feiticeira beijava-o enquanto empunhava uma adaga invulgar de madeira, com punho de pele de algum animal e apesar de ser de madeira, possuía um brilho de parata. Maria segurava-a nas costas do seu irmão pronta para apunhalá-lo.

Viktor, tanto quanto ele e sua família—o que restou dela— eram imortais, todos eles já haviam sido brutalmente aniquilados no Dia da Claridade e voltado como os “sugam sangue” mas mesmo assim existiam coisas que poderiam matar os mortos-vivos. Maria era uma Gamba, e com este clã não se brincava. Ela e Viktor estavam estudando formas de imortalidade, de modo que os dois pombinhos pudessem viver felizes para sempre, mas o que ele vinha agora, não tinha nada a ver com romance.

Sem pensar duas vezes Mikael foi ao encontro deles, utilizando velocidade, agilidade e arrancou a adaga de Maria no exacto momento que ela iria apunhalar Viktor pelas costas— *é uma desgraçada mesmo!*— Pegou na adaga e sem pensar apunhalou-a no ventre. O chão tremeu. Como ex-feiticeiro ele sabia que aquela arma, não era uma adaga comum. O poder que ela emanava era absoluto, hipnotizante.

Viktor via tudo em câmera-lenta, não acreditando que o amor da sua eternidade estava ser brutalmente assassinado pelo seu próprio irmão? *Não...!* O quê ele havia feito a Mikael para merecer tamanha

traição? Quando o choque evaporou ele finalmente avançou a Mikael mudando a sua forma elementar, Fogo cobriu Viktor, dos pés a cabeça. Puro fogo borbulhava nas suas veias.

Ele conseguiu derrubar Mikael no chão e começou a esmurrá-lo exigindo uma explicação do porquê tinha feito isto.

-Ela... iria... te... matar... Irmão!- Mikael gritava nas fracções de segundos que seu irmão dava-o enquanto não o atacava violentamente. Mas Viktor não o ouvia, só parou quando ouviu a débil voz da sua amada no chão, no segundo que ele ouviu-a,

Largou Mikael transformando-se e foi correndo a ela tentando salvá-la de alguma forma, mas não havia como, Feiticeiros não eram imortais, ele só poderia esperar que ela voltasse a ele, nem que fosse na forma dos que "sugam sangue" como ele, seria suficiente.

Você vai voltar, você vai volta, você... ele cantou para si mesmo, botando a maior fé nas suas palavras. Nem um destino amaldiçoado era pior que uma eternidade sem ela.

Ela está perdendo muito sangue. Seus olhos castanhos-escuros olhavam freneticamente ao frágil corpo da mulher que desvanecia aos poucos. A vida da sua amada escorregava bem entre seus dedos. E o que mais lhe doía é que ele não poderia fazer nada.

Viktor levou-a ao seu peito como forma de preservar sua vida de alguma forma, mas Maria não desistiu da sua missão, vendo a adaga por perto a agarrou com muito esforço e empunhou-a com intuito de acabar o serviço, contudo Mikael foi mas rápido. Tirou seu irmão da linha do fogo e infelizmente seu corpo foi apanhado.

Quente, fogo, dor. Esses foram uns dos muitos sentimentos que invadiram Mikael, há séculos que ele sentia absolutamente *nada* ou qualquer outra coisa. Sua pós-vida tinha lá seus benefícios. Seu corpo era frio, gelado, inatural, um mero espectro da noite. Só o sague das suas vítimas adormecidas é que o proporcionava algum tipo de prazer, satisfação.

Ele conseguiu salvar a vida do seu irmão sim, mas a adaga atravessou seu coração instalando-se profundamente, a estaca de madeira estava fazendo algo com ele. Mikael olhou-a para perguntar *porquê*, mas parou quando viu o deslumbre assassino no

brilho do seu olhar triunfante, uma imagem que certamente não esqueceria. No último suspiro Maria sussurrou-lhe,-você foi marcado.- E depois morreu.

Mikael caiu logo em seguir, mas não colidiu com o gelado chão, sim nos braços fortes do seu irmão, que primeiro olhou-o com compaixão, mas quando virou o olhar e viu sua amada estendida no chão sem vida, seu olhar mudou. Nenhuma gota de compaixão mais se viu no seu olhar.

O duro olhar de puro ódio que Viktor lançou a seu irmão foi o que fez Mikael desistir e afundar na escuridão de vez.

Seus olhos castanhos-claros registaram a última coisa que ele viria do seu irmão gêmeo, sua outra metade, sua outra identidade. Os olhos magoados cruéis castanho-escuro de Viktor, a única diferença entre eles fisicamente.

O mais triste é que ele nem teve a chance de dizer '*desculpa*' porque no fundo ele realmente sentia a dor do irmão, Viktor amava Maria, mas ela era uma traidora! O que fazer, a vida nunca foi justa.

Com muito ressentimento, ódio de Maria e pena de si mesmo e de seu irmão—*penacoisa* que ele nunca pensou que sentiria—deixou a escuridão levar-lhe...

3: Quem é Ela?

A mente de Mikael trabalhava na velocidade da luz tentando solucionar as perguntas que estouravam na sua cabeça. Terrificamente avançou ao encontro da maldita Maria, mas algo lhe impediu de alcançar seu alvo.

Alex impôs seu braço no abdómen de Mikael impedindo-o de chegar a misteriosa mulher que tirou seu amigo do sério.

-*Mikael!*-Repreendeu Alex—seu amigo de longa data— por telepatia, despertando sua razão.

- *Mikael pára com isto, estás a assustar a chica. Maldito seja. O que aconteceu? Porquê esta falta de controle?*- Continuou Alex repreendendo-o em telepatia e isto fez com que Mikael mudasse de volta a cor dos seus olhos, tornando-se castanho-claro de novo e Nicole notou abanando a cabeça desacreditando, retrocedendo mais um passo.

- *Alex é ela! A mulher que condenou minha vida. Tornou Viktor um miserável e me amaldiçoou.*

-*Tens certeza disso, ela parece inofensiva, olha só para reacção da chica. Algo não bate aqui, se essa é a mulher que fez tudo isto, então ela deve ter uma boa razão para vir até aqui, vamos lançar uma isca e dependendo da sua reacção saberemos o que fazer.*- Argumentou Alex finalizando a conversa telepata e Mikael resmungou um *sim* como resposta.

Nicole já ia sair do local, mas o homem de pele beijada pelo sol, cabelo desordenado no estilo “sai da cama, não penteei e estou sexy” dono de uma aparência colossal esboçou m sorriso angelical e predador ao mesmo tempo.

- Em que posso ajudar princesa.

Princesa? Nicole processou tudo que acabou de acontecer olhando aos dois homens calada, boquiaberta, ela ouviu um grunhido aborrecido e acordou.

- B-bem, nada. Eu... euestava de passagem.- Balbuciu ela nervosamente e rapidamente virou-se para ir embora mas um

agarro forte no seu pulso impediu-a de dar um passo adiante. Ela tremeu ao sentir o calor inebriante da mão que acaba de a tocar, fechou os olhos e exalou sentido um calafrio varrer seu corpo.

Lentamente virou-se, primeiro olhou para a mão forte que a agarrava o pulso, depois subiu ao forte braço passando pelo peito escaldante que apesar da jaqueta de couro se destacava e finalizou no rosto, concentrando-se nos irresistíveis lábios vermelhos por breves segundos para logo depois alcançar os olhos inquisitivos que a fizeram baixar a cabeça assim que entrou em contacto com eles.

-Diga-me o que vieste fazer aqui?-Cuspiu Mikael claramente ordenado, e Nicole assustada pelo tom de voz demandante disse toda verdade. Enquanto isto Alex avisou Mikael para relaxar por telepatia,- *Mikael...*

- Eu-eu...- Gaguejouela mais ainda sobre o grunhido irritado do misterioso homem fazendo com que ela continuasse mesmo com voz instável,- Minhas amigas. Elas me fizeram vir aqui e lascar um beijo em você, - seus olhos ascenderam de vergonha, como se só agora tivesse se dando conta do absurdo das suas palavras, mas com um aceno encorajador/ameaçante ela continuou.- Quer dizer, elas fizeram uma aposta que eu não teria coragem de ti beijar e para provar o contrário eu vim mostrar: *que não sou covarde...*- ultimou ela derrotada, olhando para o chão.

Mikael e Alex trocaram olhares.

- *Tens certeza que é ela mesmo?*- Perguntou Alex incrédulo por telepatia.

Mikael olhou para mulher que estava diante dele observando-a atentamente, era ela sim, mas não era ao mesmo tempo. A garota parecia inocente demais para a ferosa Maria. *Deve ser mais um dos seus truques*, pensou ele. Suas guardas subiram de novo.

-*Sinceramente, eu próprio estou em dúvida. Está claro sem dúvida alguma que é ela sim pela sua aparência, mas há algo nela que me faz crer que não são mesmas pessoas.*- Confuso.

- *Vamos averiguar isto ao fundo amigo, tente saber mais sobre ela.*- Aconselhou Alex fechando a conexão telepata.

-Certamente a princesa tem nome, não é?- Perguntou Alex sedutoramente.

Nicole sorriu nervosamente e disse,-Claro, Nicole.- Ela ia esticar o braço para apertar a mão do homem, mas constatou que ainda estava presa no agarro firme do homem misterioso e pediu silenciosamente para que ele a largasse olhando-o intensamente.

Mikael devolveu o olhar intenso e entendeu a mensagem, relutantemente largou-a. Uma ideia estalou na sua cabeça, *vou fazer o jogo dela.*

- Ma-*Nicole*, não é?- Perguntou ele esboçando um sorriso cínico estudando-a.

-Sim.- Respondeu Nicole dando uma risada nervosa.

Mikael ficou surpreendido pela sua actuação, ninguém poderia dizer que esta era a Maria que ele conheceu que de tímida não tinha nada. Mas em fim... Levou avante seu plano avisando Alex por telepatia,- *Fique atento. Se ela tentar algo não hesite. Mate-a!* Ordenou e Alex acenou acatando a ordem.

- *OK* Nicole, seu desejo será concebido.- Disse ele esboçando um sorriso malicioso, se ela conseguia actuar tão bem assim ele iria mostrar para ela que ele também era bom.

-Como?- Perguntou Nicole meio perdida.

Mas ele não explicou nada, inclinou-se a ela fechando a distância entre eles, assustada e nervosa Nicole ainda tentou afastar para trás, mas Mikael não deu tempo. Pegou-a pela cintura num gesto possessivo fazendo ela tremer e sem aviso prévio beijou-a arduamente e ferozmente.

Primeiro a sede de vingança estava implantada no beijo, mas assim que Nicole cedeu a seu ataque abrindo a boca e dando-o permissão, ele se perdeu na imensidão do beijo. Por mais que não quisesse aceitar ele gostou do beijo e *muito*.

Eles se devoravam no bar, esquecidos do mundo. Nicole não podia acreditar no que estava acontecendo. *Ela*, Nicole Melo beijando um estranho?! E ainda por cima dando o melhor beijo da sua vida, mesmo que estivesse um pouco violento.

Mikael parou de a beijar, mas não a largou do seu abraço possessivo, olhou-a nos olhos e viu como as grandes orbita chocolates douradas brilhavam de algo enigmático, sentiu o pulsar frénico do seu coração e a respiração arfada dela, a partir daquele

momento soube que esta não era Maria, Maria nunca reagiria tão humanamente.

Nicole mal conseguia respirar muito menos pensar, por céus, que beijo! Antes que ela tivesse tempo de recuperar a respiração sentiu ele beijando-a o pescoço e fechou os olhos tentando combater os gemidos de prazer, mas não conseguiu. Ele era bom demais nisso, para seu próprio bem. Algo afiado furou seu pescoço trazendo uma singela dor, mas logo passou e ele parou de a beijar no pescoço causando frustração e como consequência, ela grunhiu.

Quando Mikael ouviu o grunhido de protesto, sorriu pela primeira vez a mulher que estava nos seus braços, mas logo mascarou seu sorriso, ela poderia não ser a Maria, mas ela ainda estava na lista de suspeitas. (em primeiro lugar) Porquê ela se parecia tanto com Maria?

Ele equilibrou-a e finalmente largou-a,-agora tuas amigas não vão poder dizer que és covarde.– Disse neutro e frio, sem demonstrar emoção. Nem parece que acabava de dar um escaldante beijo, capaz de aquecer ate a Antárctida.

Envergonhada e com consciência recuperada Nicole quis abrir um buraco e si enterrar, o que ela tinha feito? Beijar um estranho que claramente a tinha beijando por pena, sem mais uma palavra ela saiu de onde estavam os dois homens. Dessa vez ninguém a travou e ela agradeceu. Não queria que ninguém visse como ela estava abalada pelo beijo.

Enquanto ela dirigia-se a sua mesa, sua mão ganhou vontade própria e viu-se tocando seus lábios, fechando os olhos, sentido o impacto do ardente beijo ainda. Nunca em sua vida alguém havia a beijando assim com tanto ardor, mas dissipou este pensamento abanando a cabeça e foi ao encontro das suas amigas que a olhavam boquiaberta.

Suas amigas lhe assaltaram de perguntas que ela respondeu, mesmo depois de terem visto, custava-lhes acreditar que Nicole, a Nicole que elas conhecia acabada de dar um beijo de tirar o fôlego.

- E então Nikki, já dissestetudo, mas o importante faltou. E aí, vai rolar algo mais além deste escaldante beijo?- Perguntou Caren

euforicamente e sonhadamente quando se referiu ao beijo pondo a mão no coração para dramatizar mais.

As duas amigas soltaram um riso abafado,- não sei, (*grr*). O beijo foi super... *vocês viram*, mas depois ele reagiu de uma forma tão fria como se não tivesse gostado e como se o beijo não o tivesse afectado. Na verdade acho que ele só fez isto por pena.- Concluiu Nicole tristemente.

-Pena!?- Caren e Beth gritaram ao mesmo tempo, *Nji!* Querida ele sentiu tudo menos pena de te, nós vimos como aquele gato te devorou, aquilo era tesãopura.- Provocou Beth.

- Beth!

-Ooooooh, seu homem tá olhando para aqui Nikki.- Disse freneticamente Caren.

As três olharam para direcção dele e viraram apressadamente feito adolescentes aprendendo a namorar, Nicole pôs a testa na palma da sua mão em sinal de exactidão e disse com a cabeça na mão,- meninas, ele não é *meu homem*, sequer conheceu seu nome.

- Vai perguntá-lo.

-Nem pensar!-Nicole imediatamente levantou a cabeça,- acho que está na hora de irmos, daqui a pouco vocês tem que apanhar um voo, por isto vamos.

- Nikki! Não vais pedir nem o número dele? Perguntou Beth incrédula.

- Não. Se for destinado a nos reencontrarmos, então assim será.

-Mas Nikki, isto não é uns dos romance que adoras ler, a vida está a te dar uma oportunidade então porquê não a agarras?- Argumentou Caren.

Nicole exalou e olhou para seu misterioso homem, sorriu fracamente dizendo baixinho,- ele é muita areia para meu camião, além de que estou sem cabeça para começar o relacionamento agora. Acabei de chegar e preciso me organizar primeiro. Vocês lembram do Taú?

Caren iria protestar, mas Nicole parou-a com o olhar. A batalha estava perdida, umas das características predominantes da Nicole era: teimosia, então não tinha como mudá-la de ideia, derrotadas elas foram embora porque realmente teriam que acordar cedo para

ir ao aeroporto, mas não antes de Nicole dar uma última boa olhada no seu mistério homem que lhe deu o melhor beijo da sua vida.

Assim que elas saíram da discoteca, Mikael exalou e voltou a respirar naturalmente, o cheiro intoxicante da enigmática mulher estava turvando seu ser. Mesmo agora que ela não estava presente seu cheiro ainda continuava forte. Seu cheiro só salientou o que ele sabia, poderia ter a mesma aparência que Maria, mas seu cheiro e jeito eram completamente diferente, sem falar que ela beijava maravilhosamente bem.

-Mikael... para quem dizia que a odiava, beijaste-a com uma paixão... oh.- Provocou humorado Alex e recebeu um olhar mortífero de Mikael que acabou com sua alegria.

-Não é ela.- Disse simplesmente Mikael.

-Quer dizer que minha intuição estava certa,- festejou triunfante Alex, o que fez com que ele recebesse outro olhar severo, mas desta vez Mikael abanou a cabeça e um pequeno sorriso contornou seus lábios.

Alex não perdeu esta oportunidade,- milagre. O *grande* Mikael Van Vitus sorriu por causa de uma mulher que ele dizia "odiar", olha como o mundo da volta.

Desta vez Mikael fez mais do que olhar, lançou um murro certo brincalhão, mas pesado na barriga do seu companheiro fazendo este cambalear. Alex primeiro olhou surpreso depois chateado, mas quando viu que Mikael gargalhava, uma coisa difícil de se ver, não conseguiu ficar zangando por muito tempo e juntou-se a seu amigo gargalhando.

Aquela mulher fez um milagre.

-Então Mikael qual é o plano, como vais a achar de novo, ouviste a conversa delas.- Mikael repetiu mentalmente toda conversa que ele havia ouvido da Nicole e suas amigas, sim este era seu nome, Nicole. E a parte que ela disse as amigas que seu beijo era devastador e melhor da sua vida fez ele esboçar um sorriso preguiçoso e satisfatório.

-Terra para Mikael,-Alex acenou a mão na sua cara despertando-o,- sei que estás no mundo "Nicole e Mikael", mas precisas acordar

borracho, há muita coisa estranha circulando por aqui e precisamos por em panos limpos antes de avançares.

Mikael franziu a testa,- não estou interessado nela, ela significa problemas e eu quero distância de problemas, além de ser parecida com Maria, só quero tirar esta história a limpo.

- *Sei*, e eu não sou um Encarnador/*sei lá mais o quê*, se isto te ajuda a dormir... De qualquer forma ainda precisas tirar esta história a limpo. Como farás isto se a deixaste ir sem sequer pedires seu número de celular.

-A marquei.- Disse Mikael calmamente.

- Você o que!?- Perguntou Alex espantando, cuspiendo sua cerveja.

- Não me olhe com essa cara, não a marquei como companheira, como vocês os Encarnadores fazem, mas sim provei uma gota apenas do seu sangue para me conectar a ela, agora saberei onde ela está quando eu quiser.

**Quer continuar a ler este livro?
Compre em [Amazon!!!](#)**

Table of Contents

- [1: A PROMESSA](#)
- [2: PANDORA](#)
- [3: HUMILDE CASA](#)
- [4: BLOCO VIP](#)
- [5: HORA H](#)
- [6: FRUTO PROIBIDO](#)
- [7: O CRIMINOSO](#)
- [8: SUPER-HOMEM](#)
- [9: BANDEIRA BRANCA](#)
- [10: A CHAVE](#)
- [11: DONZELA EM APUROS](#)
- [12: CAVALEIRO DE ARMADURA BRILHANTE](#)
- [13: NA TOCA DO LOBO](#)
- [14: CHAPEUZINHO VERMELHO](#)
- [15: ESCALA DE LIMPEZA](#)
- [16: O CAÇADOR](#)
- [17: CONEXÃO](#)
- [18: PROBLEMAS NO PARAÍSO](#)
- [19: VERDADEIRAS CORES](#)
- [20: PLANO DE FUGA](#)
- [21: FANTASMAS DO PASSADO](#)
- [22: OLÁ GREGO...](#)
- [23: ZARINA 2.0](#)
- [24: QUÍMICA](#)
- [25: MEU HOMEM](#)
- [26: ETERNAMENTE](#)
- [27: O ACORDO](#)
- [28: CANTO DA SEREIA](#)
- [EPÍLOGO](#)
- [TERMOS E GLOSSÁRIO](#)